

*pai*  
DO ANO  
ANE PIMENTEL





## Sumário

[SINOPSE](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRQADECIMENTOS](#)

[DEMAIS OBRAS DAS AUTORAS](#)

## REDES SOCIAIS

*pai*  
DO ANO  
ANE PIMENTEL

# PAI DO ANO - ANE PIMENTEL

Copyright © 2019

Copyright © 2019 ANE PIMENTEL

Capa: P.V CAPAS

Imagem: Unsplash

Diagramação Digital: Karen Dorothy

**Essa é uma obra de ficção, seu intuito  
é entreter pessoas, quaisquer semelhanças  
entre nomes, datas e acontecimentos reais,  
são mera coincidência.**

Todos os direitos reservados.

É estritamente proibida a reprodução  
e/ou armazenamento de qualquer parte  
desta obra, parcial ou completa, através  
de quaisquer meios sem o consentimento  
escrito da autora.

A violação dos direitos autorais  
é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98  
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

# Sinopse

Dizem que ter filhos é uma questão de escolha. Você pesa os prós e os contras e decide se os quer ou não. Afinal, se trata de firmar um compromisso com alguém que ainda não existe, pelo resto da vida.

Mas o que fazer quando essa opção lhe é tirada?

É o que Henry precisa descobrir.

Ao completar trinta anos, Marília ouve o seu alarme biológico soar alto e decide que é hora de ter um filho. Para isso, ela altera alguns planos sem pensar nas consequências.

Será que, nesse caso, os fins justificam os meios?

Pai do Ano chegou e promete despertar um turbilhão de sentimentos no leitor.

Você está preparado?

# Dedicatória

Ao pai do ano que nos inspirou.  
Esperamos que você seja o melhor que puder.



# Epigrafe

*Filhos... Filhos?  
Melhor não tê-los!  
Mas se não os temos  
Como sabê-los?  
Se não os temos  
Que de consulta  
Quanto silêncio  
Como os queremos!*

*Poema Enjoadinho – Vinicius de Moraes*



# Henry

Meu mundo girou, mas não como em um dia de ressaca. É mais parecido com bater a cabeça com força quando você se levanta de uma só vez e esquece que acima de você está uma maldita prateleira.

A pancada dói. Os olhos chegam a lacrimejar. E, no final das contas, você não sabe se quer vomitar, desmaiar ou fazer a dor sumir.

— Você não vai dizer nada? — ela pergunta em expectativa.

— Não sei o que dizer — respondo, tentando não impor nenhum sentimento a minha voz.

— Você tem certeza que não sabe o que me dizer? — Questiona mais uma vez e noto o seu leve balançar de pernas, indicando impaciência diante da minha inércia.

Tudo que eu queria era que ela entendesse o meu silêncio e respeitasse. Preciso de um banho longo e de uma boa refeição depois de um dia de trabalho estressante. Quem sabe mais relaxado eu não teria as palavras adequadas para ela?

Entretanto, tudo que ela faz é continuar me pressionando para que eu fale. Contrariado, aciono o pisca alerta e mudo de faixa, estaciono o carro e respiro fundo antes de encará-la.

— O que você quer que eu diga?

Marília continua linda, os anos acentuaram ainda mais a sua beleza. Enquanto eu carrego marcas de expressão e alguns quilos a mais, ela se orgulha de usar o mesmo manequim de dez anos atrás.

Seus cabelos são a representação perfeita da camaleoa que ela é. Uma mulher de múltiplas facetas. Marília já teve de cabelos extremamente longos e sem nenhuma ondulação, até o estilo Joãozinho, curto e repicado.

Foi nessa época “curta” que me apaixonei.

Ela era a universitária veterana responsável pela recepção dos novos estudantes. Eu odiava os trotes e tudo que os calouros eram obrigados a se submeter em nome de uma brincadeira imbecil. Por isso, arrisquei me camuflar entre os alunos, tentando não parecer um calouro... Sabe como é, disfarçar o olhar perdido e o *look* bem-arrumado do primeiro dia. Mas parecia que os veteranos tinham um radar para detectar suas vítimas e lá estava eu sendo interceptado assim que pisei os meus pés na biblioteca.

Marília prendeu o meu braço ao seu numa espécie de algema artesanal, na verdade era um pedaço de tecido amarrado, do qual eu poderia facilmente me desfazer, mas preferi deixá-la acreditar que estava no controle da situação. Ela usou o braço livre para sujar o meu rosto com uma mistura colorida e grudenta, sorrindo para mim ao acabar a sua arte. Uma parte minha, a que odiava toda aquela brincadeira, cedeu ao seu sorriso e enxerguei o lado bom da coisa: ao menos tive a sorte de ser uma gostosa e não um barbado ao meu lado.

Ao meu braço livre mais uma vítima foi presa e, numa corda de pessoas ambulantes, andamos de um lado para o outro da universidade. Quando ela soltou o meu braço ao fim da manhã jamais nos desgradamos. A metáfora da brincadeira tornou-se o lema da nossa relação: as situações nos aproximaram, mas estamos juntos porque queremos, contrariando toda a lógica ao nosso redor.

Somos a prova viva de que os opostos se atraem. Marília é uma metamorfose ambulante: ela acorda empolgada planejando tingir o cabelo no tom ruivo da protagonista da novela, e ao fim da noite, decide que vai acentuar o tom do seu loiro natural. Ela não tem apego seus planos, altera toda a rota em prol da sua felicidade. Já eu... Bem, sou o cara que não curte alterar os planos de última hora. Se decidimos que as nossas próximas férias serão na Espanha nada me fará alterar os meus planos, ainda que uma tempestade tropical coincida com

a data de pouso no país.

A verdade é que funcionamos bem juntos. São dez anos no total, encontrando o meio termo entre os meus desejos e os dela. Até o dia de hoje. Nesse momento, não enxergo a mulher pela qual jurei fidelidade e amor eterno. Tudo que vejo em minha frente é uma mulher dissimulada e a sensação de desconhecimento da pessoa com a qual compartilhei a minha vida nos últimos anos parece me sufocar.

— Sei lá... — ela aperta uma mão contra a outra — qualquer coisa a esse silêncio mortal. Sei que você foi pego de surpresa, mas... — não deixo que ela prossiga.

— Ser pego de surpresa é descobrir que a fatura do cartão de crédito veio acima do esperado ou ainda receber uma ligação da agência de viagens informando que houve uma alteração na sua reserva. Eu olho para você e fico me perguntando quando começamos a mentir um para o outro. Quantos segredos mais você me esconde?

— Você está me colocando como a vilã da história, Henry. Eu apenas acabei de compartilhar com o meu marido a informação de que seremos pais.

— Chegamos no X da questão: essa gravidez! Eu não queria ser pai e achei que você tivesse compreendido isso.

— E eu? Você imaginou que eu queria ser mãe?

— Nosso acordo era franco, achei que você estava de acordo com isso.

— Os nossos desejos mudam com os anos...

— Ter um filho não é a porra de um desejo que você modifica. Quantas vezes você ouviu sair da minha boca o desejo de ter uma criança?

— Você é um filho da puta egoísta! — Ataca-me furiosa.

— Eu sou egoísta, Marília? E o que você é depois de parar de tomar o anticoncepcional sem me avisar? Uma santa? Não me fale de egoísmo quando o fato que nos trouxe a essa discussão é a maior prova de egocentrismo do século, porra! De nós dois, eu não sou o mais filho da puta!

É rápido, mas sinto o ardor atingir a minha face, depois que seus dedos me atingem e deixam um rastro quente na minha pele. O tapa não doeu tanto quanto a informação que ela jogou sobre mim. Mas ambos me fazem questionar sobre a mulher que está sentada ao meu lado.

Marília leva as mãos a boca surpresa com a sua reação, mas o seu olhar indica que não se arrepende do que fez. Eu poderia apostar que ela espera que eu diga mais uma palavra, qualquer uma, para me atacar novamente.

Sou eu quem deveria estar furioso. Ela escolheu nos colocar nessa situação. Teria sido mais simples se ela tivesse sentado comigo e conversado abertamente sobre o assunto, eu poderia reafirmar o meu desejo em não ser pai e caberia a ela decidir se permaneceria ao meu lado ou seguiria sozinha em busca de um filho.

Mas, não. Ela preferiu decidir sozinha e agora eu estava preso a uma paternidade indesejada.

O silêncio impera no carro. O clima é pesado e a ausência de palavras grita mais alto do que qualquer discussão. Coloco o carro em movimento e me perco nos meus pensamentos.

“Você será pai!”

A frase ecoa feito um disco arranhando e o meu maior desejo é que tudo aquilo fosse apenas um sonho conturbado. Daqui há alguns minutos eu vou abrir os olhos e encontrar tudo em seu devido lugar. Meu casamento continuará estável e a mulher que eu amo ainda será digna da minha confiança.



*“Seis anos que eu disse o sim mais importante da minha vida... E caso ainda reste alguma dúvida, ele continua válido e eu o repetiria pelos próximos seis anos.”*

A mensagem da Marília escrita em um *post-it* colado no açucareiro é o reforço que celebramos seis anos de casado. A minha agenda virtual já havia notificado que hoje é o nosso aniversário de casamento. “Bodas de açúcar” está escrito, recordando-me que eu deveria comprar algo simbólico para presentear-lá.

Açúcar: substância doce e solúvel em líquido. O completo oposto se comparado a situação atual do nosso casamento. Não vislumbro nada de doce e de fácil dissolução para uma união onde a esposa mente descaradamente para o marido. O gosto amargo da mentira de Marília perdura em minha boca.

A noite anterior foi turbulenta. Demorei a pegar no sono, pois a cada vez que a minha mente relaxava, imagens fantasmagóricas de um bebê chorando surgia e eu acordava assustado demais com a realidade próxima.

O fato de ter dormindo no sofá também pode ter contribuído para o meu

mau-humor matinal. Num acordo mudo, peguei o meu travesseiro e segui para a sala. Ela não tentou me impedir, no fundo estava me punindo por não receber a notícia com euforia. Afinal, eu sou o filho da puta que não ficou feliz ao descobrir que será pai.

Sei que ela não será a única a pensar assim. Qualquer um que esteja de fora da situação apontará o dedo acusador para mim. Mas será que nenhum ser humano sensato tentará se colocar no meu lugar?

Eu me sinto traído.

A sensação é difícil de comparar, mas é como se eu dormisse com um inimigo. Sabe quando alguém te conhece bem e toca na sua ferida apenas para te machucar? É mais ou menos por aí.

Um filho traz responsabilidades com as quais eu nunca estive disposto a lidar. Além dos encargos financeiros e emocionais. Porra, como é que uma pessoa em quem você confia, com a qual você transa sem camisinha para de tomar a medicação sem te consultar e engravida de propósito?

Talvez se fôssemos solteiros as pessoas me dessem mais razão e apontassem o dedo para ela, acusando-a de dar o golpe da barriga. O que vocês não entendem é que casados isso é muito pior!

É uma traição em um nível que fica até difícil de explicar.

O pior de tudo é não enxergar uma saída e saber que, foi exatamente por isso, que ela agiu na surdina. Marília sabe que sou o tipo de homem que jamais fugiria da obrigação ética. Como ela bem disse, sou um filho da puta egoísta, mas um filho da puta com princípios. Me sinto encurralado numa teia de mentiras da qual eu não tenho forças para me soltar.

Jogo para o campo do esquecimento e consigo adormecer as sensações quando chego no trabalho. A Click Digital, é o fruto do trabalho de três sócios dedicados: Marília, Liam e eu. A modesta agência publicitária começou com uma sala em um prédio comercial, caindo aos pedaços, no centro comercial e hoje ocupa um imponente prédio na zona sul da cidade de São Paulo.

Logo, percebe-se que a parceria com a minha esposa se estende ao trabalho. Marília é o elo entre nossos clientes e seus produtos. Ela passa os dias estudando o mercado e decifrando os desejos dos clientes para transformá-los em uma campanha publicitária de sucesso.

Liam Aragão Neto, além de meu sócio é o meu melhor amigo. Ele é a mente brilhante responsável pelas nossas premiadas campanhas publicitárias. Já eu, sou o burocrático. O que analisa os contratos e acompanha de perto o

financeiro. Na prática, isso significa que de segunda a sexta, religiosamente, eu passo os dias na minha sala trabalhando, enquanto ele oscila entre o conforto da sua casa e o escritório. A sua vida se divide entre festas, mulheres e trabalho. Não necessariamente nessa ordem.

Hoje, excepcionalmente, nós três temos uma reunião em conjunto para decidir a próxima campanha de uma famosa marca de produtos eróticos. Não nos falamos desde a noite anterior, ela saiu assim que acordei, deixando o bilhete romântico, e não estava na agência quando cheguei. Acredito que somos maduros o suficiente para distanciar nossa vida pessoal da profissional, ainda que essa seja uma linha tênue, mas por via das dúvidas, Liam é o elemento neutro que manterá nossos problemas em *standby*.

— Obrigada pelas flores — Marília surge animada na minha sala e diminui a nossa distância com passadas firmes. Inclina-se sobre a mesa e me beija delicadamente — se bem que eu preferiria joias a flores — sorri ao se afastar.

— Flores? — franzo a testa.

— Seis anos de casados te diz algo? — Pergunta, na defensiva.

— Você sabe que eu não sou um homem que manda flores...

— Uma parte minha quis acreditar que ao menos um dia você seria esse homem...

Abro a boca para rebater, no exato momento em que Liam invade a minha sala com uma caixa enorme nas mãos. Ele deposita a caixa sobre a mesa de vidro, retira um pênis de borracha gigantesco, aciona o botão no fundo do produto e o pênis acende feito um pisca-pisca no Natal.

— Desliga a luz e veja a magia acontecer — se volta para Marília que está perdida em seus próprios pensamentos.

— Chega! — Desligo o aparelho e o devolvo para a caixa.

— Melhor contrato que a gente fechou, testei todas essas coisas e que foda! Obrigado Mari — ele a beija no rosto e os lábios dela se curvam num sorriso tímido.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele olha de mim para a Marília, estudando as nossas reações.

— Sim — ela diz.

— Não! — Eu nego, ao mesmo tempo.

— Opa, sinto que atrapalhei algo... Vou dar meia volta e retorno daqui a



alguns minutos.

— Não precisa, vamos focar no trabalho.

— Claro, o trabalho em primeiro lugar — ela responde ironicamente.

— Sim, no trabalho focamos o trabalho — reafirmo.

— Sim, chefe. — Ela bate continência e Liam explode em uma gargalhada alta.

— Hoje a reunião vai ser interessante... — Ele diz sentando-se na cadeira ao meu lado. A mesa redonda não deixa muitas possibilidades obrigando-nos a sentar um ao lado do outro. Ela tinha razão quando sugeriu que substituíssemos a mesa redonda da sala por uma retangular, assim teríamos a possibilidade de nos sentarmos em cantos opostos nessa situação.

— A linha erótica do nosso cliente tem como público alvo mulheres jovens entre vinte e trinta anos, os produtos mais consumidos são os vibradores e itens para apimentar a relação como fantasias e baralhos eróticos — Marília inicia a reunião e nos entrega um panfleto com os produtos destrinchados — mas, isso estamos todos familiarizados, não é?

— Estamos? — Liam sorri cinicamente — qual o seu produto preferido, Henry?

— Eu não sou o público alvo da campanha.

— Aí que você se engana — ele rebate — dessa vez, não queremos atingir o público jovem com a vida sexual ativa, os casados e pessoas de meia idade são o nosso alvo.

— Você fez a lição de casa direitinho — ela sorri, orgulhosa, para meu amigo.

— Como eu disse, tive tempo de testar os produtos e analisei com detalhes os novos lançamentos. Mas a minha análise subjetiva não pode ser tomada como base, por isso o meu amigo aqui — aponta para mim — contribuirá de forma mais satisfatória nesse caso. Dez anos de casado e você não deve transar regularmente, Henry... O que você espera de um produto para apimentar a sua relação?

— Eu não vou falar da minha vida sexual com você!

— São seis anos de casados — ela corrige — dez é o total juntos.

— Ainda assim, é uma eternidade... — ele diz, pensativo — em seis anos presumo que o apetite sexual de vocês diminuiu consideravelmente... Duas ou três vezes por mês? Papai e mamãe? Você goza, vira para o lado e adormece em

poucos segundos?

— Será que podemos voltar para o foco da reunião? Os produtos da Quickie Sex!

— Mari, qual foi a última vez que você gozou para valer? — Ela pondera por longos segundos e eu bufo irritado. — Porra, faz tanto tempo assim? Agora entendo por que aceitou esse desafio de criar uma campanha para o público mais senil.

— Eu não sou velha! — Discorda, sorrindo.

— E muito menos está há tanto tempo sem gozar — interfiro, pois o meu ego é alfinetado nessa sua supressão de palavras — andou fingindo o orgasmo *também*, esposa?

— Agora vamos falar da sua vida sexual? — Ela sorri sarcasticamente. — Tenho muito o que falar, *marido*.

— Espera que eu vou pedir pipoca a minha secretária para acompanhar essa conversa — Liam disca para o telefone e realmente pede pipoca.

— A reunião está cancelada — Informo, levantando da mesa.

— Nada disso, você não pode cancelar a reunião na melhor parte dela. Ainda não chegamos nas camisinhas fluorescentes.

— Isso sem falar da linha vegana que inclui camisinhas livre de glicerina e parabenos e látex 100% natural, além dos vibradores de silicone que são menos agressivos ao meio ambiente e com maior durabilidade, sem mencionar que o contato com a pele que é extremamente mais delicado e prazeroso que um pau de borracha. O sexo é universal, mas não o prazer. Vocês já se deram conta de quantas camisinhas são usadas e descartadas por ano em todo o mundo?

— Isso tomando como estimativa uma pessoa solteira, não é? — Liam reflete seriamente sobre o assunto. — Mas é muito menos que o gasto com fraldas... Quer dizer a cada camisinha usada, impedimos uma centena de fraldas descartáveis de serem utilizadas. É uma equação justa. Mais camisinhas menos fraldas e crianças chorando.

O silêncio paira no ambiente, Liam é completamente avesso a crianças. Isso significa que existe uma distância gigantesca entre eles, quase como a distância entre a Terra e o Sol para ser mais específico.

— Então pelo que entendi, precisamos dialogar com esse público que durante muito tempo foi esquecido pela indústria e lembrá-los que o prazer está ao seu alcance — preencho o silêncio antes que ele cite o quanto somos sortudos por não querermos um filho e instaure um clima ainda pior entre nós.

— Exato! Para isso devemos focar na mulher que é independente financeiramente, emocionalmente... e que no fim da noite após um dia de trabalho exaustivo satisfaz o seu próprio prazer.

— Já andei estudando algumas das nossas modelos do *casting*, vamos dar preferência as mulheres em torno dos quarenta anos e focar nesse prazer maduro — ele usa aspas na última palavra — o gozo da vida, sem neuras, sem restrição de idade.

— Exatamente — ela bateu palmas animada.

— Podemos fechar a ideia então? — Pergunto.

— Por mim, ok — Liam responde com os olhos fixos no celular.

— Eu vou passar os dados que coletei para o Liam e podemos iniciar a elaboração da campanha.

— Temos que correr contra o tempo, a campanha é para o dia das mulheres. E recebemos o pagamento de uma taxa extra de urgência.

— Opa, mais um motivo para trabalharmos com mais afinco. — Liam concorda. Batidas na porta são ouvidas seguida da voz da sua assistente.

— Com licença. Senhor Liam, aqui está a pipoca — ela estende o saco da típica iguaria de micro-ondas

— Obrigado. Depois que casou ela está mais gorda, não é? — Liam comenta assim que a moça fecha a porta.

— Ela está grávida, idiota — Marília, responde.

— Grávida? É algo que dá no ar? A recepcionista, a moça da limpeza... Todas estão grávidas — ele abre o saco de pipoca e o cheiro de manteiga preenche o ambiente. É o suficiente para o rosto da Marília se contorcer e ela sair em disparada para o banheiro da minha sala.

— O que aconteceu com ela? — Pergunta com a boca cheia de pipoca.

— Está tudo bem? — Abro a porta do banheiro e a encontro sentada no chão abraçada a privada — pelo visto não... — seguro seus cabelos quando ela regurgita novamente. — Desde quando está assim? — pergunto quando ela cessa.

— Essa é a primeira vez que acontece... Estava com náuseas, mas nada comparado a sensação de expulsar um *alien* do meu corpo — ela levanta, lava a boca na pia do banheiro e respira fundo algumas vezes como se para garantir que tudo está em ordem.

— Está tudo bem? — Liam pergunta assim que retornamos e ela assente,

embora sua expressão indique o contrário. — Ei, minha pipoca. — Pego o saco da sua mão e ele protesta. Ando até a lixeira de inox e jogo aquela porcaria.

— Você está proibido de comer pipocas até segunda ordem — Marília faz graça e ele não entende a piada sem graça.

— Tá com alergia a milho ou algo do tipo?

— Estou grávida! — Anuncia, eufórica.

— Sério? — Ele me encara e eu dou de ombros. — Caralho! Quer dizer, parabéns! — Ele a abraça.

— E você seu veado, escondendo o jogo esse tempo todo — se volta para mim, sorrindo. — Cara, você vai ser pai. Precisamos de Whisky para comemorar esse feito.

Eu não discordo completamente, preciso beber antes que a náusea instaurada em mim desde a fatídica notícia transborde e eu também acabe o dia abraçado a privada.

3



Henry

— Caralho, você vai ser pai! — Liam exclama mais uma vez.

Essa é a terceira vez que ele repete essa frase desde que Marília nos deixou a sós para comemorar a fatídica notícia da paternidade.

— É... — Solto num lamento e me sirvo de mais uma dose extra de Whisky. Meu amigo repete o gesto. — Não sei onde você conseguiu essa garrafa, mas era o que eu precisava hoje — ergo o copo num brinde imaginário.

— A minha assistente sabe que sou uma mente criativa e nunca se sabe quando precisaremos de KY, você sabe o lubrificante, ou energético durante o dia — diz com um enorme sorriso nos lábios.

Meu sócio tem o tipo de sorriso que faz as mulheres abrirem as pernas e os homens sentirem vontade de socar sua cara até desfigurá-la. Já passei da fase de desejar quebrar a cara dele para torná-lo mais humano, uma ruga ou uma marca de expressão o tornaria mais real. Para a minha sorte, a Marília me ama e para o Liam, minha esposa é apenas a minha versão de saia, o que significa que não corro risco de ser trocado pelo Mister Mundo.

— Você deve estar mesmo mal para encher a cara no trabalho...

— É fim de expediente — justifico — já encerremos as nossas obrigações e eu não poderia deixar você no vácuo. Afinal, temos que brindar essa infortunada notícia.

— Acho que entendo o susto e tal, mas não é surpresa. Você sabe que quando duas pessoas fodem sem prevenção elas estão assumindo o risco de gerar uma criança remelenta e chorona. E vocês estão juntos há muito tempo, mais cedo ou mais tarde ia acontecer.

— Essa é a questão, não devia acontecer nunca — resmungo. — Marília decidiu ser mãe e não me comunicou.

— O que você quer dizer com isso? — Arregala os olhos. — O filho não é seu?

— Claro que é. Só não fui informado sobre a concepção dele...

— Calma! — ele se ajeita na cadeira e me encara — como assim? Ela furou a camisinha ou te deu uma chave de pernas e te obrigou a gozar dentro?

— Quase isso. Ela parou de tomar anticoncepcional, há sei lá quanto tempo, sem me avisar...

— PORRA — bate a mão na mesa de vidro e o toque ríspido ecoa no ambiente — isso não se faz, cara!

— Pois é. Um dia você acorda e descobre que a mulher que você ama mente para você descaradamente. O nosso acordo tinha uma única regra inalterável: nada de filhos. E ela fodeu com isso.

— Que merda!

— Pois é, grande merda!

— Puta sacanagem... E agora?

— Agora tem um filho a caminho e não dá para ligar para a cegonha e cancelar a entrega.

— E você disse isso a ela, presumo.

— É mais ou menos, mas digamos que não consigo disfarçar as minhas emoções faciais.

— Eu mais do que ninguém sei o quanto ter um filho é algo que me provoca urticária. Imaginar um ser completamente dependente de você, ver o corpo da sua mulher se modificar de forma assustadora até ela se transformar em uma bola gigantesca... — Seu rosto se contorce como se ele estivesse vendo a cena em sua frente.

A imagem se projeta e eu vislumbro a cena da Marília redonda e inchada reclamando do mundo ao seu redor. A sequência da imagem é seguida por uma versão infantil da minha esposa berrando a plenos pulmões, as duas e cinquenta da madrugada, e eu acordando atordoado para trocar a sua fralda e niná-la para que volte a calar a boca e dormir.

A minha cabeça gira e sinto-me nauseado somente com a ideia.

— Cale a boca seu filho da puta! — Digo numa voz enrolada. — Não precisa jogar na minha cara o quanto estou fodido, eu sei, porra — abro a garrafa para me servir de mais uma dose e ele me impede.

— Você já bebeu o suficiente por hoje. Tudo que a Marília não precisa agora é de um bêbado para cuidar.

— Eu discordo — levanto para pegar a garrafa da sua mão e sinto o meu mundo girar.

— Opa! — Seus braços me apoiam antes que eu atinja o chão.

— Eu estou bem — tento fazer um quatro com a perna para provar que não estou tão bêbado assim e acabo cambaleando.

— Você tem certeza?

— Sim — minto — não tenho o seu vigor para beber e permanecer sóbrio, mas estou bem, consigo ir até a sala da minha digníssima esposa sem errar o caminho.

— Qual a senha do seu cartão de débito? — Pergunta para constatar o meu grau de embriaguez.

— Estou bêbado, não imbecil. — Respondo e ele gargalha.

— Ok, passou no teste. Vou pedir um táxi e pego o carro amanhã, você deveria fazer o mesmo.

— Ok.

— Ah, para não perder a piada. Parabéns, pai do ano.

— Vai tomar no cu, Liam — ele gargalha enquanto eu me afasto.



Levo mais tempo que o habitual até a sala da minha esposa e quando finalmente abro a porta de madeira deixo escapar um sorriso de satisfação por

cumprir o percurso sem derrubar nenhum objeto.

— Está chorando? — Pergunto ao observar seus olhos vermelhos e inchados.

— Não — ela funga numa mentira descarada. — Minha mãe enviou a foto do sapatinho que ela começou a tricotar...

— Está tão feio assim?

— Besta! — ela sorri e, ainda que contrariado, sorrio de volta, pois cada vez que ela sorri eu tenho vontade de me juntar ao seu sorriso.

— Você é linda! Vocês duas! — Ergo dois dedos.

— Alguém bebeu muito...

Caminho com passos trôpegos e me posiciono atrás dela na sua cadeira giratória. Minhas mãos tocam os seus ombros num toque delicado e ela deixa um suspiro escapar.

— Você continua me excitando tantos anos depois. Como isso é possível, Henry? — Não respondo e beijo o vale dos seus seios. — Henry... — Suspira quando desço a alça da sua blusa.

— Seis anos atrás eu entrava numa igreja apenas para satisfazer o seu desejo... — Pontuo entre beijos. — E faria a mesma droga hoje se me pedisse.

— É exatamente por isso que te amo.

— Achei que era por causa da minha conta bancária.

— Isso também — movimento a cadeira até estarmos frente a frente. Me perco na plenitude do seu olhar e permanecemos em silêncio por longos segundos.

Não sei o que passa pela sua cabeça. Mas na minha, um filme da nossa vida juntos passa em câmera lenta.

Ela se inclina e seus lábios tocam os meus, rompendo qualquer fluxo de pensamento. A minha mão na sua nuca dita o ritmo do beijo, intenso e lascivo, suas mãos percorrem os meus cabelos e descem pelo meu torso.

Afasto-me subitamente e ela lamenta a distância repentina. Dá tempo apenas de abaixar a cabeça e despejar o meu almoço na lata de lixo inox aos pés da mesa do seu escritório.

— Eu causo esse efeito nos homens — ela faz piada.

Sem a mínima dignidade, limpo a boca na manga da camisa e aceito a água mineral que ela prontamente me estende.



— Tenho as minhas dúvidas — aponto para as flores na sua mesa. Um ramo extravagante de rosas vermelhas.

— Do nosso último cliente — dá de ombros — depois eu encontrei o cartão junto com os chocolates.

— O babaca te mandou flores e chocolates? — Sou tomado por uma formiguinha do ciúmes.

— São uma delícia — ela ergue a tampa da caixa e leva um chocolate a boca. Repito o gesto para tirar o gosto péssimo da minha boca.

— Presumo que esteja falando do chocolate — digo com a boca cheia.

— Esses também — insinua sorrindo e leva mais um chocolate a boca. — Feliz bodas de açúcar! — Ela ergue um chocolate.

— Feliz! — Brindamos com chocolate.

— Não era como eu planejava comemorar os seis anos de casada. Mas, é melhor que passar a noite cada um virado para um lado da cama e remoendo acusações.

— Eu concordo.

— Sinto muito pelo tapa...

— Você deveria fingir melhor que realmente sente por isso — ela sorri feito uma criança que foi descoberta numa traquinagem.

— E não provocar o mínimo remorso em você? — Arqueia a sobancelha. — Jamais.

— Você é terrível!

— E é exatamente por isso que estamos juntos — ela deposita um selinho nos meus lábios — vamos que você ainda me deve um jantar. Que tal japonês? Podemos pedir naquele restaurante que você adora!

Concordo com a cabeça, erguendo a bandeira branca e querendo prolongar por mais algumas horas essa tão necessitada paz.



# Henry

O som das batidas frenéticas de um coração ecoa no ambiente e a única coisa que eu penso é em tudo que eu não sinto. Meu mundo não se modificou, de repente, ao ouvir os sons acelerados. O meu próprio coração não errou o compasso e se juntou ao do bebê.

Eu não sinto nada. Absolutamente nada.

Não sei, talvez alguma coisa mágica pudesse acontecer naquele momento e um click me fizesse despertar e morrer de amor pelo ser que está por vir. Ou uma emoção me inundasse ao ponto de me fazer chorar.

Meu irmão me descreveu que seu amor aflorou e se multiplicou a partir do momento em que ouviu o coração do seu primeiro filho. E eu realmente acreditei que pudesse acontecer o mesmo comigo, por isso estou dividido entre a culpa de não sentir nada e sensação de impotência quanto a isso.

Marília me fita e seus olhos azuis transbordam em lágrimas, ela prolonga o olhar e enxergo neles um desejo claro para que eu demonstre algum sentimento. Mas eu não consigo fingir, meu rosto sempre transmitiu meus

sentimentos com clareza e tudo que eu devo estar passando no momento é a minha plena apatia diante de tudo.

Permaneço estático, com as mãos dentro do bolso da calça, olhando a certa distância a tela do exame.

O som do coração batendo é um som comum aos meus ouvidos e não me traz nenhum sentimento novo. Aliás, até trás. Se eu cavar até o limbo da minha alma encontrarei um desconforto enorme por estar numa sala com toda as atenções voltadas para mim. A médica, assim como Marília, espera de mim algo que não consigo dar.

— É lindo, não é? — Minha esposa pergunta, com a voz embargada pelo choro.

Assinto com a cabeça em afirmação.

— Está tudo bem com o bebê, pode relaxar papai — a médica interpreta minha inércia como um sinal de preocupação — alguns homens ficam emocionados demais com toda a situação e acabam paralisando.

Marília sorri em resposta, mas é um mero curvar de lábios. Não o seu sorriso habitual gigantesco, aquele que a faz mostrar todos os dentes brancos e perfeitos, seguidos de um som gostoso que, inconscientemente, faz você sorrir de volta.

O exame termina e Marília troca algumas palavras com a obstetra a respeito da próxima ultrassonografia que revelará o sexo do bebê. Aproveito esse momento para sair da sala e respirar.

Todavia, a minha tranquilidade dura cerca de dois minutos, pois o meu celular vibra no bolso da calça, pego o aparelho e visualizo a ligação da minha mãe.

— Cadê a Marília? Como vocês estão? — Minha mãe pergunta eufórica.

— Oi, mãe...

— Por que você não me contou que esperava um baby, Henry? — o tom dela é acusatório.

“Porque nem eu sabia da notícia até alguns dias” é uma resposta razoável.

— Como você sabe?

— Acabei de ver o status de Whatsapp da Marília e estou surtando de felicidade! — Ela completa antes que eu forme uma linha de pensamento.

— Como assim? — Pergunto atônito e minimizando a tela da ligação eu

acesso o WhatsApp. No perfil da Marília aparece a foto do ultrassom realizado seguida da frase “Amor maior!”.

— Filho, você está aí? — Escuto sua voz ao longe.

— Sim... — Emito num ruído.

— Quem é? — Marília surge no corredor e questiona.

— Minha mãe... — respondo.

— É a gravadinha do ano? Passe para ela a ligação! Quero saber como está o meu neto.

— Ela quer falar com você — entrego o celular.

— Eu também estou muito feliz! — Marília diz verdadeiramente feliz e, quando ouve o que a sogra diz, um sorriso genuíno surge em seus lábios — está tudo bem com a gente, pode ficar tranquila.

Sou deixado de lado pelos próximos minutos, as duas conversam animadamente enquanto eu aguardo, de pé.

— Sua mãe está nos chamando para jantar — Marília avisa.

— Diz que a gente aparece outro dia...

— Você ouviu o seu filho? — Marília lamenta e sorri para algo que a minha mãe diz. — Ok, nós vamos. Nem que eu precise arrastá-lo. Até daqui a pouco. Beijos. — Encerra a ligação e me devolve o celular.

— Agora você também decide isso por mim?!

— Sua mãe quer celebrar o novo neto, eu não poderia negar isso a ela. — Defende-se.

— E a gente não pode celebrar outro dia? Estou cansado, trabalhei o dia todo e vim direto para a clínica — justifico. — Tudo que eu mais quero é chegar na nossa casa e relaxar.

— Estou tão cansada quanto você. Acordei às cinco da manhã, visitei novos clientes, retornei para a agência, participei de três reuniões consecutivas, sem ao menos almoçar decentemente e ainda sim quero estender um pouco mais do meu dia ao lado das pessoas que eu amo. Se você não encontra motivos para celebrar o problema é seu, mas eu e sua mãe queremos comemorar. Se você quiser se juntar a nós será bem-vindo.

Marília se afasta com passos decididos e permaneço estático e irritado, quando a encontro ela está recostada no nosso carro falando ao telefone por mensagem de vídeo, ela sorri e chora ao mesmo tempo.

Destravo o carro e sento no banco do motorista, logo em seguida ela

entra no carro, ainda falando ao telefone. Vejo através da tela que a sua mãe e suas duas irmãs apertam-se para aparecerem na tela ao mesmo tempo. Elas falam todas juntas e misteriosamente se entendem no meio daquela algazarra.

Coloco o carro em movimento e concentro-me no trânsito, hesito qual caminho seguir e quando vejo estou pegando a via que me leva para a casa dos meus pais. Marília passa o curto trajeto conversando animadamente ao telefone. Somente quando estaciono o carro em frente ao condomínio dos meus pais, ela ergue a cabeça e reconhece o ambiente.

— Amores, preciso desligar.

— Beijos! — As irmãs gritam.

— Dê os meus parabéns ao Henry, amor.

— Pode deixar. Amo vocês. — Ela encerra a ligação de vídeo.

Marília retoca o batom no espelho do carro e solta os cabelos presos em um rabo de cavalo, olha mais uma vez para o espelho antes de abrir a porta e descer do carro como entrou, ignorando-me por completo.

— Eu vou junto! — Aviso antes que ela feche a porta.

Seguimos em silêncio até o décimo oitavo andar. Ela com os olhos fixos no celular e os meus fixos nela. Ela não parece incomodada pelo meu silêncio, pelo contrário, parece estar confortável.

— Mari! — Minha mãe recepciona a nora com um abraço apertado. — Está tudo bem com você e nosso baby?

— Estamos bem, vovó! — Marília responde em uma voz infantil.

— A vovó já te ama muito! — Minha mãe toca a barriga dela e as duas sorriem envoltas numa bolha em que não me insiro.

— Oi mãe! — Resmungo para pôr fim a essa cena de novela mexicana.

— Henry, os bebês já escutam no útero materno. — Minha mãe diz com seriedade. — Você já falou com ele hoje?

— Olha o papai do ano! — Valéria, a moça que auxilia a minha mãe nos afazeres domésticos, exclama animada. — Eu sabia que você estava grávida. — se volta para Marília. — A sua pele estava com um brilho diferente, até comentei com a dona Hortência.

— Você está radiante, Mari — Minha mãe confirma.

— Eu me sinto exatamente assim — ela sorri.

Aproveito que eu não sou o centro das atenções e fito demoradamente a minha esposa, ela continua linda, mas nada desse brilho especial que elas

insistem em enxergar. Na verdade, ela traz algumas marcas suaves de olheiras, a gravidez já alterou o seu sono. Marília acorda diversas vezes para ir ao banheiro e desperta no primeiro raiar do dia.

Até agora não vi nada de belo e romântico na gravidez. Nem o melhor romancista conseguiria transformar náuseas e vômitos em algo bonito e legal. O que há de belo em algo que acarretará inchaços e dores em uma pessoa?

Desvio dessa conversa maternal e sigo apartamento a dentro. Encontro meu pai, como sempre, sentado na poltrona de couro marrom escuro, que ganhou no dia dos pais há quatro anos.

Em uma das suas mãos está o controle remoto e na outra uma caneca de porcelana com chá de canela, seu segundo vício. O primeiro é passar as noites sentados na poltrona zapeando os canais de TV. Ele abre um enorme sorriso ao notar a minha aproximação.

— Senta aqui — aponta para o sofá posicionado ao seu lado. — Vai começar a segunda parte do documentário *Animais na Antártica*. Hoje é sobre o Pinguim Imperador.

Olho da televisão para as três mulheres ainda paradas a porta falando sobre fraldas e cueiros e adivinha qual a minha escolha?

Assisti com o papai.

Vinte minutos depois, descubro que optei pela decisão equivocadamente. O episódio denominado “A paternidade altruísta do Pinguim Imperador” não poderia ser o pior indicador. A dublagem, típica dos documentários, traz um homem irritante com uma voz programada para despertar a curiosidade, mas que me faz sentir tédio. Ainda assim, opto por permanecer em frente à TV ao invés de me juntar às mulheres que dialogam na cozinha.

Descubro, contra a minha vontade, que é no duro inverno do Polo Sul que os pinguins aproveitam o momento para se reproduzir. É na copulação que entendemos o papel do macho nessa tarefa. Diferente das outras espécies, a fêmea pinguim se limita a pôr o ovo e depois vaza. No mundo dos pinguins imperadores, os papéis tradicionalmente conhecidos no qual o macho caça e a fêmea cuida são invertidos, o macho cuida do filhote durante a gestação e a fêmea sai para a caça em busca de alimento.

Segundo o biólogo, a fêmea após pôr o ovo inicia uma árdua e difícil jornada para obter o alimento necessário para sustentar toda a sua família. Ela chega a viajar até 80 quilômetros do seu habitat natural, e, uma vez em mar aberto, caçará peixes, lulas e krill.

Enquanto isso... O macho espera pacientemente a cria. Primeiro aquecendo o ovo e, depois, criando o filhote por DOIS meses. Durante esse tempo, de DOIS meses, o macho fica sem comer e no aguardo ansioso da sua parceira. Quando a fêmea, finalmente, retorna com o estômago cheio ela traz alimentos exclusivamente para as crias. Após o seu retorno, o macho vai ao mar em busca da sua própria comida.

Não consigo controlar as minhas emoções e deixo escapar um audível “Filha da puta!”. Cadê o companheirismo dessa fêmea? O macho se dedicou exclusivamente a paternidade e, em troca, morre de fome?

Olho para o meu pai em busca de uma indignação coletiva, mas ele está dormindo. Volto a encarar a TV e, para fechar com chave de ouro, o narrador conclui o documentário informando mais um ponto peculiar dessa espécie:

“O pinguim é uma espécie monogâmica, tendo apenas uma parceira durante sua vida, a quem será fiel e gerará descendentes.”

Que grande merda!

Alcanço o controle no braço da poltrona e desligo a TV, antes que eu descubra que o ciclo de reprodução dos pinguins é semestral e duas vezes ao ano o imbecil do macho submete-se a condição quase suicida de chocador de ovo.

Então é esse nível de entrega que esperam de mim?

5



Henry

Quando as coisas envolvem bebês os adultos saem de foco, já perceberam? Mesmo que o bebê ainda nem esteja presente, de fato. Já perdi as contas de quantas mensagens de felicitações visualizei e respondi apenas com um *emoji* qualquer.

A verdade é que as pessoas são hipócritas. Dizem que prezam pela sinceridade, mas na verdade não sabem lidar com ela. Duvido que se, ao invés de *emoticon*, eu respondesse com o que estava pensando ou deixando de sentir em relação a gravidez da minha esposa não iam me julgar. Quiçá me atirar pedras.

Por isso sigo quieto, principalmente em relação a própria Marília. Ela alterna entre doses cavalares de amor e ódio irrefreável. Certa vez, chorou por não caber mais na calça trinta e seis, mas continuava se entupindo de doces e comidas calóricas. Quando apontei a sua alimentação como o ponto crucial para o seu salto na balança, ela chorou e gritou, me acusando de ser insensível. Depois desse dia, passei a operar no modo silencioso.

— Chegou o pai do ano! — Essa é a recepção que ganho após entrar no



vestiário.

— Parabéns! — Um a um o grupo de treze homens me parabenizam. Liam, está entre eles e o fuzilo irritado.

Eu tinha esperanças que aquele fosse um dos poucos lugares em que o assunto “filho” seria ser mencionado, mas me enganei mais uma vez. Acho que o bebê sabe que eu não o desejava e, como punição, faz todo mundo ao meu redor me lembrar dele.

Duas vezes ao mês me reúno com um grupo de amigos no *Sampa Society*, para jogar futebol. Quando estou entre eles, sou apenas um homem comum que fala bobagens masculinas: carros, esportes, mulheres... Entre eles, eu não sou o publicitário renomado ou o marido da Marília. Ao menos era assim antes. Agora sou o “pai do ano”.

Em poucos segundos, e talvez pela minha pouca empolgação para com o apelido, eles esquecem da minha presença e iniciam um bate papo-animado sobre mulheres. Liam é o responsável por introduzir o assunto e logo estão todos falando sobre a vizinha gostosa ou a nova estagiária sexy da empresa.

Amarro a chuteira e saio do pequeno espaço em busca de ar fresco e paz. O placar eletrônico indica que restam dez minutos para o início do horário que alugamos a quadra, de modo que ainda tem gente jogando. Distraio-me atrás do alambrado assistindo os minutos finais do jogo.

— Você saiu como um foguete! — Liam se aproxima.

— Não estou nos meus melhores dias...

— Quer conversar? — Desvio o olhar da grama sintética para meu amigo.

— Eu escutei o coração do bebê e não senti nada.

— Era para sentir algo? — A sua pergunta não tem resquícios de ironia, se tem alguém absorto ao mundo de bebês, esse alguém é ele.

— Parece que sim — dou de ombros — não entendo todo esse estardalhaço em torno do embrião...

— Eu sei bem como se sente, Henry.

— Você é o único com quem posso falar abertamente sobre o assunto sem ser julgado, Liam. Meu irmão me ligou para me dar os parabéns e ele falou de uma forma tão apaixonada que me fez questionar se o problema sou eu...

— Esse não é o tipo de conselho que eu daria, mas lá vai: você deveria curtir o momento — demonstro, através do meu semblante, a irritação sobre seu

conselho merda. — Calma, você vai entender o meu raciocínio. Você era contrário ao casamento lembra? — Assinto. — E você estava errado sobre ele, você é feliz ao lado da Marília.

— Eu sempre espero o pior das coisas, nisso você tem razão. Mas, uma coisa é o casamento. Não deu certo? Separa. Outra completamente diferente é uma criança. Não há como desfazer, entende?

— Seus sobrinhos são crianças e você os ama — argumenta — até é padrinho do mais velho.

— Eu não sou o que odeia crianças, esse é você — rebato sorrindo — o que eu abomino é o filho e todas as responsabilidades que ele acarreta.

— Foda!

— A minha vida não é mais a mesma, ainda que Marília insista que nada mudou. Esse bebê nem chegou e já mudou tudo ao seu redor. Ela passa as noites entre o banheiro e a cama e isso implica no meu sono que não é mais regular, pois a cada vez que ela levanta eu acordo. Até a minha colônia e creme de barbear eu precisei trocar porque o cheiro estava provocando náuseas nela. Isso, sem falar no nosso porteiro, se eu passar pela portaria dez vezes, dez vezes o seu Ademar vai soltar uma frase sobre filhos.

— Duas vezes foda, mano. Mas sei lá, vai ver que daqui a nove meses você vai estar rindo de tudo isso.

— Tenho minhas dúvidas...

— O pai do ano deveria ser o capitão, o que acha? — Daniel, o goleiro do grupo que jogaremos contra, sugere.

— Boa! — Tiago o capitão tradicional retira a braçadeira e lança em minha direção. — Vou te dar essa honra só porque será pai, não se acostume.

— Filho da puta! — Resmungo.

— Concentre essa fúria no gol — Liam me incentiva — faça o imbecil do Daniel pegar a bola no fundo do gol tantas vezes que ele terá pesadelos com bebês e pais a noite.

Sorri para o Liam e entramos em campo juntos. Dessa vez, eu poderia expressar todos os meus sentimentos.

Se prepara, bola!



— Porra, seis gols! — Liam bate nas minhas costas — esse lance de ter um filho melhorou a sua pontaria.

— Vai se foder, Liam!

— Vamos estender a noite no barzinho?

— Vamos, preciso apenas avisar a Marília — procuro o celular na mochila.

— Não precisa — ele informa e ergo os olhos para vê-la se aproximar de nós.

— O que você faz aqui? — Questiono.

— Resolvi fazer uma surpresa, consegui? — Ela sorri.

— Sim, o Henry estava falando o quanto estava ansioso para chegar em casa e passar o resto da noite com você — Liam se intromete e, pelo sorriso no rosto da Marília, ela sabe que ele está mentindo.

— Eu realmente acredito nisso — ela gargalha.

— A noite é uma criança, aproveite sem moderação — Liam se despede.

— Vamos? — Ela destrava o carro.

— Quer que eu dirija? — Indago.

— Não, hoje estou no controle — pisca em minha direção — coloque o cinto e aprecie a viagem.

Faço o que ela diz, mas assim que ela sai da avenida principal que nos levaria para a nossa casa para uma rua deserta, começo a questionar por que estamos mudando a rota.

— Descobriu um caminho mais rápido no Waze?

— Um caminho para a felicidade — ela sorri e continua.

— Eu sei que combinamos que enquanto o outro dirige não opinaremos no percurso e condução, entretanto agora é diferente. Não sei o que você pretende, mas estamos cada vez mais distantes do nosso destino.

— Você está quebrando a regra. Dá para confiar em mim e na minha direção?

— Ok, não está mais aqui quem falou... — Silencio, mas permaneço atento a paisagem cada vez mais diferente do nosso habitual trajeto.

— Chegamos! — Ela para em frente a um grande portão e aperta o número no identificador.

— Um motel? — Ela não responde a minha pergunta, continua falando com a atendente. A mulher libera a nossa entrada e seguimos até o número 69. — Por que estamos aqui? — Pergunto quando ela estaciona na garagem.

— Preciso mesmo responder à sua pergunta? — Arqueia a sobancelha sorrindo, não sorrio de volta e ela completa. — Vou te dá uma dica. — Ela retira o cinto de segurança e senta sobre meu colo, esfregando-se. Meu pau reage de imediato — seu amigo é mais esperto que você — sussurra ao meu ouvido.

— Você não gosta de motéis. Poderíamos ter feito sexo em casa... — Resmungo quando sua boca mordisca a minha orelha.

— Cale a boca e me beije!

Devoro seus lábios com todo o ardor e concentro-me somente em nós dois nesse momento. Minhas mãos vagueiam pelas suas costas e encontram o zíper do seu vestido, meus dedos rapidamente o abrem.

Suas mãos enlaçam o meu pescoço enquanto eu me livro da peça para deixar seu colo exposto. Minha boca deixa a sua e passa a beijar seus seios e abro a boca para sugar seu mamilo rosado quando ela me afasta delicadamente.

— O beijo pode estimular as glândulas mamárias — explica — li um artigo que a sucção pode enviar uma resposta errônea aos hormônios e eu posso começar a lactar antes da hora.

— Ok... Mais alguma restrição?

— Por hora não — ela sorri e me concentro nas emoções do meu corpo, que implora para tocá-la e ser tocado.

Descemos do carro e entramos na suíte. Volto a beijá-la buscando o mesmo calor de outrora, o que não é difícil. Enquanto nos beijamos livramo-nos das roupas. Marília deita-se na cama e abre as pernas oferecendo-se para mim, indicando o seu desejo de ser possuída.

Posiciono-me entre as suas pernas e lambo longamente a sua boceta depilada. Ela geme quando repito o gesto, dessa vez beijando os seus lábios íntimos assim como fiz com a sua boca, de forma sedenta. Ela arqueia o corpo e puxa meus cabelos quando passo a estimular seu clitóris.

— Henry — ela geme o meu nome alto e isso soa como música aos meus ouvidos — eu quero gozar com você!

Provoco-a por mais alguns segundos e quando sinto que ela está prestes a gozar decido atender ao seu pedido. Penetro-a, saio e volto a penetrá-la profundamente, iniciando uma sequência de estocadas ritmadas. Marília move os quadris e entramos em sintonia em segundos.

— Eu te amo! — Declara-se antes de ser tomada pelo prazer irrefreável. Demoro mais alguns segundos e logo junto-me a ela.

Rolo para o lado da cama para não cair sobre ela. Ela pousa a cabeça sobre meu peito e acaricio seus cabelos, permanecemos abraçados em silêncio.

— Quero repetir tudo novamente — ela informa — dessa vez, usando o mel que trouxe na bolsa.

— Seu desejo é uma ordem — sorri.

— Estive pensando... Precisamos começar a comprar o enxoval do bebê. Mas o mais urgente agora é o quarto. Andei pesquisando e encontrei umas opções mais clean: móveis brancos e paredes marfim. O que você acha? — Indaga e permaneço em silêncio de olhos fechados. — Amor? — Ela chama mais uma vez e finjo que adormeci.

Ela não fala mais nada e, alguns minutos depois, escuto a sua respiração pesada, abro um olho e vejo que ela adormeceu, volto a fechar os olhos e tento fazer o mesmo.

6



Marília

Mãe! Eu serei mãe!

Não consigo conter a euforia diante da confirmação e danço animadamente, embora não haja nenhuma música tocando, em meio ao meu quarto.

Olho mais uma vez para o resultado do exame em minhas mãos — o teste de farmácia apresenta duas linhas o que indica que estou GRÁVIDA.

Sim, grávida em letras garrafais.

Sorriso feito boba para o teste.

Eu estou grávida!

Meu coração acelera e imediatamente sou tomada por uma sensação de amor e bem-estar. Estou gerando uma vida, um pedaço meu e do Henry.

— Será que você será metódico e racional como o papai ou desencanado e emotivo como a mamãe? Não importa, amor. Você será igualmente amado. Mamãe, já te ama tanto... — Converso com o meu bebê no meu ventre enquanto

acarício a minha barriga ainda negativa.

Quero gritar para o mundo que estou grávida. Dividir a notícia com os meus pais, irmãos e amigos. Mas, antes preciso achar a melhor maneira de contar ao meu marido.

Henry e eu somos a prova viva que o casamento é um acordo reafirmado a cada ano. Amar é fazer concessões diárias. É, às vezes, deixar os seus desejos de lado e atender o do outro.

Eu abri mão de flores, declarações românticas e surpresas mirabolantes. Ele cedeu e casou comigo na Igreja, em uma manhã de domingo ensolarada. Eu concordei em passarmos a lua de mel em Berlim, mesmo preferindo Paris. Ele aceitou que o nosso lar tivesse muito mais a minha cara do que a dele.

Ele sempre deixou claro que não pensava em ter filhos. Eu concordei plena e apaixonadamente com ele porque também não era o meu sonho.

A verdade é que ver suas amigas de faculdade, companheiras de trabalho e primas chatas engravidando faz você pensar um pouquinho no assunto. Observar as fotos fofas delas nas redes sociais também contribuem para que você reanalise essas coisas.

Quando se tem 20 anos ter filhos é uma ideia assustadora, a situação é vista como um empecilho para a vida que você quer conquistar e viver. Os anos passam e, aos 25, você não acha tão assustador assim a ideia de ter uma criança. Os seus sobrinhos ou priminhos são fofos e você ama brincar com eles! Aos 30, você QUER filhos. Ao menos foi isso que ocorreu comigo.

Assim que completei trinta anos, o que não faz muito tempo, ouvi o meu relógio biológico soar alto e me lembrar que a hora de ter um filho era agora. A cada dia adiado eu entraria mais e mais nos índices de gravidez de risco e mulheres estéreis.

Não havia mais por que esperar. Eu era uma mulher realizada, tinha uma vida financeira estável, trabalhava no emprego que gostava e tinha um casamento feliz.

Tomada por esse desejo irrefreável, visitei a minha ginecologista e relatei o meu desejo de ser mãe, realizei os exames preventivos e ela constatou que eu estava apta para engravidar. Mas ressaltou que isso poderia demorar a acontecer, uma vez que, eu usava anticoncepcional desde os meus dezoito anos.

Sem pressa e grandes expectativas, parei de tomar a medicação e deixei as coisas acontecerem naturalmente. E em um dia qualquer, eu atribuí alguns como seios doloridos, sensação de inchaço, náuseas e tonturas ao meu ciclo

menstrual. Esses eram sintomas, mas quando a menstruação atrasou, eu vibrei sobre o que isso poderia significar.

Uma visita a farmácia e a confirmação das minhas suspeitas estavam nas minhas mãos. Liguei eufórica para a minha ginecologista e algumas horas depois eu estava realizando o primeiro ultrassom.

A minha médica, a doutora Aureliane, explicou didaticamente todo o processo. A primeira ultrassonografia normalmente é feita por via transvaginal, para obter melhor visualização, já que, nesse período, o feto é apenas uma manchinha no colo do útero, ou nas palavras da médica: é um saco gestacional de pouco mais de três milímetros. Nela verifica-se a quantidade de embriões, a localização da gravidez, o tempo de gestação, assim como os eventuais problemas de malformação congênita.

Para a minha tranquilidade tudo estava na mais perfeita ordem. Eu estava com cinco semanas de gestação.

Saí da consulta com um sorriso imenso nos lábios e o coração acelerado. Eu estava radiante, não via a hora de usar roupas de grávida, sentir desejos, comprar o enxoval.

Confesso que uma parte minúscula de mim pensou no Henry ou em sua reação. Eu jamais quis mentir para o Henry, mas não tinha alternativas. Sempre estive claro para nós o seu desejo de sermos apenas nós dois. O conceito de família dele incluía, no máximo, um cachorro. Por isso, decidi omitir a minha pausa no anticoncepcional, estava buscando a melhor forma de abordar o assunto.

Entretanto, as coisas aconteceram rápido demais e agora temos um filho a caminho. Teríamos que lidar com essa nova realidade. Restava agora torcer para que ele enxergasse a situação com otimismo. Assim como eu enxergava.



Ele não me abraçou e me parabenizou quando eu contei, no carro, que estava grávida. Eu já esperava por isso, ele foi pego de surpresa, mas logo a ficha caía.

Ele também não reagiu ao ouvir, pela primeira vez, os batimentos cardíacos do filho. Todas as pessoas dizem que esse é um momento único e Henry simplesmente não demonstrou nenhum sentimento.



Apesar da sua inércia, eu não escolheria um pai diferente para o meu bebê. Henry tem inúmeros defeitos, mas é o homem mais íntegro e leal que conheço. Ele é a minha escolha e continuará sendo. Se me perguntassem se eu me arrependo do que fiz, eu responderia um sonoro “não”.

Os fins justificam os meios. Eu queria um filho do meu marido e o estou carregando em meu ventre, nada seria mais importante do que isso daqui para frente.

Henry pode não ser um poço de empolgação, ainda assim permanece me acompanhando nas consultas do pré-natal e cuidando de mim quando a minha pressão cai ou sou acometida pelas ondas de náuseas constantes. Até uma pulseira anti-enjoo ele comprou na tentativa de aplacar os sintomas terríveis da gravidez. Todas essas demonstrações práticas de afeto fazem a balança equilibrar. Ele pode não reagir como eu gostaria, mas não é um completo canalha.

Hoje é o dia de descobrimos o sexo do bebê, no tradicional Chá Revelação, organizado pelas minhas amigas. Nossas famílias até fizeram um bolão para adivinhar se será menino ou menina. Minha mãe e minhas irmãs apostam em uma menininha, mais uma mulher para entrar no clã das Dias. Por outro lado, a família do Henry está dividida. A mãe dele afirma que é menino e seu pai e irmão o oposto. Já eu... Bem, eu sonhei com laços e bolas por todo o apartamento e estou ansiosa para descobrir se espero uma versão mirim do Henry ou uma pequena versão minha.

— O porteiro avisou que suas irmãs chegaram! — Henry invade o quarto e sou pega em flagrante. Estou de lingerie em frente ao espelho esticando ao máximo meu abdômen, numa tentativa inútil de ver uma barriguinha saliente.

Dezoito semanas e minha barriga não passa de uma elevação sutil. Estou frustrada por não poder exibi-la para todos. Sou aquela falsa magra, com seios medianos e bunda, mas sempre fui uma tábua na barriga o que era ótimo, até eu engravidar e querer mostrar para todo mundo.

Qualquer mulher estaria feliz por seu corpo ainda ser o mesmo, minhas amigas relataram que o corpo modificou completamente na gravidez e isso gerou algumas inseguranças em relação a sua imagem frente ao seu parceiro. A verdade é que estou disposta a pagar esse preço, foda-se se o Henry não sentir tesão por mim quando eu estiver redonda feito uma bola de pilates, eu me sentirei gostosa ainda assim. Quero curtir ao máximo essa experiência, esse é o meu momento e não deixarei que ninguém o estrague.

— Estou te esperando na sala — informa e se afasta antes de ouvir a

minha resposta.

Pego o vestido branco disposto na cama e o visto. Calço as sandálias de salto Anabela e dou uma última olhada no espelho antes de sair do quarto ao encontro de Henry.

— Vamos? — Ele levanta do sofá, está usando uma bermuda jeans surrada e uma camiseta branca. Ele sabe que esse estilo despojado para a ocasião me irrita, mas também sei que ele odeia festas. Então, estamos quites.

O Chá Revelação é mais uma festa íntima, são cerca de trinta pessoas entre parentes e amigos, a lista de Henry se reduz aos seus pais e irmão, além do Liam. Ele não apresentou mais nenhum nome e eu não insisti.

Entramos no elevador sem dizer uma única palavra. Vejo uma prévia de como está a decoração no salão de festas do nosso condomínio através das fotos que as meninas mandaram: há balões rosas e azuis por todo o espaço e uma mesa de doces que faz o meu estômago roncar lembrando-me que o meu almoço foi para a privada no início da tarde. Henry, também está com os olhos fixos ao celular, mas o que ele acompanha é uma partida de NBA.

Caminhamos a passos rápidos em direção aos convidados, ele provavelmente porque quer se livrar o quanto antes da confraternização forçada e eu porque quero me cercar de pessoas que, assim como eu, compartilham a alegria da chegada do bebê.

— Os papais chegaram! — Paula, minha melhor amiga, nos cumprimenta sorridente. A postura de Henry enrijece e sua pálpebra esquerda treme, revelando o seu estresse diante de todos os acontecimentos. Minha amiga, parece não notar, pois continua entusiasmada. — Menino ou menina? — Henry a encara sem entender.

— Você acha que será menino ou menina, papai? Os convidados terão um adesivo para identificar — Ela esclarece e mostra os adesivos. Um com o desenho de um boneco azul e outro rosa, representando, respectivamente, menino e menina.

— Hum, tanto faz... — Ele dá de ombros.

Respiro fundo e tento não me afetar pelo seu desinteresse aparente. É um momento de celebração.

*Marília, não deixe que a apatia dele estrague esse momento.*

— Eu estou dividida — confesso sorrindo — posso ter os dois?

— A mamãe do ano, pode tudo! — Paula cola os dois adesivos em mim e volta-se para Henry.

— Eu vejo isso depois... — Henry pega os adesivos da sua mão e se afasta.

— Olha ela! — Cintia, a outra amiga responsável pelo Chá junta-se a nós — você está ainda mais linda — me elogia.

— Sinto muito por te ofuscar — perturbo.

— Vaca! — Rebate sorrindo.

— Estou ansiosa para ver tudo! As fotos que mandaram estavam lindas...

— Isso porque não viu os detalhes... — Paula diz, orgulhosa.

Ela enlaça meu braço direito ao seu e Cintia faz o mesmo com o outro. Seguimos de braços dados, as três juntas, exatamente como era na faculdade.

O Chá tem como tema chuva de amor, nuvens, arco-íris e afins que decoram o ambiente. A mesa principal está dividida em dois lados representando a incógnita referente ao sexo do bebê. Separados por uma interrogação, temos de um lado uma nuvem branca com um laço rosa e do outro uma gota de água azul.

Estou completamente apaixonada pelo que vejo, Paula e Cintia arrasaram na decoração. Está tudo tão lindo que tenho vontade de chorar de felicidade. Enxugo uma lágrima solitária que rola e sigo para cumprimentar os convidados.

— Mãe! — dou um abraço apertado em uma das pessoas mais importantes para mim — senti tanto a sua falta.

— Eu também, meu amor — ela se afasta para me olhar nos olhos — você está radiante!

A minha emoção é a mesma que vejo nos seus olhos. Meus pais sempre acharam que eu fosse a primeira a dar netos, porque sempre fui namorada e quando comecei a cursar Publicidade eles tomaram como certeza que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde.

Meu pai morreu vítima de um infarto fulminante. Em um dia, conversamos animadamente sobre os detalhes do meu casamento e no dia seguinte ele não acordou para provar o terno que aluguei. Ele não viveu para me levar ao altar, como era meu sonho e também não está aqui agora para celebrar o seu neto. Ainda assim, o sinto presente em todos os momentos da minha vida.

Posso apostar que se ele estivesse aqui, abriria os braços para me receber com um enorme sorriso e falaria que sempre esteve certo ao meu respeito: sou a primeira filha a lhe dar netos.

Meu filho não terá um avô amoroso para niná-lo no seu abraço aconchegante, eu não terei meu pai para segurar a minha mão na maternidade e

me confortar dizendo que ficará tudo bem... Não há um só dia em que não sinta a sua falta.

— Ele tinha razão... — As lágrimas rolam pelo meu rosto e não luto para controlá-las.

— Ele sempre tinha — ela seca as minhas lágrimas.

— Não acredito que já estão chorando! — Maíra, minha irmã mais nova aproxima-se trazendo um enorme urso com um laço vermelho no pescoço. — Isso é para minha sobrinha.

— Você não sabe se será uma menina — mostro a língua para ela.

— Achei que você estaria enorme e rolando pelos cantos. Mas até que está gostosa para uma grávida — Maiara, a filha do meio, perturba.

— Que forma mais doce para dizer que sentiu minha falta e está feliz em ver que continuo gostosa, seguindo a dieta da minha nutricionista preferida.

— Tem certeza que está seguindo à risca a dieta que enviei? — Maiara arqueia a sobrancelha.

— Mais ou menos — sorrio.

— A tia Maiara é aquela tia chata que não permitirá que coma doces até os cinco anos. Mas a tia Maíra irá comprar balas para você, não se preocupe. — a caçula conversa com a minha barriga.

— Depois que a criança estiver com diabetes, veremos quem verdadeiramente é a tia legal — Maiara rebate.

— Todo esse papo de doces está me torturando. Vamos atacar a mesa de doces! — Afirmo e elas me acompanham na caça as guloseimas.

Os pais do Henry chegaram ao fim da tarde e nos preparamos para, finalmente, revelar o sexo do bebê. Quando eu decidi que iria esperar para saber com todos não imaginei que causaria tanta ansiedade. O sexo do bebê será revelado a partir da cor do recheio do bolo. Rosa para menina e azul se for menino.

— Dezoito pessoas acham que é menino, enquanto doze acreditam que temos uma menina a caminho! — Cintia informa.

— Papais último palpite antes de partir o bolo e descobrir se terão que comprar lacinhos ou sapatinhos — Paula anuncia sorridente.

— Eu estou com a maioria, acho que é menino — confesso.

— Alguma sugestão, papai? — Minha amiga insiste diante do silêncio de Henry.

— Vamos acabar logo com isso! — Ele anuncia e parte o bolo desajeitadamente, com o auxílio de uma espátula.

Todas as atenções estão voltadas para nós, em torno do bolo. As pessoas não têm ideia que não se trata de um pai ansioso para a descoberta do sexo do seu filho, mas uma reação de um homem irado com a ideia de ser pai e tentando, a todo custo, estragar o meu momento mágico.

— Parabéns mamãe, você terá uma menina! — Ele deposita uma grande fatia nas minhas mãos.

Meus olhos enchem de lágrimas, mas não é emoção que sinto agora e sim raiva no seu estado mais primitivo. Henry acabou de estragar o momento mais especial da noite, minhas amigas passaram semanas planejando cada detalhe, eu aguardei ansiosamente pela descoberta do sexo do meu bebê. Ele transformou tudo em um show de horror.

Luto contra a raiva para não dar o espetáculo que ele merece.

— Parabéns, amor.

Sou envolvida por abraços que não são do meu marido e, enquanto sou parabenizada, assisto o Henry se afastar como se a felicidade o repelisse.



# Marília

Henry não foi embora apenas do Chá Revelação, é como se ele tivesse ido embora da minha vida. Ainda que ele permaneça morando no nosso apartamento.

Ele não passa de um corpo em movimento, andando em direção contrária a minha a cada vez que estamos no mesmo ambiente. Às vezes penso que seria mais fácil se ele arrumasse as malas e fosse embora definitivamente, assim eu poderia acusá-lo e odiá-lo de verdade.

Entretanto, ele continua ocupando o lado esquerdo da cama, seu corpo inconscientemente ainda procura o meu durante a noite e quando seus braços enlaçam o meu corpo e me aconchego ao seu peito, eu ingiro a minha dose diária de afeto e permito-me esquecer, por algumas horas, todos os nossos desencontros.

Mas assim que o dia amanhece ele solta o meu corpo e passamos a nos repelir novamente.

As nossas interações agora se restringem ao trabalho e, apenas, quando é

estritamente necessário. Grande parte dos nossos diálogos são intermediados por outra pessoa. “O táxi que senhor Henry solicitou para levá-la em casa, acabou de chegar senhora Marília” ou “Avise ao meu marido que já estou de saída”.

— Por que tem uma arquiteta na recepção? — Ele invade a minha sala e eu demoro alguns segundos para processar o que ele falou.

Hoje ainda não tínhamos nos visto. Ele saiu para trabalhar antes que eu acordasse e não estava na agência quando cheguei.

— Eu a contratei!

— Isso é óbvio, até agora temos uma única senhora Figueiredo nessa empresa.

— Até agora?! — Arqueio a sobrancelha.

— É uma forma de falar, não começa! — Me repreende.

— Não, tudo bem. Só me avisa com antecedência quando colocar uma senhora Figueiredo no meu lugar, gostaria de tirar o porta-retratos do seu escritório.

— Não seja ridícula, Marília.

— Eu estou sendo ridícula? — Questiono. — Você passou as últimas semanas me evitando, como se eu fosse portadora de uma doença contagiosa. Aliás, eu sou, né? — Aponto para a minha barriga e seus olhos se concentram nela.

A barriga arredonda e perceptível é o sinal concreto da minha gravidez. Ela deu um salto nas últimas semanas e agora uso vestidos que ressaltam ainda mais a protuberância dela. E por mais que ele insista em negar a existência da filha, não tem como ignorar uma mulher com uma barriga redonda dormindo ao seu lado.

— Por favor, queira se retirar da minha sala. Tenho uma reunião agendada.

— Para que chamou uma arquiteta? Está pretendendo modificar algo na agência sem me consultar?

— Não, mas se eu quisesse não precisaria te consultar, afinal sou tão dona desse lugar quanto você.

— Se não é nada envolvendo a agência por que temos uma arquiteta aguardando você no seu local de trabalho?

— Vou matar a sua curiosidade, querido esposo. A arquiteta está aqui para apresentar o projeto de decoração de quarto do bebê que solicitei.

— Quarto do bebê?

— Sim, um lugar aconchegante e delicado para proporcionar ao bebê e a mãe uma linda experiência que é a maternidade — falo pausadamente cada palavra e observo o rosto do Henry atingir tons de vermelho como se ele estivesse perto de explodir.

— Não temos um quarto de bebê no nosso apartamento!

— Não tínhamos — corrijo — o que hoje é o escritório/cantinho da bagunça, será transformado no quarto do bebê. E como esse assunto não é do seu interesse, convido-o gentilmente a se retirar.

— Você vai transformar o meu escritório no quarto de bebê? — Pergunta irritado.

— Você nunca usa aquele espaço! — Rebato — além disso, onde você queria que o bebê ficasse?

— Em qualquer lugar que não seja o meu escritório.

— Lamento informar, mas a sua reclamação não poderá ser atendida. Agora se me dá licença estou ansiosa para ver o quarto da minha filha.

Disco para o ramal da secretária e solicito que autorize a entrada da arquiteta. Desligo o aparelho e noto que Henry permanece estático feito uma estátua na minha sala.

— Eu vou ficar para garantir que não transformará a sala em um *playground* — se senta na cadeira à frente da minha mesa.

— Oi, estou entrando — a arquiteta com a qual falei pelo telefone nos últimos dias surge na minha sala.

A mulher parece que saiu da capa de uma revista masculina. Ela é terrivelmente deslumbrante: alta, com cabelos longos e loiros e seios grandes evidenciados num decote profundo. Caminha sedutoramente até a minha mesa. E não consigo parar de olhar para ela, estou completamente hipnotizada pela versão brasileira da Pâmela Anderson na minha sala. Para a minha sorte, Henry está sentado de costas para ela.

— Marília, não é? — Ela estende a mão para mim.

— Sim... Esse é o Henry, meu marido — ele ergue o olhar do celular e aceita a mão dela estendida.

— Prazer, sou a Carla — ela prolonga o aperto de mão — é sempre bom ter uma visão masculina das coisas, não é? — A pergunta é direcionada para o Henry.



— Não é o que eu penso — me limito a responder — você trouxe o que pedi?

— Sim, a partir das plantas originais do espaço construímos o quarto do bebê — ela retira da sua pasta o projeto e o deposita na mesa, se debruçando sobre ela para apontar os detalhes enquanto fala. — O principal desafio do projeto de decoração deste cômodo foi fazer a transformação de um quarto que, inicialmente era um escritório, em um quarto de bebê. Baseado no que conversamos busquei criar ao máximo um ambiente acolhedor para o bebê. Optei por manter o sofá cama existente, já que nesse período é comum receber visitas e além de ser um lugar confortável para o pai descansar entre uma mamada e outra. Marília, você terá que me perdoar, mas eu amo um clichê e quarto de menina sem o universo cor-de-rosa, não é quarto de meninas. Sendo assim, eu alterei a cor do papel de parede de Marfim para o Beijo de Anjo. — Exibe uma palheta em um tom rosa claro. — Também pensei nas almofadas, cortina e joguinho de berço seguindo o mesmo tom das paredes.

Paro de ouvir o que ela fala em determinado momento e aprecio o projeto. De olhos abertos consigo vislumbrar cada coisa no seu devido lugar: O berço e a cômoda branca ocupando o canto direito do quarto. A cadeira de amamentação no lado esquerdo. Acima dela foi projetado um painel em gesso acartonado com adesivos de uma árvore e flores em tom de rosa. Em cada flor foi colocado um ponto de fibra ótica, que no escuro pulsarão como estrelas. Vi essa ideia numa revista de maternidade e apresentei a Carla que informou que se encaixaria perfeitamente no projeto.

Na parede vaga colocarei nichos em forma de círculos no mesmo tom dos móveis, para colocar o ursinho que a minha irmã deu a sobrinha e outros itens de decoração.

— Isso é um escritório? — Henry indaga despertando-me do meu mundo cor de rosa. De todas as coisas lindas, ele reagiu apenas no minúsculo espaço que ocupa todo o mapa do apartamento.

— Sim, a sua esposa também solicitou um home office integrado a sala. — ela explica para ele como foi idealizado o projeto — e aí gostou?

— Sim, você otimizou o espaço e ainda trouxe o meu escritório de volta.

— Fico feliz quem tenha gostado. E você Marília? — Pergunta, um tempo depois.

— Eu vou estudar com mais calma o projeto e entro em contato com você.

— Claro — Carla sorri — caso queira adiantar o home office, pode me

chamar aqui — ela entrega um cartão de visitas pessoal para Henry — vou ficar no aguardo da sua ligação.

São as palavras dela antes de se retirar, o que não tenho tanta certeza é se elas foram ditas para mim ou para o meu marido.



Ter filhos é uma questão de escolha. Você pesa os prós e os contras e decide se os quer ou não. A cobrança por um herdeiro é frequente, mas não é um fator que se deve pesar nessa balança. O que me irrita é que essa opção me foi tirada, foi usurpada de mim e, de brinde, ganhei o troféu de pior homem do mundo por ser insensível a esse fato.

Sim, eu sei que não adianta mais chorar pelo leite que foi derramado, mas nada pode me impedir de ficar ressentido com a pessoa que virou o copo e derramou a bebida deliberadamente. Sem a menor consideração em observar se eu estava com fome ou não.

Desde que ela me comunicou sobre a gravidez, eu estou esquentando lentamente, como uma panela de pressão. Torcendo para não explodir. Sabe quando você está perto de atingir o seu limite? Todos nós sabemos a dose exata para ultrapassar a barreira do que é tolerado. Alguns mais, outros menos, mas todos sabemos o que nos faz estourar feito um balão de festa de aniversário.

Sábado à noite e estou numa festa infantil contra a minha vontade. Não sou fã de festas e confraternizações de nenhum tipo, as evito o máximo que

posso, mas hoje é um daqueles dias em que não deu para fugir. É aniversário de seis anos do meu afilhado Luan e fui coagido pela minha esposa e pelo meu irmão a comparecer ao aniversário já que nos anos anteriores inventei desculpas para não ir. Dessa vez, meu afilhado foi pessoalmente me entregar o convite e pediu a minha presença como seu “presente especial”. Acuado e sem querer ferir os sentimentos dele, prometi que não faltaria.

Agora estou preso no mesmo ambiente com dezenas de crianças gritando e correndo de um lado para o outro. Disputando com as crianças, músicas infantis insuportáveis saem das caixas de som, para conversar com as pessoas precisamos gritar para sermos ouvidos. Se bem que não tenho muito o que conversar, já que a minha expressão fechada afasta qualquer um que queira estabelecer um diálogo.

Marília e minha mãe, por sua vez, conversam animadamente, do lado oposto da mesa. Minha mãe acabou de presentear a neta com mais um mimo. Não sei nada sobre bebês, mas uma criança tem apenas dois pés e esse é o quarto sapatinho que vejo a minha mãe dar para ela. Isso sem contar nas inúmeras roupinhas que ela começou a tricotar.

Uma criança espirra em Marília com uma pistola de água. Para a minha surpresa, ela não reage irritada por ser atingida e apenas sorri para a criança que se desculpa antes de correr atrás do seu alvo que se afastou rapidamente.

— Cinco minutos e já batemos os parabéns — minha cunhada vem até a nossa mesa para informar.

— Já era hora! — Digo e Marília me repreende com o olhar.

— Mari, você poderia ficar com o Léo? O Luan está me pedindo constantemente para descer com ele no escorregador maluco.

— Tia! — O menino exclama e estende os braços na direção de Marília.

— Coisa mais linda da tia! — Ela pega o menino em seus braços e o enche de beijos.

— Henry, pegue o Léo para ir treinando — Minha mãe sugere.

— Você quer ir para os braços do tio Henry? — Marília fala como se uma criança de um ano pudesse responder. O menino apenas sorri e baba em resposta. — Quer segurar ele? — Ela se volta para mim.

— Estou bem aqui — nego e ela assente, antes de voltar a brincar com o menino.

— Está tendo muitos desejos, Marília? — Minha mãe pergunta.

— Até agora não.

— Se prepare Henry, para atravessar a cidade em busca de alguma comida — meu pai sorri como se soubesse exatamente o que ela vai falar — lembra quando você saiu as quatro da manhã em busca de limão, Cláudio?

— Claro que lembro — ele responde — você disse que o nosso menino nasceria com cara de limão.

— E nasceu! Henry tem cara de azedo até hoje — Herbert, meu irmão, que acabou de chegar se intromete.

— Imbecil! — Rebato.

— Se a sua filha nascer com um terço do que o Henry é, você está fodida, cunhada! — Meu irmão gargalha.

— Como se a Marília fosse um doce de pessoa! — ataco-a. Ela abre a boca para rebater, mas parece decidir que não vale a pena destruir a sua imagem de mulher doce na frente dos sogros.

Em um minuto estou trocando olhares acusatórios com a minha esposa e no seguinte sinto algo gelado molhar a minha perna. Alguém esbarrou na mesa e derrubou o copo de cerveja sobre mim.

É o fim da festa!

É o máximo que consigo suportar.

— Que porra! — Esbravejo e, por azar, naquele momento a música infantil cessa, fazendo o meu xingamento ecoar por toda o salão.

— Desculpa, tio — o menino, que não é o meu sobrinho, pede com os olhos cheios de lágrimas.

— Não tem problema, amor — Marília logo está agachada na altura da criança — você não teve intenção de fazer isso.

— Mas fez e agora estou molhado porque uma maldita criança...

— Ei, você não vai falar assim ninguém na minha frente! — Meu irmão me repreende. Pode voltar a brincar, Luiz — se volta para o menino que se afasta correndo — você está louco em gritar desse jeito com uma criança? — Herbert questiona.

— Eu estive louco quando aceitei vir para esse aniversário.

— É só dar meia volta e vazar! — ele aponta para a saída — agora se vai ficar aqui, precisa respeitar meus convidados sejam eles crianças ou não.

— Vamos bater os parabéns, padrinho! — Luan retorna em meio ao clima tenso e segura a minha mão. — Vamos dinda! — Estende a mão para Marília que aceita.

Sou arrastado, ainda molhado e bufando de raiva, até a mesa do bolo.

A canção tradicional de parabéns para você é cantada, meu afilhado apaga as velinhas e finalmente consigo ir embora.



O trajeto até em casa foi feito em silêncio, mas assim que a porta do apartamento foi fechada, Marília abriu a boca.

— Precisava gritar com uma criança?

— Do jeito que você fala parece que eu agredi o menino — rebato.

— Se alguém falasse com o meu filho da forma que você falou com aquela criança eu teria armado um barraco.

— Se o seu filho for mal-educado se prepare para armar o barraco. Não vou permitir que uma criança cresça sem limites.

— Limites? Você não está pondo limites quando grita com ela por algo que não se teve culpa. Ou na sua cabeça doentia aquela criança esbarrou na mesa para irritar você? O mundo não gira ao seu redor, Henry.

— Na minha cabeça doentia — repito as suas palavras — uma criança não deve ser tratada de forma complacente porque é uma criança.

— A questão não é essa e você sabe disso.

— O que eu sei é que estou de saco cheio de tudo isso. Essa festa só serviu para confirmar que eu jamais teria um filho se você me consultasse.

— Está cada dia mais insuportável conviver com você — ela abre o guarda-roupa e retira uma camisola.

— Claro, eu sou o filho da puta frio e sem coração, enquanto você é um turbilhão de sentimentos. A doce Marília é um contraste com o amargo Henry... — deixo que o sarcasmo saia de mim.

— Você não vai conseguir estragar o meu dia! — Ela caminha em direção ao banheiro.

— Esse é o seu papel.

— O que foi que eu estraguei? — Marcha em minha direção. — Não esqueça que seus maiores objetivos foram concretizados com o meu apoio. Estive ao seu lado quando você decidiu largar o emprego de carteira assinada para abrir a sua própria agência. Sustentei sozinha as contas por meses até a

agência começar a dar lucro...

— Você sabe que não é sobre isso que estamos falando.

— Sobre o que estamos falando? — Apoia a mão na cintura. — Me diz qual é o problema? — Ela sorri diante do meu silêncio. — Você é tão patético que não consegue falar a palavra “filho” sem se contorcer.

— Eu sou patético? Pelo menos não sou traíra ao ponto de fazer um filho por conta própria!

— Você conseguiu! — Bate palmas. — Vamos tentar novamente: F-i-l-h-a!

— Eu posso dizer filha repetidas vezes, mas isso não mudará como eu me sinto em relação a isso.

— Isso? — Questiona com o dedo em riste. — Isso é a sua filha.

— Filha que eu jamais cogitei em ter! — Rebate.

— Você não precisa deixar isso claro a cada minuto. Eu não sou burra, eu sei o quanto você abomina a realidade de ser pai.

— E mesmo assim optou a engravidar sem me consultar!

— Vamos sempre ficar voltando a esse assunto!?

— Não é um assunto, porra! — Grito. — É a droga de um filho. Não há como relativizar isso. Não é como descobrir que a sua esposa mexeu na conta conjunta, sem consultar o companheiro para comprar o último Iphone.

— As suas comparações esdrúxulas me enojam.

— Você me traiu, porra! — Rosno e ela arregala os olhos.

— Eu... — ela abre a boca e fecha repetidas vezes, como se buscando uma palavra — eu olho para você e não enxergo o homem pelo que me apaixonei, o Henry que eu conheço estaria sempre ao meu lado, ainda que não concordasse.

— Esse é o seu trunfo, não é? Saber que eu sou íntegro demais para cair fora e deixar você grávida.

— Eu não quero que esteja ao meu lado por obrigação! Eu quero que você fique ao meu lado porque me ama e ama essa criança.

— Não me peça para fazer mais do que eu posso...

— Você está liberado — seus olhos estão marejados — você está livre da função de ser pai. A minha filha não precisa de um pai no registro de nascimento. Ela merece um pai que a ame incondicionalmente e a coloque em

relevância na sua vida. E, pelo visto, eu me enganei quando escolhi você para ser esse homem. Faça o que sempre quis fazer desde que soube que seria pai, vá embora e não olhe para atrás, eu não vou te acusar.

Sem dizer uma única palavra saio do quarto antes que o seu choro compulsivo me faça recuar.





# Marília

A porta sendo fechada ruidosamente é o último som que escuto antes do meu choro compulsivo ecoar pelo apartamento.

Henry foi embora.

Ele não titubeou perante a minha sugestão e simplesmente partiu.

*Era um blefe, seu babaca!*

Em todos esses anos eu jamais cogitei a ideia do divórcio. Temos as nossas diferenças, mas também temos companheirismo e lealdade. Nós já passamos por muitos perrengues juntos, e nesses dez anos juntos, entre namoro e casamento, um jamais soltou a mão do outro. Permanecemos lado a lado enfrentando as adversidades.

Meu corpo treme à medida que lágrimas feias e grossas rolam pela minha face. Abraço o meu próprio corpo e respiro fundo tentando manter o controle da situação, mas não tem como se manter serena quando o homem da sua vida a abandona.

A sensação de perda me atinge e entrego-me a dor de ser desamparada.

Sento na beirada da cama quando sinto minhas pernas fraquejarem, o edredom tem o seu cheiro, assim como o seu travesseiro e cada parte do nosso quarto.

Não é a colônia que ele sempre usou, mas a nova fragrância de notas críticas que se tornou o seu cheiro atual. Ele ficou irritado quando substitui o seu perfume, mas prontamente adotou a nova fragrância quando constatou que as notas amadeiradas me causavam náuseas.

Eu também fiquei irritada com a alteração, afinal o seu antigo perfume foi o primeiro presente de namoro após eu descobrir que o cheiro que eu tanto gostava tinha sido presente de uma antiga namorada. Eu queria criar nosso próprio aroma, por isso comprei uma colônia e, naquele momento, instituí que havia o “antes da Marília” e o “depois da Marília”, o marco era a nova fragrância.

Eu sofri e tentei adiar ao máximo a troca da colônia, mas a cada vez que ele usava o perfume enquanto eu me maquiava o meu estômago embrulhava e todo o café da manhã parava no fundo do ralo. Eu mais do que ninguém não queria perder essa parte sua, meu olfato demorou a associar o meu Henry ao novo aroma.

Relembro enquanto observo o seu lado da cama vazio, o quarto parece grande demais sem a sua presença.

Como vou dormir sem o seu abraço? Quem irá me acordar quando o despertador tocar pela terceira vez e eu ignorá-lo completamente?

E quando a gente se reencontrar na agência: Você estará abatido ou terá um semblante sereno? E as pessoas no trabalho? Posso imaginar a conversa nos corredores na agência, todos sentindo pena da pobre Marília que foi abandonada grávida.

Todas essas conjecturas não ajudam em nada e eu continuo chorando. Avisto o sapatinho rosa que a minha sogra me entregou no criado mudo e caminho até ele. O pequeno sapato de tricô cabe na palma da minha mão e lembra-me que não estou sozinha.

Agora eu tenho uma filha para cuidar e é por ela, que respiro fundo e tento conter as emoções. As lágrimas ainda rolam pelo meu rosto, mas eu decido enxugá-las e seguir até a cozinha em busca de um chá. Se minha mãe estivesse aqui ela diria que não há nada que um chá de camomila e uma boa noite de sono não resolva.

No caminho até a cozinha bato o dedo mindinho numa caixa espalhada na sala.

— Merda! — Exclamo e chuto a caixa irritada.

Iniciamos as mudanças no apartamento para a chegada do bebê, de modo que os itens do escritório estão todos em caixas empilhadas na sala.

Acabei fechando mesmo com a arquiteta Carla. Henry aprovou completamente o seu projeto do home office e antes que eu tomasse a minha decisão ele informou que ela seria a sua opção. E eu tinha realmente amado o quarto da bebê, ela havia traduzindo todos os meus desejos, além do fato de ela ser a opção mais viável financeiramente.

A equipe de arquiteta iniciou as atividades no início da semana, pelo quarto do bebê. Já substituímos o papel de parede e trocamos o carpete, na próxima semana a equipe de móveis planejados entregará os móveis para darmos continuidade as mudanças.

Enquanto isso eu sigo esbarrando nas caixas e ignorando as reclamações constantes do Henry sobre seus livros empilhados. O meu chute na caixa faz a pilha de livros se esparramar pelo chão. Agacho-me para pegá-los e encontro entre eles um papel amarelado.

Deixo os livros de lado e abro o papel:

*“Quando você me amarrou a primeira vez eu não tive outra escolha a não ser permanecer ao seu lado. Hoje, eu permaneço preso a você porque não sou capaz de partir.*

*Do sempre seu, Henry”*

As lágrimas que eu acreditava ter deixado para trás ressurgem e molham o papel amarelado pelo tempo. Esse bilhete é o mais perto de uma carta de amor que recebi do Henry. Ele foi dado junto com uma aliança e seguido de um pedido de casamento.

As suas palavras escritas tanto tempo atrás teriam desaparecidos com o tempo? E se a sua afirmação continuasse valendo e ele estivesse apenas confuso? A gravidez não planejada modificou a nossa relação, todavia eu sou a mesma mulher, a mulher que ele escolheu para permanecer ao seu lado.

Levanto com o bilhete em mãos tentando compreender todo o sentimento que aquelas palavras me trouxeram.

E se ele tivesse esquecido os motivos pelos quais estava ao meu lado? E se juntos escrevêssemos novos motivos para nos mantermos juntos? A minha mente fervilha e a notificação do celular aponta o caminho a seguir, encontro-o jogado sobre o sofá e meu coração erra a batida com a mensagem recebida.

***Vou passar a noite na casa do Liam.***

A mensagem curta é o que preciso para tentar corrigir as coisas.  
Se Henry realmente quiser ir embora que seja pelos motivos certos.



— Desculpa a hora... — Digo assim que Liam abre a porta do seu apartamento.

— Marília, o que você faz aqui? — Ele pergunta, surpreso.

— Eu sei que deveria esperar até amanhã, mas você conhece o seu amigo. Ele não estaria mais sereno no dia seguinte e eu preciso pedir perdão a ele... — Falo num som fôlego.

— Amor, vem! — Uma voz feminina ronrona e meu coração erra a batida diante do aquilo significa.

Liam não se move e continuo ali, estática em frente a porta, estico o pescoço para descobrir quem é a dona da voz. Meus olhos param numa ruiva estonteante usando apenas lingerie branca e saltos altos. O tom vermelho do seu cabelo representa a minha ira.

— Chamou uma amiga para a brincadeira? — A mulher me fita de cima a baixo e seus olhos param na minha barriga saliente. — Uma amiga grávida? — Ela não disfarça a surpresa.

— Não! — Liam discorda prontamente. — A Marília é uma amiga, mas não esse tipo de amiga. Uma mulher grávida não está na minha lista de amigas para foder.

— Se ela não é esse tipo de amiga, o que ela faz aqui? Não me diz que você é o pai?

— Claro que não! — Ele brada e seu rosto se contorce revelando o quanto ele acha repugnante apenas a ideia de ser pai.

— Ele não é o pai — acaricio a minha barriga — o pai dela é o outro imbecil que está aí dentro.

— Não tem mais ninguém aqui, querida! — A ruiva aproxima-se e abraça Liam por trás.

— Eu não sou burra! — Rosno. — Henry pode aparecer! — Marcho casa adentro sem ser convidada.

— O Henry não está aqui — Liam diz, seguindo os meus passos.

— Você não precisa acobertar o seu amigo...

— Se você não acredita sinta-se à vontade para vasculhar o meu apartamento. Mas você não o encontrará aqui.

— Querida, por mais que adore a ideia de um amigo do Liam conosco, não tem mais ninguém aqui além de nós dois.

— Ele enviou uma mensagem informando que estava aqui...

— Deve estar a caminho então — Liam pondera — o que aconteceu afinal?

— Ele deve estar em um hotel... ou motel — a mulher insinua — por que você não sai por aí a sua procura e nos deixa curtir a nossa noite?

— Ele não levou a carteira e a chave do carro, encontrei os dois na mesa de centro... — as malditas lágrimas enchem os meus olhos e recuso-me a chorar diante da desconhecida. A mulher me olha com compaixão, ela deve estar morrendo de pena da grávida imbecil atrás do marido.

— Por que não liga para ele e dissipa as dúvidas? — Ela sugere. — O trânsito está caótico, ele pode estar preso em algum engarrafamento.

— Isso! — Liam junta-se a ela. — Tente ligar para ele agora.

Faço o que eles sugerem e a ligação não completa, cai direto na caixa postal. Tento mais duas vezes e o mesmo se repete.

— Nada? — Liam está com a mesma expressão de dó da mulher.

— Por que você não vai para casa e o aguarda? Ele pode ter mudado de ideia...

— Desculpa atrapalhar a sua noite — enxugo as lágrimas que rolam contra a minha vontade — eu sou uma idiota! Desculpa mais uma vez.

— Tchau! — A mulher acena para mim.

— Você não vai embora nesse estado.

— Qual é, gato? — A ruiva se volta para ele irritada.

— Eu vou buscar um copo de água para você e tentaremos encontrar o Henry. — ele me encara e vejo verdade no seu olhar, ele não faz ideia onde o amigo está.

— E o que eu faço enquanto isso?

— Você pode vestir a sua roupa e ir embora, amanhã eu te ligo — a mulher o encara boquiaberta.

— Eu já estou de saída, Liam — anuncio.

— Você fica! Cintia, amanhã a gente conversa.

— Você está me trocando por essa mulher?

— Essa mulher é a esposa do meu melhor amigo — diz com o tom mais rude — então se você quer saber: sim, estou convidando você a se retirar da minha casa para ajudar uma amiga.

A mulher lança para ele um olhar furioso, o mesmo olhar se estende a mim antes dela seguir com passos firmes ao encontro das suas roupas.

— Liam, eu estou bem — minto.

— Não está e sabe disso — ele pega as chaves das minhas mãos trêmulas — você não tem condições dirigir nesse estado.

— Você é um imbecil! — A mulher rosna as palavras quando retorna. O conceito de roupa dela é um top preto e uma minissaia da mesma cor, tão pequenos quanto a sua lingerie. — Não se dê ao trabalho de ligar amanhã, pois eu não atenderei! — Ela fecha a porta furiosa.

— Vou pegar água para nós. — Liam se afasta e retorna em seguida, trazendo um copo com água gelada.

— Desculpa por estragar a sua noite.

— Amigos são para isso — diz, sorrindo.

O telefone dele emite o som de baterias de rock e ele caminha lentamente ao encontro do aparelho conectado à tomada. Fico em estado de alerta a espera de qualquer notícia do Henry.

— É a ruiva! — Ele diz antes de apertar o play e a voz estridente da mulher preenche o ambiente:

— *Eu queria deixar claro antes de bloquear você definitivamente que você não vale um terço do meu tempo! Maldita hora quando cai no seu papo e parei no seu apartamento. Você é o tipo gostoso, mas ordinário. Tenho certeza que o seu pau de ouro é uma odisseia, pois até onde eu vi ele não parece...*

— Chega! — Ele sorri e interrompe o áudio.

— Justo na parte que elaalaria dos seus dotes? O áudio estava me distraindo dos meus problemas...

— Se você está curiosa pelos meus dotes, eu passo o número da minha última foda. Garanto que ela não tem do que reclamar.

— Propaganda é a alma do negócio.

— E eu sou o melhor no ramo — pisca em minha direção.

— Eu preciso ir — pouso o copo de água vazio no apoio do sofá — me desculpa mais uma vez pela confusão.

— Eu te levo em casa, só preciso vestir uma camisa! — Levanta-se junto comigo e sabe quando você olha para uma paisagem por anos e um dia do nada você enxerga algo que não havia notado? Era assim agora, não notei quando invadi o seu apartamento que ele usava uma daquelas bermudas de moletom que se ajustam ao corpo e evidenciam partes que você não deveria observar, pelo menos, não quando o volume em questão é de um amigo. Meus olhos seguem das suas pernas até o seu abdômen definido, somente agora eu notei isso e agora que meus olhos notaram tais fatos, eles parecem incapazes de desviar do corpo exposto.

— Não é uma pergunta, vou pegar uma camisa e vamos! — Ele sai antes que eu possa contestar.

Minutos depois ele retorna devidamente vestido, além da camisa, ele trocou o short de moletom por uma bermuda de sarja preta. Não sei o porquê, mas minha mente registrou essa mudança. Deve ser a parte do meu cérebro que está tentando não focar no Henry e se fixar em coisas aleatórias como a barba bem-feita do seu melhor amigo, ou o cabelo despretensiosamente desajeitado para causar um efeito de bom moço.

— Vamos? — Balanço a cabeça em afirmação.

Seguimos no meu carro até o apartamento, Liam fala sobre coisas banais como o clima e o trânsito cada vez mais louco da capital paulista e eu concordo com poucas palavras.

— Quer que eu suba com você? — Ele pergunta quando para na frente do meu prédio.

— Não, está tudo bem — minto — obrigada.

Ele me encara com um sorriso nos lábios, adio a despedida e permaneço sentada no banco do carona em silêncio. Estou com medo de retornar e não encontrar Henry em nosso apartamento, estou com medo de enfrentar a realidade.

— Nenhum sinal dele? — Ele pergunta quando olho mais uma vez para o celular nas minhas mãos.

— Não... — Emito fracamente sentindo toda a fragilidade da situação me dominar novamente. — Obrigada pela carona, quer que eu peça um carro pelo

aplicativo?

— Não, tem um ponto de táxi aqui próximo.

— Ok...

— Qualquer coisa é só ligar, independente da hora.

— Pode deixar.

— Fica bem — ele beija o meu rosto e desce do carro.

Permaneço estática observando-o sumir do meu campo de visão.



# 10



## Henry

Assim que pisei os pés fora do apartamento percebi que deixei para trás a chave do carro e a carteira, a única coisa que eu trouxe foi o celular que estava no bolso da calça.

*Você é um idiota, Henry!*

Repreendo-me mentalmente.

Eu poderia tocar a campainha e pegar as minhas coisas, mas no exato momento em que Marília abrisse a porta eu estaria voltando para o centro do redemoinho e eu estava exausto demais para discutir.

Por isso, aperto o botão do elevador até o térreo. Atravesso a portaria a passos rápidos para não dar brechas ao meu porteiro para conversar. Na calçada do condomínio avalio a minha situação.

Estou sem dinheiro e documentos e não tenho muitas opções a recorrer nesse momento. Não vou para a casa dos meus pais, pois tudo que eu menos quero é envolver mais pessoas nessa confusão. A casa do meu irmão está fora de cogitação, depois do episódio no aniversário, há poucas horas, eu duvido que ele

me dê abrigo. Além do mais, eu não queria escutar mais alguém me condenando por não amar minha vida atual.

Liam. Ele é o meu melhor amigo e a última pessoa do mundo que me recriminaria por tudo o que aconteceu.

Envio uma mensagem perguntando se ele está em casa e a sua última visualização é de horas atrás. Ele deve ter ido à caça, é isso que os solteiros fazem aos finais de semana. No mundo dele não existem discussões com suas parceiras, apenas sexo e diversão. Tudo o que falta no meu mundo.

Enquanto aguardo a confirmação que Liam está em casa solicito um carro através do aplicativo no celular, no qual meu cartão de crédito já está cadastrado. Vou para o shopping mais próximo em busca de um caixa eletrônico.

Por sorte, o meu banco possui um serviço que permite sacar dinheiro no caixa eletrônico sem o cartão. A solicitação é realizada através do aplicativo da instituição financeira e segundos depois recebo no número cadastrado um código com validade de cinco minutos autorizando o saque. O valor do saque é limitado a trezentos reais e é mais que o suficiente.

Meu estômago ronca, reforçando que as comidas da festa infantil não podem ser consideradas uma refeição. Com o dinheiro em mãos sigo até o bar gastronômico localizado na praça de alimentação superior. O ambiente descontraído é frequentado na sua maioria por homens em busca de bebida gelada e petiscos brasileiros.

Faço o meu pedido, chope e iscas de carne e batatas-fritas, enquanto assisto na TV do estabelecimento uma mesa redonda sobre futebol. Meu celular indica que a bateria está chegando ao fim e nenhum retorno do Liam.

Mais alguns minutos e estarei incomunicável, inevitavelmente penso na Marília. Ela ficaria extremamente preocupada se tentasse entrar em contato comigo e não tivesse uma resposta, ela é do tipo de pessoa que cria cenários catastróficos apenas com uma ausência de respostas por algumas horas.

Estou num duelo interno enquanto assisto a barra de energia diminuir a cada segundo. Eu não deveria me preocupar com ela, afinal ela é a responsável por toda essa merda que estamos vivendo. Todavia, eu me preocupo, porque a amo, e quando a gente ama pensa no outro ainda que ele não mereça a nossa atenção.

Vou passar a noite na casa do Liam.

É o que envio antes do celular desligar.



— Onde você esteve? Por que demorou tanto para chegar? — Sou bombardeado de perguntas pelo Liam assim que ele abre a porta do seu apartamento.

— Por aí — ele abre espaço para que eu entre e fecha a porta em seguida. — posso passar a noite aqui?

— Claro! Mas aconselho que ligue para a Marília.

— Eu já avisei a ela.

— Ela esteve aqui à sua procura.

— Por que ela viria até aqui depois da minha mensagem?

— Confirmar se era verdade? — Arqueia a sobrancelha. — Velho, se você vai me envolver nas suas coisas combina antes comigo. A Marília veio aqui e eu não sabia o que dizer.

— Não tem coisa nenhuma, Liam. Nós brigamos, eu saí de casa e vim para cá.

— E nesse caminho o que você fez?

— Como assim?

— Pela hora da sua mensagem e a sua chegada até aqui temos uma lacuna em branco. E Marília a preencheu a partir dos indícios que encontrou...

— Podemos acabar com as charadas e ir direto ao ponto? Quais indícios ela encontrou?

— Uma ruiva estonteante trajando apenas lingerie na casa do melhor amigo solteiro que o marido informou que passaria a noite. Ela juntou um mais um e fodeu tudo. Consegue compreender?

— Por que você a deixou entrar se você estava acompanhado? — Questiono.

— Pelo mesmo motivo que você entra no condomínio sem ser anunciado. — Dá de ombros. — Vocês são meus amigos e o nome de vocês está na lista da portaria.

— Caralho! Aposto que ela interpretou tudo errado e fez uma cena.

— Não tinha como interpretar diferente... Imaginei gritos histéricos e cabelos puxados, mas não rolou nada além de uma voz mais aguda ali e um olhar

raivoso acolá — a decepção é evidente na sua voz — por um segundo a minha mente imaginou uma batalha de ruiva x loira. As duas num ringue numa luta sensual.

— A sua mente deveria imaginar outras situações! — Rebato, irritado.

— Tipo?

— Qualquer coisa menos a minha esposa numa luta sensual.

— Qual homem não tem fetiche de presenciar duas gostosas brigando na sua frente?

— Você é doente! — Rosno.

— Doente ou não a interação de hoje confirmou que um relacionamento sério, no combo filho, está cada dia mais fora de cogitação.

— Você é sortudo!

— Eu sei — ele sorri — o que você vai fazer agora?

— Não sei — confesso — eu apenas queria dormir e lidar com tudo isso amanhã.

— É uma alternativa, se bem que... — ele pondera e continua — não interprete como acusação.

— Diz logo!

— Depois de esclarecido que a ruiva era a minha companhia, novos cenários surgiram, Marília cogitou que você estava com outra pessoa. E quem não acharia? O seu marido desaparece por horas e o álibi dele é a casa do amigo, na qual a esposa acaba de constatar que ele não está. Mari estava abalada com a possibilidade e ainda que ela tentasse esconder as emoções, eu vi nos seus olhos que ela lutava para manter o controle da situação quando estacionei no seu apartamento. Ela é mulher e tá grávida e todos esses hormônios femininos. Eu meio que consigo me colocar no lugar dela.

— Mais um para o time dela, que grande merda!

— Eu não sou do time de ninguém. Apenas estou relatando o que eu vi.

— Eu achei que você estava no meu!

— Henry, eu não vou escolher um lado para ficar. Os dois são meus amigos.

— Eu sou a porra do seu amigo e não ela!

— Você se ouviu? Você está agindo feito um moleque mimado.

— Vai se foder!

— Você avançou uma casa e agora é um adolescente — ele exhibe um sorriso e eu tenho vontade de quebrar todos os malditos dentes perfeitamente alinhados da sua boca — baixa a guarda e me escuta: por mais que vocês estejam numa fase ruim, eu sei o quanto você ama essa mulher. E foi por isso que não permiti que ela retornasse sozinha para casa no estado que ela se encontrava. Nós dois sabemos que se algo acontecesse com ela, você se culparia eternamente por isso.

O filho da puta tem razão.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer, amigo é para isso. Meu sofá é superconfortável e mandei limpar no início da semana então não tem a mínima chance de você encontrar sêmen espalhado nele.

— Que tipo de pessoa transa no sofá quando se tem uma cama?

— Se você me fez essa pergunta começo a questionar como a sua filha foi gerada.

— Eis as consequências de estar num relacionamento a dez anos.

— Tô fora! — Ele bate três vezes no painel de madeira da tv para afugentar a possibilidade.



— Onde você estava? — Conforme o previsto, Marília me aguarda acordada.

Depois que Liam e eu bebemos seis latinhas de cerveja enquanto jogávamos conversa fora, eu tentei adormecer, mas o sofá confortável não era a minha cama. No entanto, não era isso que impedia o meu sono, a minha mente não sossegava pensando na Marília. Ela deveria me odiar ainda mais do que quando nos falamos pela última vez.

Eu podia apostar (e ganharia) que ela estria acordada considerando todas as possibilidades e em nenhuma delas eu estou a salvo. Não consigo dormir e decido o quanto antes enfrentar a situação. Assim que entro no nosso quarto, constato as minhas suspeitas.

— Na casa do Liam — respondo enquanto me livro dos sapatos.

— Você acha que eu sou burra? — Ela aciona a luz do abajur e a fito. O

seu semblante é de alguém que chorou por horas seguidas, seus olhos estão inchados e vermelhos, assim como o seu nariz arrebitado que está da cor de um tomate — eu estive na casa dele.

— E viu a ruiva de lingerie e todo o resto — completo enquanto retiro a calça.

— Claro que ele iria te contar. A cumplicidade masculina nunca falha!

— Sim, ele me contou assim que eu cheguei ao seu apartamento.

— Henry, para com esse fingimento! — Exige. — Eu vi com os meus olhos que ele não fazia ideia de onde você estava.

— Meu celular descarregou e eu fiquei incomunicável. Foi somente isso.

— A sua amiga não tinha um carregador compatível com o seu?

— Que amiga? Você está viajando...

— Você envia uma mensagem, some por horas e depois aparece como se nada tivesse acontecido. Você acha mesmo que eu vou cair nessa história?

— O problema é seu! — Dou de ombros e sigo para o banheiro deixando para trás as peças de roupa no chão. Antes que a água quente ela invade o banheiro e só o que nos separa é o box.

— Não, o problema é nosso! — Rebate. — Eu quero uma explicação! Quem é ela?

— Não tem ela! Eu estou cansado e tudo que eu mais quero é um banho e cama.

— É a estagiária? Um *match* do Tinder? Alguém que você encontrou na balada? — Ela insiste.

— Se ela existisse você acha que eu retornaria para continuar nessa discussão eterna?

— Não sei — dá de ombros — talvez você esteja com remorso.

— Você precisa decidir quem eu sou — abro o box para encará-la — o frio e calculista ou um homem sensível e preocupado em não ferir os seus sentimentos?

— Você bebeu? — Ela se aproxima-se até ficar poucos centímetros da minha boca.

— O álcool também te causa náusea? — Indago com sarcasmo. — Como sua primeira tarefa do dia sugiro listar todos os itens que te causam desconforto, fica mais fácil do que tentar adivinhar — ela ergue a mão para me acertar, mas a detenho sua mão no ar, segurando o seu pulso — você fez isso uma vez e eu te

perdoei, não vou permitir que uma segunda vez se repita.

— Por que você voltou?

— Nem eu sei — solto o seu braço.

— Eu encontrei a carta que me entregou no pedido de casamento — ela avança para dentro do box e as gotas de água molham o seu corpo envolto na camisola — Você lembra do que está escrito? Aquelas palavras ainda são válidas? — Sua mão toca o meu peito e em poucos segundos sou envolvido pela situação.

— Eu sei o que você está fazendo... — Afasto o seu toque e ela me encara surpresa.

Já passamos por isso, o sexo de reconciliação é sempre quente e intenso. Mas depois que ele acaba os problemas continuam existindo e eu não estou no clima do pós-gozo: carinho e conversa. Eu quero apenas dormir e esquecer desse maldito dia.

— O que eu estou fazendo?

— Eu não vou dizer o que você quer ouvir apenas porque estou excitado. Se você quer levar isso adiante, quero que esteja ciente que não é uma foda que resolverá os nossos problemas.

— Desde quando isso é um problema?

— Desde quando as coisas saíram do controle para nós.

— Eu sinto falta de você por completo — não sei se foram as gotas de água que respingaram no seu rosto ou lágrimas que brotam nos seus olhos, mas ela parece chorar — a última vez que a gente transou foi há tanto tempo. Você não me procura e recua as minhas investidas. Quem é a outra mulher?

— Não tem nenhuma mulher.

— Não sei como você encontrou espaço para ela — ela continua. — trabalhamos no mesmo lugar, dividimos o mesmo carro, que horas vocês se encontram?

— Chega Marília! — ignoro-a e retiro o sabão do corpo.

— Então, eu sou o problema? Você não sente mais tesão por mim? É a gravidez, os quilos que engordei? Me diz qual é problema, porra!

— Você! — Grito. — Você é a porra do problema, está satisfeita?

— Se eu sou o problema por que você ainda está aqui? As minhas palavras continuam valendo...

— Se eu fosse você não as repetiria, pois posso acabar acatando a sua

sugestão dessa vez. E só para deixar as coisas esclarecidas, caso decida me expulsar, faça isso pela manhã porque agora eu vou dormir — passo por uma Marília estática.

Apago assim que deito na cama encerrando qualquer discussão.





# Marília

O nosso casamento está por um fio e isso está evidenciado a cada dia. As discussões tornaram-se constantes, as acusações mútuas e o clima cada dia mais tenso. Ele não conseguiu me convencer de que estava na casa do Liam e eu decidi jogar o assunto para escanteio, pelo bem da minha saúde mental.

Apesar de tudo isso, tenho tentado fazer com que a paz reine. Porém, as minhas tentativas diárias de melhorar as coisas entre nós não estão surtindo efeito. Por isso, coloquei o meu ego de lado e tentei ser uma mulher compreensiva. Eu estou tentando salvar o meu casamento ainda que isso signifique colocar a minha real vontade de lado.

As amigas sugeriram que eu o surpreendesse com uma lingerie e dança sexy, afinal os homens são visuais e ele não resistiria a isso. Decido colocar o plano em prática hoje, ele seguiu do trabalho direto para o futebol, é o tempo que preciso para surpreendê-lo.

Após um demorado banho e hidratar a minha pele, visto a lingerie comprada especialmente para a ocasião. A peça de renda vermelha é a minha

aposta para apimentar a nossa noite, Henry sempre gostou do contraste do vermelho com a minha pele branca. Os meus seios estão um número maior que o habitual e o sutiã os abraça e os deixa empinados reivindicando atenção. A calcinha fio dental, na verdade é uma linha com um laço, não faz parte da minha vestimenta atual, mas a mulher que encontrei na casa do Liam vestia uma assim e a maldita estava sexy na peça.

Olho-me no espelho e gosto do que vejo, eu pareço um presente aguardando ansiosamente para ser aberto. Para finalizar o look, aplico uma máscara de cílios preta para alongar os meus cílios e opto pelo batom vermelho sangue. Solto os cabelos presos em misses e o resultado são cachos ondulados e volumosos. Aplico mais algumas gotas de perfume no pescoço e estou pronta.

Os saltos finos pretos aos pés da cama lembram-me que eles são o que faltam para completar o estilo mulher fatal. Ultimamente as minhas pernas e pés estão inchados e sei que o uso dos saltos ainda que por um curto período agravarão a sensação de peso nas pernas, mas lembro mais uma vez da ruiva sexy e decido fazer esse esforço.

Ele está trinta minutos atrasado e a calcinha minúscula começa a me incomodar.

*Você está sexy, Marília!*

Me apego a essa afirmação para não dar meia volta e trocar a peça por algo mais confortável. Quando ele finalmente abre a porta do apartamento eu tenho vontade de soltar um sonoro “já era hora!”, todavia mantenho-me plena e sorridente.

— Oi — digo assim que a porta se abre e o assusto.

— O que você está fazendo vestida assim? — Henry estuda-me como se eu fosse um objeto não identificado.

Preciso de todo o meu autocontrole para não dar uma resposta grosseira e colocar tudo por água a baixo.

— Gostou? — Dou uma voltinha para que ele tivesse uma visão por completo, principalmente da minha bunda arrebitada.

*Diz alguma coisa, diz alguma coisa!* Peço mentalmente sentindo-me ridícula naquela lingerie.

— Unrum... — é o que consigo arrancar dele. Ainda que as palavras não sejam o que eu gostaria de ouvir, as suas pupilas estão dilatadas e seu corpo dá sinais que ele gosta do que vê.

— Como foi o jogo?

— Normal.

— Eu preparei o seu jantar.

— Estou sem fome...

— Ótimo porque eu tenho outros planos para nós — diminuo a distância entre nós, ele dá um passo para trás e as suas costas estão contra a porta, inclino-me para sussurrar ao seu ouvido — eu quero ser comida por você, amor! — Meus lábios sugam o lóbulo da sua orelha antes de tocarem o seu pescoço, sua pele tem gosto salgado devido o suor, o cheiro é másculo e isso me excita.

As minhas mãos seguem até a barra da sua camisa e com o auxílio dele me livro da peça em poucos segundos. Apoiada no seu corpo desço sensualmente e faço uma pausa estratégica na zona do prazer, as minhas mãos seguram o cós da bermuda de lycra e não demoro muito para retirá-la trazendo a cueca junto.

Henry suspira quando a minha mão envolve o seu pau. Ergo a cabeça para olhá-lo nos olhos e ele está completamente entregue ao momento. Minha língua lambe a sua glândula enquanto a minha mão a envolve delicadamente.

Em determinado momento, estou mais concentrada em não vomitar do que em chupá-lo. Ele está perto do gozo, as mãos firmes no meu cabelo indicam que ele gostaria que eu aumentasse o ritmo, por isso substituo a minha boca pelas minhas mãos, em movimentos rápidos e frenéticos eu o toco até ele se liberar nelas.

Desafio cumprido.

A minha boca encontra a sua e a temperatura do meu corpo esquenta. Ele guia-me até o sofá sem desgrudar as nossas bocas, o peso do seu corpo contra o meu é desconfortável, a barriga parece um empecilho entre nós, um obstáculo a ser superado. Mas eu não manifesto nenhuma reação, quero ser fodida por ele e gritar seu nome.

Entretanto, eu não sou a única que parece desconfortável. Henry apoia o peso do seu corpo nos braços e tenta não tocar a minha barriga, mas é um desafio e tanto quando estamos na posição papai e mamãe. Ainda assim continuamos nos beijando, as minhas mãos passeiam pelas suas costas e as suas mãos timidamente seguram a lateral da minha calcinha, arqueio para ajudá-lo a se livrar da peça mais rapidamente.

— Desculpa, mas eu não consigo. — Ele se afasta e sinto a perda do seu toque.

— Sentado talvez facilite. — Sugiro e inclino-me sobre ele que

delicadamente me afasta e logo se coloca de pé — qual é o problema?

— A barriga — ele explica — eu senti algo se mexer.

— Ela está agitada é natural.

— É mais estranho do que pensei. Sei lá, senti mexer e aí dentro e eu posso machucar.

— Henry...

— Desculpa, não dá.

A sua confissão é uma balde de água fria. Por mais que eu tenha dito, no início, que pouco me importaria se o Henry ia gostar quando eu engordasse, eu me importo. E saber que ele não foi em frente acabou com a imagem de mulher sexy que eu criei especialmente para o dia de hoje. Estou pesando dez quilos a mais, tenho estrias e celulites em lugares que nunca tive, e ainda assim vesti uma lingerie sexy para agradá-lo.

As lágrimas rolam pela minha face e pegando o que sobra da minha dignidade, sigo para o quarto em passos firmes.

— Marília, eu não quis magoar você — ele segue os meus passos de perto. Abandono a calcinha e o sutiã no chão do quarto e sigo para o banheiro em busca de uma ducha gelada. Ele entra em seguida. — É tudo novo para mim...

— Será que você não percebe que também é novo para mim? — Questiono. — A última vez que eu gozei com você, Henry, foi a tanto tempo que eu não lembro mais como é a sensação do seu pau me invadindo.

— A gente pode retomar de onde parou... — Ele abre a porta do boxe.

— Não tem mais clima.

— Amor...

— Não! Você já deixou claro o quanto está enojado com a minha barriga.

— Eu não disse isso.

— E precisou? Você me fez sentir a pior mulher.

— Não foi a minha intenção, já pedi desculpa.

— Se você fosse menos filho da puta isso não estaria acontecendo!

— Marília, você me acusou de omitir os meus sentimentos e quando os verbalizo sou criticado.

— Dizer que não consegue transar com a sua mulher não é um sentimento que compartilha com a mesma naturalidade que diz que comprou

pizza para a janta.

— Eu estava com medo de machucar vocês.

— Você se satisfaz enquanto eu te chupava sem nenhum receio por eu estar ajoelhada!

— É impossível manter qualquer diálogo com você. Desisto! — Ele se afasta.

— Em um ponto concordamos está cada dia mais insuportável estar na sua companhia.



Uma semana depois de ser rechaçada pelo Henry as coisas desandaram de vez. Desde o fatídico dia ele, por livre e espontânea vontade, dorme no sofá da sala. A separação de corpos é uma realidade, somos duas pessoas dividindo apenas a mesma casa, como colegas que compartilham o apartamento.

Mas eu preciso dele no momento.

— Oi — a sua voz é fria do outro lado da linha.

— Ainda estou na empresa do cliente, nossa reunião atrasou e, por isso, todo o meu cronograma também — ele permanece em silêncio — preciso que, no horário do almoço, esteja em casa para receber a equipe de montagem.

— Eu combinei de almoçar com o Liam.

— Eu não pediria a você se tivesse outra opção. As minhas irmãs estão ocupadas e minha mãe está trabalhando. Será que você pode fazer isso por mim?

— Tudo bem.

— Obrigada. Ah, hoje é o aniversário da Maiara se quiser se juntar a nós, iremos a pizzaria para comemorar, vou enviar o endereço do local por mensagem. Tchau — ele encerra a ligação sem nenhuma resposta.

— O senhor Lima está disponível para atendê-la — a secretária informa.

Levanto-me da cadeira e sigo seus passos até a sala onde acontecerá a reunião.

— Desculpa o atraso — o homem de meia idade me estende a mão.

— Sem problemas — sorrio, simpática.

— Aceita água, café, suco? — Ele pergunta.

— Água, obrigada — o senhor Lima liga para o ramal da secretária e solicita a água.

— Temos uma menina ou um menino a caminho? — Pergunta sorridente.

— Uma menina.

— Tenho duas em casa — ele aponta para o porta-retratos. Nele há duas garotas sorridentes abraçadas a um labrador. As meninas devem ter em torno de seis ou sete anos, o que me leva a pensar que ou ele foi pai depois dos quarenta anos ou as fotos são antigas.

— Sou um pai velho, eu sei — ele sorri, como se adivinhasse as minhas deduções — casei duas vezes e no auge dos meus quarenta e quatro anos fui pai pela primeira vez e de gêmeos — relata com um enorme sorriso no rosto — essa é a Alicia — aponta para a menina de cabelos cacheados loiros — e essa é a Alice — seus fios são escuros e igualmente cacheados.

— Elas são completamente diferentes uma da outra — continua — e não apenas fisicamente, a Alicia é solar, enquanto a Alice é noturna. A Alicia tem o gênio da mãe é doce, carinhosa, enquanto a Alice, bem ela puxou a mim e é um tanto quanto geniosa.

Lima parece perdido em suas lembranças, o amor que ele sente pelas filhas e esposa são perceptíveis pelo tom carinhoso na voz e os olhos que brilham.

— Desculpa esse papo de papai babão, se bem que seu marido deve estar encantando com uma menina a caminho — *não, definitivamente não está.*

— Elas são lindas — digo, por fim.

— Puxaram a mãe — ele sorri e o acompanho.

— Com licença, a sua água — a secretária entrega-me a bebida.

— Obrigada — bebo um pequeno gole e olho para o relógio. Ainda preciso me despençar para o outro lado da cidade para mais uma reunião, ao fim do dia passar no Shopping e pegar o bolo de aniversário da minha irmã e seguir para a pizzaria. Quando na verdade tudo que eu mais queria era um uma massagem relaxante de preferência no SPA longe de aparelhos eletrônicos e marido babaca.

Todavia, isso está fora de cogitação pelos próximos meses. O acúmulo de trabalho impossibilita que eu tire um tempo para mim, além do mais não quero que a minha produtividade diminua e o Henry tenha mais esse trunfo de achar que a gravidez prejudica até a nossa agência. Sigo, cumprindo todos os meus

compromissos, ainda que ao fim do dia eu apague exausta.

— Podemos começar a reunião?

— Claro — ele assente e me entrega um catálogo com os produtos da empresa.

Lima é o representante da marca de calçados esportivos com sede em Franca, município do interior de São Paulo, conhecido como a terra do calçado. Nela encontramos inúmeras fábricas voltadas exclusivamente para a confecção de sapatos, sandálias, botas e calçados afins.

A empresa que nos contratou atende pelo nome fantasia *Sapatos & Cia*, uma escolha um pouco criativa, é bem verdade. A empresa de renome no mercado nacional, foi fundada por dois amigos amantes de esportes.

Fiz a minha lição de casa antes de sair, de modo que apenas tomo nota de algumas informações adicionais que o Lima me apresenta. Após apresentar a missão e os valores da marca tenho uma visão geral do cliente e do seu público alvo, que nesse caso são “atletas do fim de semana”. Pessoas que reservam um período do seu tempo para praticar atividades físicas, neles incluem-se o homem que todo domingo pedala quilômetros no seu bairro, a mulher que leva os filhos para andar de bicicleta na Paulista enquanto se exercita numa leve caminhada.

O objetivo da empresa é proporcionar aos usuários o máximo de conforto na prática da atividade esportiva. Para isso, eles desenvolvem calçados com a melhor tecnologia do mercado a um preço acessível. Mas não é preciso apenas desenvolver o melhor produto e espalhá-lo pelas vitrines, é necessário atingir o seu público alvo e aqui começa o meu trabalho.

O meu papel é estudar o comportamento desse público, para descobrir quais os seus hábitos de consumo e o que o motiva a comprar determinado produto. Através destas informações é que a linguagem ideal é criada em um anúncio.

A minha função é compreender o perfil da empresa e traduzi-lo em uma campanha publicitária que gere identificação com o consumidor. Uma propaganda é boa quando você sente vontade de comprar um produto a partir dela.

— O nosso xodó do momento é a linha de tênis voltada para as mulheres e a sua força. Queremos incluir esse calçado não tão habitual na vida delas. Podemos contar com você? — Ele estende a mão.

— Conte comigo para isso — Aperto a sua mão.

— Ótimo, minha secretária entrará em contato com você para passar o

portfólio completo dos nossos produtos. Além de alguns produtos de cortesia para você testar e também se tornar nossa cliente.

— Número 36, por favor. — Sorrio. — Minha filha e eu ficaremos felizes com o presente.

— Pode deixar, foi um prazer conhecer você e a sua filha.

— O prazer foi todo meu. Até breve.

Saio da reunião na Paulista e sigo para a próxima. Ainda dentro do táxi, envio mensagens para o Liam e nossa equipe de publicitários convocando para uma reunião na próxima quarta.



12



# Marília

Os meus pés se parecem com dois rocamboles da padaria do bairro, uma massa espessa sobre outra massa. Uma aparência nada agradável para os membros que sustentam o seu corpo. O inchaço aumentou consideravelmente e caminho como se tivessem duas bolas de ferro presas às minhas pernas.

Minhas amigas, que já são mães, dizem que o inchaço na gestação é normal e sugeriram chás, cremes, massagens e todos os truques maternos para aliviar o incômodo. De todo modo, adiantei a minha consulta com a médica para obter uma opinião especializada sobre o assunto.

Posso adivinhar o que ela vai falar. “Marília, você não deve permanecer tanto tempo na mesma posição”, além de “a cada cinquenta minutos sentadas caminhei por dez” ou ainda “você diminuiu a ingestão de açúcares e gorduras saturadas?”. É o *modus operandi* padrão das consultas médicas. Eu deveria tomar vergonha na minha cara e iniciar uma atividade física o quanto antes.

Os estudos comprovam que a prática de atividade física por gestantes vai muito além de ajudar no momento da passagem do bebê pelo canal de parto.

Fazer exercícios durante a gestação também previne diabetes gestacional, pré-eclâmpsia e ganho de peso excessivo. Como eu sei todos esses dados? Eu li todos eles, assim que descobri que estava grávida me alimentei de livros e textos sobre o tema. Todavia, há um hiato entre estar ciente das coisas e executá-las.

Meu metabolismo acelerado me permitiu ser preguiçosa. Sempre levei uma vida sedentária, nunca acordei com vontade de correr no parque ou andar de bicicleta, o máximo que me movimento é do estacionamento do shopping até a praça de alimentação. É vergonhoso eu sei, mas estou disposta a mudar isso em alguns dias, pela saúde da minha filha colocarei um tênis e frequentarei a academia.

As divagações tiram o meu foco do trabalho e fecho a aba da matrícula online da academia antes de confirmar a adesão do contrato. Estico-me e bebo um pequeno gole da gororoba, denominada vitamina, que a santa Shirley preparou. A mistura leva folhas de hortelã, água de coco, maçã, melão, pepino, couve e cenoura. Não é a melhor coisa do mundo, mas segundo ela é um diurético natural e diminuirá o inchaço.

Shirley é a responsável por manter o meu apartamento limpo e organizado, a cada oito dias ela aparece e torna o meu dia mais feliz, pois além de higienizar o ambiente, abastece a minha geladeira com comidas deliciosas. A nossa relação vai além do âmbito de prestação de serviço, nos tornamos amigas. A minha admiração por ela é gigantesca, pois se trata de uma mulher de uma garra que cria sozinha três filhos e está sempre com um enorme sorriso no rosto.

— Bebeu tudo? — Ela entra no quarto com uma pequena bacia de plástico em mãos.

— Quase... — Levanto o copo e ainda tem quatro dedos da bebida.

— Eu preparei um escalda-pés para você — meu rosto se amplia num enorme sorriso — mas...

— Sempre tem um maldito “mas”.

— Você precisa secar esse copo ou nada feito.

— A minha filha nascerá com cara de escalda-pés, você não tem remorso?

— Não — ela sorri alto — sua filha precisa de uma mãe nutrida. Eu coloquei sais de banho aqui, está na temperatura ideal — incentiva.

Olho para a bacia e para o copo. O passaporte para a felicidade está nos quatro dedos da vitamina.

*Vamos Marília, você consegue.*

Tapo o nariz e viro o copo de uma vez.

— Viu, nem morreu — ela perturba e deposita a bacia aos pés da cama. Quando os meus pés tocam a água morna, chego muito próximo de um orgasmo. A sensação é inebriante e relaxa cada músculo do meu corpo.

— Todo dia deveria ser *Shirley Day* — ela sorri — sério, eu trocaria, facilmente, o Henry por você. Você é mais engraçada, cozinha bem e me proporciona uma felicidade ímpar. Cara, isso é o mais perto de um orgasmo que eu cheguei em meses — ela gargalha.

— Se um dia eu trocar de lado, te aviso e a gente rever o nosso contrato.

— Combinado.

— Deixei o jantar pronto em cima do fogão.

— Eu não sei o que seria da minha vida sem você... Pega a minha bolsa, por favor? — ela traz a bolsa pendurada no cabideiro, pego a carteira e retiro o montante do seu pagamento.

— Obrigada — diz, ao guardar as notas no bolso da calça.

— Isso é para comprar o anel de formatura da Sharlene — estendo um envelope rosa — é o meu presente.

— Não posso aceitar. A senhora custeou o último ano da faculdade para que ela não tivesse que abandonar os estudos para trabalhar.

— E faria tudo novamente — coloco o envelope em suas mãos — ela é uma garota estudiosa e apaixonada pela Pedagogia, a educação necessita de mais *Sharlenes* em ação.

— Eu não sei o que dizer...

— Não precisa dizer nada.

— Muito obrigada — seus olhos estão cheios de lágrimas — você é uma mulher incrível e sua filha tem muita sorte de ter você como mãe.

— Não se fala isso para uma mulher grávida — enxugo as minhas lágrimas.

— Até semana que vem — ela se despede.

— Até!

— Já ia esquecendo — ela leva a mão ao bolso da calça — achei seu brinco no sofá da sala.

— Brinco?

— Sim, esse aqui — ela se aproxima e o coloca na palma da minha mão.

O brinco definitivamente não é meu. Uma pequena pedrinha de cristal, semelhante ao que usamos no segundo furo da orelha.

— Deve ter caído e você nem notou — Shirley diz e eu engulo em seco.

— Obrigada — deposito o brinco no criado mudo e tento não transparecer a estranheza perante o objeto desconhecido.

— Vou correr para pegar a próxima condução e contar logo a Sharlene sobre seu presente. Tchau.

— Tchau.

Quando ela deixa o quarto pego o brinco e o examino com atenção, em busca de alguma familiaridade.



Henry janta enquanto assiste o noticiário esportivo na tela do seu celular, a minha comida permanece intacta. Perdi completamente o apetite, mas ainda assim permaneço sentada à mesa, atenta a sua postura.

— A Shirley esteve aqui hoje — ele acena com a cabeça sem erguer os olhos do celular — ela achou um brinco no sofá — solto as informações calmamente.

A menção ao brinco não altera o seu desinteresse na minha conversa.

— Ele parece familiar para você? — Estico o objeto a sua frente. Henry olha para o brinco e em poucos segundos nega com a cabeça.

— Não — ele verbaliza para não deixar dúvidas.

— Engraçado que para mim também não é familiar. Tive tempo para pensar em todas as pessoas que passaram aqui em casa pelos últimos dias e, com exceção dos montadores e a arquiteta, não teve mais ninguém aqui. Ou teve? — Ele se mantém em silêncio e sua postura enrijece. — Eu vou perguntar apenas uma vez. De quem é esse brinco, Henry?

— Por que todo esse drama ao redor de um brinco? Ele pode ser seu, da Shirley ou de qualquer outra pessoa.

— Vou refrescar a sua memória, a Shirley encontrou esse maldito brinco no sofá da nossa sala. Ele não pertence a ela, muito menos a mim... De quem é essa merda, Henry?

Ele aperta uma mão contra a outra e a minha ficha vai caindo aos poucos, o peso da situação vai me atingindo e eu sinto que estou na beira de um precipício sem nenhuma proteção. Mais um passo e despencarei em queda livre até me espatifar em pedacinhos.

— Ontem, quando eu não retornei para casa, você recebeu alguém aqui?

— Não. Se não confia em mim ligue para a portaria e confirme.

— Eu liguei e ele me informou que a última pessoa que visitou o nosso apartamento foi a Carla. Você sabia que ela tem mais de um furo na orelha? Eu visitei o perfil dela no Instagram e a sua última foto é uma selfie, nela eu contei três furos em cada orelha e um brinco muito semelhante a esse.

— Você demorou muitos segundos para essa descoberta? Eu sigo dezenas de pessoas com essa mesma peculiaridade — ironiza.

— Henry, por que o brinco dela estava na nossa sala?

— Deve ter caído quando ela esteve aqui, sei lá — se levanta da mesa e eu sigo seus passos.

— Tem certeza que não sabe mesmo?

— O que você quer saber? — ele para e me encara — Faça a pergunta certa e você terá a resposta.

— É uma piada, né? — meus lábios estão trêmulos assim como todo o meu corpo — você transou com ela! No nosso apartamento... Responde alguma coisa, porra!

— Não aconteceu nada.

— Não Aconteceu? — Grito e avanço sobre ele — você é um filho da puta! — bato forte contra seu peito — na nossa casa? — meus pulsos fechados acertam seu peito com força até que eu canso de atingi-lo.

Caminho até a estante e derrubo os porta-retratos o barulho do vidro sendo espatifado é o meu coração no momento.

— Você vai se machucar! — Ele tenta me afastar dos cacos de vidro espalhados pelo chão.

— Não me toca! — grito histericamente — você é um verme!

— Eu já disse que não aconteceu nada. Você não confia em mim?

— O clichê tão habitualmente falado. Seria melhor dizer que ela te seduziu e você não conseguiu resistir!

— Marília, não posso fazer você enxergar o que não quer ver.

— Primeiro aquele dia que disse que ia para a casa do Liam... Agora na nossa casa. Você acha que eu sou burra, seu cretino?

Ele não se dá o trabalho de responder.

— Eu lidaria melhor com o fato se ouvisse que você se apaixonou por outra pessoa... Doeria menos saber que você está apaixonado por ela.

— Você ouviu o que você falou? — Indaga irritado — Isso é patético, Marília.

— Patético é você não conseguir manter seu pau dentro da calça e foder com a arquiteta no nosso sofá!

— Eu não fiz isso...

— O mesmo sofá que você me rejeitou — enxugo as lágrimas — isso fica cada vez pior — passo pelos vidros com cuidado e me tranco no quarto.

— Abre a porta para conversamos.

— Não temos mais o que falar, acabou Henry. Eu posso perdoar a sua apatia, a sua crise de raiva, mas não as traições...

Abro o guarda-roupa e retiro uma mala na parte superior, jogo algumas das minhas roupas dentro dela. Só o suficiente para sair daquele lugar antes que eu passe mal. Quando abro a porta do quarto, seus olhos seguem da mala para mim.

— Eu não vou a lugar algum sem que a gente converse direito. Você me expulsou de casa uma vez, não vou embora novamente.

— Você não precisa ir a nenhum lugar, sou eu que estou de saída — digo olhando diretamente em seus olhos — eu achei que poderia amar por dois, acreditei que as suas pequenas doses de amor nos últimos tempos eram suficientes e que uma hora você voltaria a ser o Henry pelo qual me apaixonei, mas eu me enganei. Não se preocupe, o lugar está livre para você comer a sua amante.

— Ela não é a minha amante! — ele rebate, irritado.

— Isso não é mais problema meu... Agora saia da minha frente!

— Você não vai a lugar nenhum antes de me ouvir. Eu sei que não tenho o sido o que você esperava, mas eu te amo. Nunca houve ninguém além de você — meus olhos se perdem nos seus e não consigo enxergar a verdade neles.

A campainha toca e fingimos não escutar, estamos concentrados demais atacando um ao outro.

— Acabou! Eu não tenho mais motivo para continuar, você destruiu a

única coisa que tínhamos que era a lealdade.

— Não fui eu quem fez isso. Você foi desleal comigo quando decidiu engravidar e eu continuei aqui por você. Você acha que tem sido fácil para mim?

— Cale a boca! Não compare o que eu fiz ao que você fez, não é a mesma coisa.

— O sabor de ser traído é amargo, não é? Essa sensação que você está experimentando é a mesma que eu senti quando descobri a sua gravidez.

— Já entendi perfeitamente seu ponto de vista. Você me fez sentir na pele a dor de ser enganada e agora eu sei o quanto dói, sei como é ter seu coração arrancado... O vazio é dilacerante, entretanto a dor é ainda pior.

A campainha continua a soar insistentemente.

— Será que é a dona do brinco? — Indago e ele bufa em resposta.

— Dona Marília, está tudo bem? — é a voz do porteiro — os vizinhos relataram gritos e barulho de objetos quebrando.

— Está tudo bem — Henry responde.

— Dona Marília, se a senhora não responder vamos acionar a polícia — Henry caminha até a porta e abre para que o porteiro confirme que ele fala a verdade.

— Está tudo bem — asseguro — você pode me ajudar com a mala? — ele assente e entra na casa.

A passos lentos, eu atravesso a sala em direção a porta. Henry assiste a minha partida de braços cruzados, com uma leve expressão de choque em seu rosto.

— Isso é seu! — Retiro a aliança e jogo sobre seus pés antes de fechar a porta do apartamento.

Meu casamento chegou ao fim.

Mas ainda tenho a minha filha e isso é tudo que me importa.

# 13



## Henry

Não posso acreditar que as coisas chegaram tão longe.

É inconcebível que a mulher que eu achava que me conhecia tão bem, me condene sem me dar o direito a defesa. Eu me senti traído com sua gravidez e, ela acabou de sentir um pouco do gosto amargo que é ser apunhalado pelas costas por alguém que tanto confia.

Acontece que eu não a apunhalei.

Eu não a traí.

Não aconteceu nada com a arquiteta.

Porque eu não quis que acontecesse. Porque eu não sou o filho da puta que ela diz que sou. Porque os meus princípios não me deixariam dormir tranquilamente. E porque eu amo essa transloucada que acabou de jogar nossa aliança de casamento fora.

No dia anterior

Tiro os olhos do contrato que estou analisando e confiro as horas no meu relógio de pulso: onze e meia. Daria tempo de fazer as anotações para confirmar



com o advogado depois e ir almoçar com o Liam. Estava mesmo precisando conversar.

Desde a noite em que não consegui transar com a minha esposa por medo de machucar a barriga que se mexe as coisas tinham piorado. Ela interpretou minha preocupação com rejeição e daí por diante foi só ladeira abaixo. Esse não é um dos melhores assuntos para conversar com o meu amigo, mas ele era o único com quem eu poderia desabafar, por mais que eu soubesse que ele zoaria com a minha cara pelo resto da vida.

Meu celular toca: Marília. É como se ela soubesse que estava rondando os meus pensamentos e quisesse me dar alguns segundos a mais de motivos para não mudar o foco deles.

Atendo no segundo toque:

— Oi.

— Ainda estou na empresa do cliente, nossa reunião atrasou e, por isso, todo o meu cronograma também. Preciso que, no horário do almoço, esteja em casa para receber a equipe de montagem.

— Eu combinei de almoçar com o Liam.

— Eu não pediria a você se tivesse outra opção. As minhas irmãs estão ocupadas e minha mãe está trabalhando. Será que você pode fazer isso por mim?

— Tudo bem — acato seu pedido, por fim.

— Obrigada. Ah, hoje é o aniversário da Maiara se quiser se juntar a nós, iremos a pizzeria para comemorar, vou enviar o endereço do local por mensagem. Tchau — aguardo para ver se ela vai dizer mais alguma coisa e encerro a ligação.

Ótimo, almoço-desabafo com amigo trocado por macarrão instantâneo e furadeiras barulhentas. Levanto-me da cadeira e sigo até a sala do Liam para avisar sobre a mudança de planos.



O dia em São Paulo está absurdamente quente e abafado, minha vontade é de ficar pelado já que estou em casa. Mas como receberei os montadores que devem dar um jeito nas caixas e mais caixas que estão empilhadas no escritório, opto por usar uma camiseta sem mangas e uma bermuda.

Quando o interfone toca, avisando sobre a chegada da equipe de montagem, preparo-me para abrir a porta. E, assim que o faço, dou de cara com a arquiteta loira que me entregou seu cartão no dia da reunião com a minha esposa.

— Henry! Que sorte a minha, achei que fosse encontrar a Marília.

— Oi, tudo bem? Achei que fosse só a equipe de montadores que viria — respondo, realmente surpreso.

— Não vai me convidar para entrar? — ela diz, com um sorrisinho nos lábios.

— Desculpe, podem entrar. Vou acompanhá-los até o escritório.

— Quarto do bebê — ela me corrige — imagino que seja tudo novo para você ainda... Mas vou fazer ser inesquecível.

*Sorrio. É tudo novo e rápido demais, de fato.*

— Se precisarem de alguma coisa é só chamar — aviso, quando os deixo no quarto do bebê.

Logo o barulho de furadeiras e parafusadeiras se inicia e eu me sento no sofá da sala com o notebook em mãos para tentar me distrair com trabalho. Mas não tardo a ser interrompido.

— Tá quente, né? — a arquiteta diz quando se aproxima — espero que não se importe.

Quando ela diz essas palavras já está sem o blazer preto com o qual chegou. A blusa que usa é branca, de alças finas e tecido quase transparente. É inevitável, meus olhos vão diretamente para o acentuado decote que faz com que seus seios, provavelmente com silicone, saltem e chamem atenção.

— Hum, está realmente um dia muito abafado hoje. Vai demorar muito para acabar a montagem?

— Tempo o suficiente — ela ri — posso sentar?

Ao fazer essa pergunta, ela já se sentou ao meu lado.

Se o Liam estivesse aqui me diria as seguintes palavras:

“A gostosa quer dar para você”.

Mesmo que ele não esteja, é perceptível pela linguagem corporal da mulher: mexida nos cabelos, coluna ereta para se empinar e seus olhos vão da minha boca para os meus, lentamente.

*É cilada, Henry.*

Por mais lisonjeiro que seja ter uma mulher tão bonita quanto essa demonstrando interesse e, mesmo considerando os meses sem sexo, eu não podia fazer isso.

— Vou pegar água para você — digo, colocando o notebook na mesa de centro antes de tentar levantar.

Ela colocou a mão sobre o meu braço e me fez parar.

— Você não parece muito animado com a ideia de ser pai... Consegui enxergar isso naquela reunião. Imagino que deva ser bem difícil ser trocado por um bebê. Além disso, ver o corpo da sua mulher se deformar... Eu entendo, Henry.

— Entende?

— Sim e não te julgo por isso. Ninguém pensa em você, só no bebê e na que o carrega. Ninguém quer saber como você está ou pede a sua opinião para coisas importantes. Mas eu não sou assim... — ela se inclina em minha direção — eu ligo para o que você quer. O que você deseja, Henry?

Engulo em seco e quase posso entender aquela história bíblica de quando o diabo tentou Jesus. Ele estava com fome e com sede e lhe foi oferecido um banquete... Mas a que custo?

— Eu quero que você conclua o seu trabalho e saia da minha casa — digo, me levantando de uma vez para ir em busca de água.

Demorei alguns minutos para encher o copo de água gelada e o virar de uma só vez. Fiz todo o processo bem devagar, respirando fundo. Quando voltei para a sala, o sofá estava vazio.

Para não dar sorte para o azar, fui para o quarto e permaneci lá até que o serviço fosse concluído.



Agora ela tinha encontrado um brinco no sofá? Não fazia ideia de como aquilo tinha ido parar lá, tampouco que pertencia a Carla. Mas isso não é prova o suficiente para ela me acusar de traição.

Depois de dez anos juntos eu achei que ela conhecesse o meu caráter, mas eu também achei que ela fosse incapaz de mentir para mim e olhe só onde viemos parar!

Quantos desencontros!

Quanta desinformação.

Agora só me restava contar com o bom senso dela para que pare e pense um pouco sobre tudo isso. Eu neguei, tentei explicar e conversar. Mas é inútil fazer alguém enxergar quando se fecha os olhos de propósito.

Vou dar um tempo para que ela se acalme, amanhã tudo voltaria ao normal. Posso não ser o príncipe encantado, mas também não sou o vilão da história.

14



Henry

Quase vinte e quatro horas depois, parece que subestimei demais o bom senso da minha esposa.

— O que está acontecendo aqui? — Pergunto ao encontrar três homens no meio da minha sala. Eles usam o mesmo uniforme cinza escuro com o desenho de um caminhão de mudanças no centro da camisa.

Quando eu solicitei ao porteiro que informasse o retorno de Marília ao nosso apartamento, não imaginei que, ao voltar para casa correndo para que a gente pudesse conversar, fosse encontrar uma equipe de mudança.

— A gente está seguindo as ordens da dona Marília — o mais alto dos homens fala e não aguarda a minha resposta, seguindo porta a fora com uma caixa com o nome “Baby” escrito em letras garrafais.

Sigo irritado, apartamento a dentro, em busca da maluca e a encontro no nosso quarto. Ela está sentada sobre a nossa cama com o álbum de casamento em mãos. Assisto em silêncio a cena, ela sorri e chora ao mesmo tempo enquanto folheia as páginas.

Consigo lembrar com clareza daquele dia. Marília estava deslumbrante no nosso casamento, e não estou aqui falando apenas da sua beleza habitual, ela é linda de cara limpa ou maquiada, de pijama ou vestido de festa, de mau humor ou alegre. Também não me refiro ao vestido de noiva, que abraçou o seu corpo e me fez sentir inveja dele por horas. Mas sim da alegria que irradiava pelo seu corpo, ela era a mulher mais bonita de toda a festa, o seu sorriso gigantesco e fácil me contagiou e me fez sorrir por horas.

Talvez as pessoas esperem um noivo que chore no casamento e se emocione com a cerimônia, mas a minha emoção foi diferente. Ela estava representada pelo meu sorriso, essa era a maior prova de amor que eu poderia oferecê-la. Discutimos diversas vezes a respeito de nos casar na Igreja e selar um compromisso perante Deus ou apenas oficializar no civil. Eu não era religioso, então esse casamento não tinha o mesmo peso do que para um católico, por exemplo. Mas ela me mostrou o quanto isso era importante para ela e se era importante para ela passava a ser importante para mim. E lá estava eu, seis anos atrás, dizendo sim para a mulher que tinha o poder de me convencer a pular de paraquedas se isso a fizesse feliz.

O meu sorriso era o meu sim. Sim, estou participando de uma cerimônia religiosa e repetindo o ritual porque te amo. Sim, eu sou um idiota apaixonado que está sorrindo feito bobo porque não consegue não sorrir de volta quando você sorri.

Entretanto, eu não verbalizei nenhuma dessas palavras na época e agora elas parecem desnecessárias, todavia ainda assim ousei dizê-las tanto tempo depois.

— Você estava linda! — Ela ergue a cabeça e me encara em silêncio.

A surpresa de ter sido pega em flagrante revisitando velhas lembranças desaparece em segundos. A mudança sutil pode ser vista pela sua postura que enrijece e o álbum é fechado.

— Há quanto tempo você está aqui? — A pergunta é feita numa voz fraca, a julgar pelo tom avermelhado do seu nariz e seus olhos inchados, a voz é resultado de quem passou as últimas horas chorando.

— A tempo o suficiente para constatar que sou um idiota! — Com passos largos eu me aproximo da cama e ela se afasta, como se temesse o meu toque, até as suas costas tocarem na cabeceira — você lembra que me fez abrir cada maldito botão desse vestido com cuidado? "Não se pode estragar um Junqueira" você repetia a cada segundo enquanto as minhas mãos lutavam para se livrar da peça. Mas alguém estava mais afoita do que eu para se livrar das roupas e, em

segundos, o chão do quarto do hotel foi tomado pelos pequenos botões de pérolas.

— Por que está me dizendo tudo isso? Você não acha que é tarde demais para ser saudoso?

— Eu realmente espero que não. Eu sinto a sua falta.

— Eu estou de saída — ela tenta passar por mim, mas seguro o seu braço impedindo que se afaste — não toque em mim! — ela fala alto, me fazendo soltá-la.

— A gente precisa conversar — sigo seus passos.

— Não temos mais nada para conversar — ela deposita o álbum em uma caixa e agacha-se para escrever na caixa “Perigo” — pode levar essa também! — entrega para um dos homens que habilmente passa a fita adesiva por toda a caixa, lacrando-a.

— Acabamos por aqui dona Marília — o homem informa — tem mais alguma coisa lá dentro?

— Nada que me pertença.

— Ok, podemos levar as coisas?

— Não! — respondo por ela — será que vocês podem nos dar licença? Temos que conversar.

— Não temos nada para conversar, Henry. Vocês podem seguir com a mudança, nada que ele falar me fará mudar de ideia.

Os homens me fitam numa solidariedade masculina, a situação está perfeitamente desenhada para eles: eu sou o babaca que está assistindo, de mãos atadas, a mulher o abandonar.

— A gente vai aguardar lá embaixo pela autorização da senhora — o mais velho dos homens fala e outros homens entendem o recado, saindo apressadamente do apartamento. O último fecha a porta.

— O que você quer? — Indaga, com os braços cruzados.

— É assim? Você arruma as coisas e simplesmente vai embora.

— Eu não estava blefando quando disse que terminou — ela fita o chão evitando o meu olhar — eu não esperava encontrar você aqui...

— Isso faz diferença? — questiono — no seu plano ideal eu voltaria para casa após o trabalho e encontraria a bancada do banheiro sem os seus produtos de beleza? A sapateira vazia sem os seus sapatos? O espaço vazio na estante ocasionado pela retirada dos seus livros?

— É o que acontece quando um casal se separa. Retirei quaisquer indícios que um dia estive aqui.

— Como você vai fazer para apagar as lembranças espelhadas por todo o apartamento? Você cantarolando enquanto prepara o café da manhã, seu bom humor matinal e a sua risada contagiante estão presentes por todo lugar. A sua voz rouca de prazer chamando o meu nome ainda ecoa no nosso quarto... Não é levando as suas coisas que você apagará a sua presença aqui.

— Esse papel não combina com você — me acusa — você não respeitou a minha lembrança quando me traiu aqui.

— Quantas vezes vou ter que repetir que não fiz isso? Você quer que eu me ajoelhe aos seus pés e peça perdão? Quer que eu compre flores e faça uma declaração pública de pedido de desculpas? Me diz o que você quer.

— Eu quero que você pare de fingir que se importa.

— Mas eu me importo! — grito — eu estou deixando o meu orgulho de lado para pedir perdão por algo que não fiz. Você sabe o quanto isso está sendo difícil para mim...

— Imagino o esforço que você deve estar fazendo, afinal são dez anos juntos, você não é de se desculpar...

— Dez anos que você quer descartar como se fossem dez dias — rebato.

— Mas não precisa se esforçar mais — Marília fala numa falsa calma que faz o meu sangue ferver.

— Você torna tudo impossível, estou tentando consertar as coisas.

— Eu já não me importo — ela enxuga uma lágrima solitária — não porque eu não te amo mais, esse maldito amor continua vivo em mim. Mas porque eu não vou mudar de ideia.

— Eu quero você, eu quero nós dois!

— Não existe apenas nós dois — ela abre os braços — nessa barriga que você vem tentando ignorar, tem um bebê. Você quer a Marília de antes e essa não existe — ela enxuga as lágrimas — a que está na sua frente é uma nova mulher. Uma mulher que tem como prioridade a sua filha. E é por ela que eu não posso continuar aqui e fingir que nada aconteceu. Não é justo comigo, mas principalmente não é justo com ela. Ela precisa crescer em um ambiente cercado de amor e esse não é o lugar dela. Assim como não é mais o meu.

Assisto em silêncio ela partir, eu deveria dizer que estou disposto a pelo menos tentar.



Mais uma vez deixo que o silêncio assuma o controle da situação e rezo para que uma dose de sensatez seja ingerida por ela.

15



Marília

— Maíra, eu vou me atrasar para o trabalho! — Maiara grita do quarto.

— É sempre assim? — Questiono sem erguer os olhos do notebook estou finalizando os tópicos da reunião.

— Na verdade até mudou, agora voltamos a dividir o banheiro com mais uma pessoa. — Ela deixa escapar e eu não posso deixar de me sentir uma intrusa no ambiente.

Quando cheguei aqui, noites atrás, elas me receberam com todo o amor do mundo. Entretanto, a minha chegada alterou a rotina de todos, as caixas espalhadas pela sala são um sinal indicativo dessa minha presença não esperada.

A casa dos meus pais é um pequeno apartamento localizado na Bela Vista, cresci dividindo o quarto com minhas duas irmãs, privacidade era algo que praticamente não existia. Com o meu casamento as meninas ganharam mais espaço e conseqüentemente uma pessoa a menos para disputar o banheiro.

Seis anos depois estou de volta e dormindo na parte de baixo do beliche e tentando me acostumar em dividir cada minúsculo espaço.

— Desculpa, eu não tive a intenção de dizer isso. — Ela acaricia a minha mão.

— Não se preocupe, estou ciente de que a minha presença alterou a rotina de vocês — Sorrio — Mas, é por pouco tempo.

— Você pode ficar aqui o tempo que precisar. É muito bom ter você de volta a nossa casa. — Ela afirma.

— Finalmente! — Maiara levanta-se da cama e esbarra em Máira que surge com a toalha enrolada no cabelo.

— Idiota! — a outra resmunga.

— Será que rola uma carona até a faculdade? Não quero pegar carona com a chata.

— Ainda estou sem carro... — Clico em salvar o documento e desligo o notebook.

— Qual a vantagem do seu divórcio? — Ela pergunta enquanto veste a roupa — Henry ficou com o carro, casa e tudo mais.

— Não é teoricamente um divórcio — esclareço — Ainda não nos sentamos para resolver as questões burocráticas... Está tudo muito recente... — Completo.

— Se o meu casamento terminasse a primeira coisa que eu ia fazer era procurar um bom advogado para retirar cada mísero centavo do meu ex.

Ela não deixa de ter razão. Não a parte de arrancar o dinheiro do Henry, mas em resolver essas questões. Eu precisava de um carro, uma vez que, eu e Henry dividíamos um por trabalharmos no mesmo lugar. Além de um lugar para morar, em alguns meses a minha filha chegaria e a gente precisava de um espaço para nós.

Era preciso parar de adiar o inadiável e encarar a situação de frente ou os meses passarão e o berço da bebê ficará na sala. Não, definitivamente isso não pode acontecer.

— Não me diz que você vai voltar com ele — Seus olhos fitam-me longamente e vejo o julgamento estampado neles. Se ela está surpresa por eu estar em dúvida, imagina se ela soubesse o real motivo que me fez terminar com tudo.

Não compartilhei com as minhas irmãs e minha mãe sobre a traição do Henry quando apareci, dias atrás, numa crise de choro. Eu ainda estava digerindo a informação sobre a traição. Apenas compartilhei que eu decidi colocar um fim na minha relação, no início elas me animaram dizendo que era

apenas uma fase e me receberam de braços abertos. O silêncio pairou quando a equipe de mudanças depositou inúmeras caixas no chão da sala de estar e ficou claro que não era algo de momento.

— Cinco minutos e você vai perder a carona! — Maiara retorna para o quarto eu respiro aliviada por me safar dos questionamentos da Maíra.

— Eu ainda não comi! — Maíra reclama.

— Se tivesse acordado na primeira vez que o despertador tocou teria tempo para tomar o café da manhã com tranquilidade.

— Você é insuportável! — Maíra grita — não vejo a hora de ter meu carro para não precisar mendigar carona.

— Enquanto esse dia não chega você precisará se ajustar ao meu horário se quiser ir para a faculdade de carro. Você também vai querer uma carona? — Ela volta-se para mim.

— Não, ainda vou tomar banho.

— Ok. Já estou de saída — ela pega a bolsa no cabideiro e grita — Maíra vai ou não?

— Não, vou de ônibus! — Ela responde no mesmo tom.

— Então tchau! — Maiara se despede e sai apressada.

— Eu deixo você na faculdade! Meu motorista particular fará esse favor — Roubo um pedaço do misto quente da sua mão quando chego na cozinha.

— Eu já disse que te amo? — Diz com a boca cheia de pão. — Eu te amo!

— Vou apenas fazer xixi e peço o Uber — informo, antes de ir até o banheiro.

Assim que abaixo a calcinha noto ali uma mancha rosada, parecendo o indicativo de uma menstruação. A sensação de que algo ruim está perto a acontecer me atinge, meu coração dispara e um arrepio percorre o meu corpo. O jato da urina quente é uma combinação de amarelo e vermelho.

— Não! — Grito ao constatar o sangue em meio a urina. As lágrimas rolam pelo meu rosto e eu me desespero.

— Mari, está tudo bem? — Escuto a voz preocupada da minha irmã.

Levanto-me e me apoio na pia, o sangramento se intensifica.

— Não, filha! — o sangue escorre pelas minhas pernas e levo as minhas mãos ao meu ventre — fica mais um pouquinho aqui.

— Marília, o que está acontecendo? — Vejo a fechadura girar, mas a porta continua trancada.

— Estou perdendo a minha filha, Maíra! — Abro a porta e aponto para as minhas pernas — estou perdendo a minha filha! — Repito em meio a um choro histérico.

Vejo o medo estampado no rosto da minha irmã mais nova.

— Vamos levar você para o hospital e vai ficar tudo bem! — Ela assume o controle da situação — consegue se limpar sozinha?

Balanço a cabeça em afirmação e ela sai em disparada. Trêmula, sigo até o box e deixo a água quente do chuveiro se juntar as minhas lágrimas. O tom avermelhado da água me deixa desesperada, por isso faço tudo muito rápido.

— Vista isso! — Ela me entrega uma calcinha limpa e um absorvente noturno — esse foi o primeiro vestido que encontrei! — ela entrega um vestido preto canelado longo.

— O Uber já está a caminho — informa e seguimos a passos curtos para a sala, ela me ajuda a sentar no sofá — aqui está a sua bolsa. A carteira do plano de saúde e seu RG estão aí. Precisa de mais alguma coisa?

— Meu celular, quero avisar a obstetra que estamos indo para o hospital. Ele estava na tomada da cozinha.

— Ok — ela corre para buscá-lo.

Desbloqueio o aparelho e disco o número da obstetra a ligação demora a completar e cai na caixa postal em seguida. Tento mais uma vez e o mesmo se repete.

— Caixa postal!

— A gente continua tentando no meio do caminho — ela olha para a tela do seu celular — o carro chegou, vamos?

— Sim — minha voz sai por um fio — com exceção do sangramento eu não estou sentindo nenhum outro sintoma. Isso deve ser um bom sinal, não é?

— Sim — ela força um sorriso — vai ficar tudo bem! — repete mais uma vez e a afirmação positiva não me tranquiliza.

Assim que entramos no carro, o motorista segue para o endereço da urgência obstetrícia na qual a doutora Aureliane trabalha. Maíra pede que o homem dirija mais rápido e percorra caminhos alternativos para chegarmos antes ao nosso destino e verbaliza o que estou tentando negar:

“Ela está sofrendo um aborto espontâneo, moço. Não temos tempo a

perder!”

As lágrimas voltam a molhar o meu rosto e eu faço uma prece silenciosa para que tudo termine bem.



Sou submetida a inúmeros exames ao chegar no hospital e ninguém é capaz de me dizer logo o que está acontecendo. Eles ignoram os meus questionamentos e apenas repetem em um tom complacente para eu ficar calma e aguardar.

Como ficar calma quando você sente que está perdendo a sua filha? Ainda que eu tenha escutado os fracos batimentos cardíacos dela durante a ultrassom, nada aplacou a sensação de perda eminente.

Sozinha no quarto da enfermaria, eu rezo para que meu bebê esteja bem, pois definitivamente tem algo muito errado acontecendo. O sangramento cessou, mas ainda no caminho para o hospital, fui acometida por um desconforto abdominal semelhante a uma cólica menstrual.

— Marília, vim assim que informaram a sua entrada — Aureliane, a minha obstetra, finalmente aparece e minha esperança vacila ao avistar o seu semblante de preocupação — estamos aguardando o resultado dos exames... — ela prossegue e consulta a ficha com as informações da minha entrada. — Você apresentou algum novo sintoma nos últimos dias?

— O de sempre, vômito, náusea... Ah, ontem senti um desconforto na região lombar, mas deve ser porque estou me adaptando ao novo colchão.

— Certo... — ela devolve a ficha ao lugar — dor abdominal, febre, cefaleia?

— Não. Minha filha está fora de risco?

— Marília... — Ela pondera.

— A pergunta é simples doutora, estou perdendo o bebê?

— Você deu entrada com uma perda significativa de sangue. Você está sofrendo um aborto espontâneo.

Levo as mãos a boca para abafar o choro descontrolado. Lágrimas feias e grossas molham o meu rosto e tudo que eu consigo pensar em que não é justo que isso esteja acontecendo comigo.

Não agora que eu optei por ser mãe e abdicar de tudo ao meu redor. Não quando eu a coloquei no centro do mundo e abri mão do meu casamento e tudo mais.

— Não precisa ficar assim — tenta me consolar — você está medicada e o sangramento cessou, agora é apenas esperar.

— O resultado dos exames, doutora — a enfermeira que me acompanhou durante os exames entra e estende as páginas para a médica.

— Obrigada — a obstetra agradece e a mulher se afasta — vou pedir que a sua irmã venha te visitar enquanto avalio os exames.

— Obrigada.

— Marília? — Maíra se aproxima da cama com receio. Seus olhos seguem dos aparelhos presos ao meu corpo para o monitoramento até o meu rosto — eles permitiram a minha visita só agora. Como vocês estão?

— Resistindo — digo, com os olhos cheios de lágrimas.

— Muito bem mocinha, continue lutando! — ela fala com a minha barriga — a vida de uma garota não é nada fácil aqui fora, portanto trate de ficar bem para combater a sociedade opressora — quando minha irmã ergue os olhos, eles estão marejados — Eu prometi a mamãe que não choraria.

— Vem cá — abro os braços e ela se aconchega no meu abraço.

— Vocês me deram um baita susto! — Confessa.

— Quando você era pequenininha — relembro — e se machucava brincando não era para os braços da mamãe que você corria quando eu estava perto, era para os meus. “*Malilia*, machucou”, você dizia e eu a abraçava bem forte e dizia que o abraço iria sarar o machucado e logo tudo ficaria bem. Aí você voltava a brincar sorrindo. Você lembra? — ela murmura um “sim” — tantos anos depois e estamos aqui novamente presas nesse abraço, mas dessa vez você está no papel da irmã que diz que tudo vai ficar bem. Sem você ao meu lado, não sei o que teria acontecido...

Permanecemos ali abraçadas e chorando uma tentando confortar a outra.



O diagnóstico de trombofilia é um soco no estômago e faz o meu café da manhã ser expelido em segundos. O choque da descoberta é atenuado quando a

médica explica, em termos didático, sobre a doença. Nas palavras dela enquanto a trombose é a formação de coágulos sanguíneos, a trombofilia é a propensão a desenvolver trombose com uma maior incidência durante a gravidez, parto e pós-parto, devido a uma anomalia no sistema de coagulação do corpo.

Na trombofilia o sangue fica mais espesso, podendo haver entupimento tanto das veias da mãe como obstrução da circulação do sangue que vai para a placenta. Esse é um dos principais riscos para grávidas com trombofilia e foi o que aconteceu comigo, ocorreu uma obstrução parcial das veias da [placenta](#), dando início ao seu descolamento.

Tudo isso acarreta uma redução no fluxo de sangue e, conseqüentemente, de nutrientes que chegam ao bebê. Por isso, a trombofilia também está ligada à redução do crescimento fetal, que é quando a barriga da mãe cresce pouco, já que o bebê não se desenvolve como esperado. Isso explica a minha barriga ainda tímida comparada a mulheres com o mesmo número de semanas que o meu e o inchaço repentino das minhas pernas.

Por se tratar de uma doença assintomática, demora-se no diagnóstico. Os sintomas isolados, como o inchaço e pressão alta, são comuns de outras enfermidades e somente um exame laboratorial mais detalhado constatará a doença. Infelizmente, muitas gestantes só descobrem a doença após sofrer aborto espontâneo. O que, graças a Deus, não se concretizou no meu caso.

— E o que faremos para enfrentar o problema?

— Você terá que tomar anticoagulantes até o nascimento do bebê e mais alguns remédios que irei prescrever. E o mais importante: repouso absoluto.

— Pode ficar tranquila que ela não levantará da cama para nada — minha irmã afirma.

— Conto com a família inteira, mas o repouso acontecerá aqui mesmo no hospital. Precisamos acompanhar de perto todo o quadro para manter a condição do bebê estável. Você será transferida para um quarto para sua melhor acomodação.

— Quantos dias? — Pergunto, preocupada.

— Trinta dias.

— Eram as férias que eu estava precisando — tento fazer piada com a situação e ver o lado bom. A vida estava me dando uma chance de prosseguir com a gestação e eu não a deixaria escapar.

— É esse sorriso que eu quero ver no seu rosto — a médica diz — utilize esse tempo para recarregar as energias. Fará bem para você e seu bebê.



— Pode deixar que ficaremos aqui quietinhas.

— Amanhã, eu passo para ver as minhas animadas pacientes.

— Tchau, tia Aureliane — imito voz de criança.

Junto com a médica, Maíra sai da enfermaria por alguns minutos e quem vem ao me encontro, no lugar dela, é a minha mãe. Sinto vontade de chorar feito uma criança assim que a vejo, mas respiro fundo e me controlo.

— Já sei de tudo, como você está?

— Bem, nós duas vamos ficar bem nesse hotel aqui! — tento fazer graça.

— Eu vou para casa, tomar um banho e retorno para dormir aqui com você — ela informa.

— Nada disso, vovó — rebato — a senhora acabou de sair de um plantão e precisa descansar. Além do mais, dormir em sofá de hospital deve ser bem desconfortável.

— Eu não vou deixar você aqui sozinha.

— Eu estou bem cuidada — argumento — a senhora como enfermeira deve saber que não há um ambiente melhor que esse.

— Também sei que carinho de mãe é o maior acalento para um filho doente.

— Disso não posso discordar — sorri — entretanto, precisamos da nossa enfermeira descansada para cuidar de nós.

— Eu vou pedir para uma das suas irmãs ficarem aqui, me sentirei mais segura — ela me lança um olhar que não admite réplica — amanhã no primeiro horário estarei aqui. Descanse — beija meu rosto.

— A senhora também.

Quando ela sai, fecho os olhos e fico perdida em pensamentos.

Será que vou conseguir trabalhar daqui? E os projetos para serem entregues esse mês? Liam daria conta sozinho de executar?

E se o tratamento não surtir efeito e eu precisar ficar mais trinta dias aqui? Como eu vou finalizar o enxoval da minha filha? Ainda preciso encontrar um apartamento, comprar a saída de maternidade, carrinho de bebê, mamadeiras...

*Um dia de cada vez, Marília.*

Obrigo-me a respirar fundo.

*Um dia de cada vez e tudo voltará aos eixos.*

— Agora somos apenas eu e você, filhota! — acaricio a minha barriga  
— como foi desde o início.

# 16



## Henry

Interpretei a sua ausência na agência durante a primeira semana como uma fuga a minha presença. Marília havia deixado o trabalho encaminhado de modo que tudo continuou no eixo, não havia motivos para cobrar a sua presença.

Todavia, quando ela não compareceu à reunião para apresentar o *briefing* da nova campanha de calçados, precisei entrar em contato com ela e não obtive nenhum retorno. As ligações chamavam até cair na caixa postal, tentei contato via o aplicativo de mensagens e para a minha surpresa eu estava bloqueado, pois as minhas mensagens não apresentavam o segundo tique que indicava que a mensagem foi entregue.

A minha paciência estava no limite. Uma coisa era ela me evitar, outra completamente diferente era deixar que nossos problemas interferissem no trabalho.

Irritado pego o telefone e aperto o ramal da secretária para que localize Marília, mas antes que a ligação complete Liam entra na minha sala.

— Você vai representar a Marília na reunião?

— Não estou sabendo disso! — Devolvo o telefone ao gancho — estava prestes a pedi para a secretária encontrá-la quando você invadiu a sala.

— Por que você mesmo não liga? — Ele pergunta com os olhos fixos no smartphone em sua mão de modo que não nota o olhar furioso que lança em sua direção.

— Você acaba de me dar uma excelente ideia, Liam. Como não pensei nisso antes? — Ironizo e somente agora ele ergue a cabeça para me encarar.

— Vocês moram na mesma casa qual a dificuldade em localizar o paradeiro da sua esposa?

— Não estamos morando na mesma casa. Na verdade, *ela* não mora mais na mesma casa... — esclareço.

— Calma — puxa a cadeira e se senta calmamente — o que aconteceu? Por que ela pediu o divórcio? — Indaga com os olhos arregalados.

— Quem falou em divórcio? — Questiono, irritado.

— Por mais que você tente manter seus sentimentos escondidos a sete chaves, o seu amor pela Marília está estampado na sua cara. Logo, se eu fosse apostar as minhas fichas eu apostaria na Marília pedindo o divórcio.

— Ninguém pediu o divórcio! — Rosno — Foi apenas uma briga de casal, casais brigam e se você tivesse um relacionamento saberia disso.

— Se você está me atacando a coisa é mais séria do que imagino...

— Por que você perguntou se eu representaria a Marília na reunião? Ela comunicou algo a você?

— Você não recebeu o e-mail...

— Não me faça perguntar qual e-mail, Liam — meu tom de voz é ameaçador.

— O que tinha como anexo o *briefing* da campanha e uma mensagem curta dando total autonomia para que o grupo decida os detalhes da campanha.

Aperto F5 no teclado do computador para atualizar a caixa de entrada do e-mail e, conforme eu suspeitava, não há nenhuma mensagem da Marília.

Pego o celular e disco o número dela novamente

— Finalmente! — Digo assim que a chamada é atendida — onde você está?

— Henry? — A voz não é da Marília. É da minha sogra.

— Sim, tudo bem com a senhora?

— Tudo indo, meu filho.

— Eu gostaria de conversar com a Marília.

— Ela não pode atender no momento, está realizando mais exames.

— Exames? Aconteceu alguma coisa?

— O quadro dela está estável, mas a médica solicitou mais alguns exames.

— Desculpa, mas não estou entendendo... Onde a Marília está nesse momento?

— Na urgência obstetrícia — o peso das palavras me desestabiliza. Ela não estaria na emergência se fosse apenas exames complementares do pré-natal.

— Henry você está bem? — Liam indaga quando levo as mãos à cabeça massageando as têmporas.

— Henry, você ainda está aí?

— Sim — respondo a minha sogra — aconteceu alguma coisa com o bebê?

— Não — nega enfaticamente — a minha neta continua lutando pela vida.

A informação me conforta temporariamente, mas logo a aflição é substituída pela Marília. Ela deve estar péssima com tudo que está acontecendo.

— E a minha esposa? Como ela está?

— Ela não te contou nada?

— Não. Até minutos atrás eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Qual hospital ela está? — não recebo resposta — por favor, eu preciso saber notícias dela ainda que seja por intermédio da senhora. Não me prive disso.

— Certo. Estou te aguardando para conversarmos — ela dita o nome do hospital e eu registro mentalmente

— Já estou a caminho — encerro a ligação.

— Quem era? — Liam questiona.

— A mãe da Marília, não sei o que aconteceu, mas ela está nesse momento na urgência obstetrícia.

— Que merda!

— Exatamente! Estou indo para lá.

— Quer que eu te acompanhe?

— Não, você conduz a reunião.

— Ok, me mantenha informado.

— Pode deixar — pego as chaves e a carteira e saio em disparada.



— Mãe, preciso que passe na farmácia e compre.... — Marília silencia assim que nota a minha presença logo atrás da sua mãe.

Assim que cheguei ao hospital tive uma longa conversa com a minha sogra que me atualizou do quadro da sua filha e tentou me tranquilizar dizendo que tudo estava bem. Ela repetiu diversas vezes que aquele não era o momento para discussões e que o melhor seria esperar o momento ideal para visitar a Marília, pois temia que a minha presença afetasse a sua filha. Entretanto, não há momento ideal quando você descobre que a sua mulher está internada em um hospital.

Mesmo sendo um homem que faz questão de manter o controle das emoções, não consigo simplesmente dar meia volta e retornar para o trabalho como se nada tivesse acontecido. Eu precisava ver a Marília, ouvir a sua voz, constatar que tudo estava bem.

Não sei se foi o desespero na minha voz, a minha angústia ou a surpresa dela em saber que eu não fazia ideia do que estava acontecendo com a sua filha, fato é que ela autorizou a minha visita e se colocou como ponte para esse encontro. O seu único pedido foi que, ao mínimo sinal de estresse da Marília, eu saísse do quarto. Era algo que eu podia fazer.

— O que você faz aqui? — Marília indaga, surpresa.

— Vocês precisam conversar, meu amor — minha sogra diz e quando Marília abre a boca para protestar, ela continua — escute o que ele tem a dizer — Henry, estou te dando um novo voto de confiança não me faça arrepender.

— A senhora não vai! — Asseguro.

A mãe beija o rosto da filha e sussurra algo em seu ouvido. Marília balança a cabeça de forma afirmativa e o gesto não passa despercebido por mim. Aliás, desde que passei por aquela porta registrei cada detalhe do ambiente: o balão em formato de coração preso na grade da cama, a margarida solitária no parapeito da janela, a bandeja com os restos da comida. A tigela de salada de frutas está intacta, pois colocaram Kiwi nela e se tem algo que ela detesta mais

do que quiabo, é Kiwi.

Todas essas observações foram dissipadas, quando meus olhos a encontraram quando a porta do quarto foi fechada. Marília está deitada na cama com a cara de quem acabou de acordar da soneca da tarde: o rosto amassado e os fios bagunçados. Ainda assim, ela continua linda. Mesmo usando aquela roupa de hospital que não valoriza nenhuma das suas curvas e a deixa com cara de doente.

— Vai ficar aí parado me analisando?

— Eu só soube hoje.... — Ignoro o seu tom de voz ácido — por que não me ligou?

— Não tinha por que saber.

Respiro fundo para não transformar essa conversa em mais uma das nossas discussões.

— Como você está?

— *Estamos* bem! — A ênfase no plural é evidenciada pela mão que acaricia a barriga pontuda.

— Você está precisando de alguma coisa? Você estava dizendo, quando cheguei, para comprar algo. Tem uma farmácia aqui do outro lado, posso passar rapidinho e comprar.

— Não! — seu tom é rude — por que tudo isso? Por que está fingindo que se importa?

— Não é fingimento — me aproximo um pouco mais da cama para que ela enxergue a verdade nos meus olhos — eu me preocupo com você e você sabe muito bem disso ou não teria omitido que está na cama de um hospital. Você sabia que no primeiro minuto que eu soubesse do que aconteceu, estaria aqui ao seu lado, deixando de lado todas as nossas diferenças porque é isso que eu faço desde que você entrou na minha vida. Eu busco uma forma de conciliar as minhas vontades as suas e quando isso não é possível eu cedo, por que é isso que a gente faz quando ama uma pessoa.

— Eu não queria que o seu senso de obrigação o trouxesse.

— Você escutou tudo que eu acabei de dizer? — Questiono sem conseguir conter a irritação — eu disse que te amo, porra!

— Por favor, vai embora — a sua voz vacila e ela luta para conter as emoções, seus olhos estão marejados.

— Me manter afastado não vai acabar os seus sentimentos e nem com os

meus. Ou vai ter coragem de me dizer que durante esse tempo que estamos longe você não pensou, nem um único dia, em nós? — Uma lágrima rola pelo seu rosto e a seco sentindo o toque da sua pele depois de tanto tempo.

Deixo que meus dedos acariciem seu rosto e me inclino quando seu olhar segue para os meus lábios.

— Pronta para mais um furinho de amor, mamãe? — O quarto é invadido por uma enfermeira — opa, atrapalhei alguma coisa?

— Não — Marília se apressa em responder — ele já está de saída!

— Marília, não terminamos a nossa conversa...

— Eu prometo não atrapalhar mais — a enfermeira se aproxima da cama e manipula o medicamento, o líquido é colocado na seringa. Estou prestes a dar privacidade para que a injeção seja aplicada, mas assim que Marília ergue a roupa permaneço estático ao lado da cama.

— O que são essas marcas? — Aponto para as manchinhas arroxeadas ao redor da barriga.

— São os furinhos do amor. Diariamente a mamãe aqui recebe uma solução injetável de anticoagulante para manter seu bebê no forninho — a enfermeira esclarece e dá continuidade ao seu trabalho. Ela limpa a região da barriga com um algodão umedecido com álcool e aplica a injeção.

— Não dói? — Pergunto ao notar a expressão de desconforto no rosto da Marília.

— Toda a dor é suportada para ter seu filho nos braços — a mulher responde e sorri — pronto, mamãe!

— Até amanhã, tia Deise — Marília imita uma voz infantil.

— Por quanto tempo precisará dessas injeções? Quando voltará para casa? — Verbalizo apenas algumas perguntas que rondam a minha cabeça.

— Minha mãe deve ter resumido que estou com trombofilia gestacional. O uso dos anticoagulantes é necessário para evitar um aborto espontâneo, então presumo que até o parto as injeções serão necessárias.

— E para você? Quais os riscos que essa doença acarreta?

— A minha prioridade é a nossa filha. Digo, a *minha* filha — ela se corrige.

— Então há riscos para a sua saúde — caminho de um lado para o outro, tentando processar as informações — negligenciar a sua saúde não fará bem para ninguém aqui.



— Se você está se referindo a você...

— Eu estou me referindo a nós! — Esbravejo.

— Não existe nós! — Rebate no mesmo tom que o meu.

— Que inferno, Marília. É tão difícil reconhecer que eu te amo e estou preocupado com você? Eu fiz uma droga de juramento que estaria ao seu lado na saúde e em todas aquelas baboseiras e eu não costumo quebrar promessas.

— É disso que se trata? De manter a sua palavra?

— Nós dois sabemos que não há nada no mundo que me obrigue a fazer o que eu não quero. Eu te amo e estou tentando consertar as coisas... — Ela leva o dedo indicador aos meus lábios, silenciando-me.

— Não me faça falsas promessas — ela pede em meio a lágrimas — Vai embora, Henry.

— Amor....

— Por favor, preciso descansar — seu tom de voz é quase uma súplica.

— Você não vai se livrar de mim assim tão fácil — beijo o topo da sua cabeça e me afasto a passos lentos, aguardando que ela mude de ideia e me peça para ficar.

Antes de fechar a porta, olho uma última vez para trás e minha esperança se renova quando seus olhos encontram os meus e vejo que o pedido que eu tanto espero está escrito ali. O pedido não é verbalizado, mas está ali pairando no ar.

Até breve, amor...

17



Henry

Minha cabeça anda fervendo mais do que água quente na chaleira quando atinge o ponto de ebulição.

— Você sabia que uma grávida com trombofilia corre mais risco de desenvolver diabetes gestacional, aumento da pressão arterial, problemas respiratórios e complicações no parto? — Digo, em um só fôlego.

— Hora do intervalo, pessoal — Liam anuncia e os funcionários se dissipam rapidamente.

Na inquietude de compartilhar as últimas descobertas, invadi a sala do meu amigo e não me importei com os presentes.

— Do que você está falando? — Pergunta sem entender.

— Da Marília. Uma simples gripe pode virar uma embolia pulmonar se não for tratada corretamente.

— Calma. Ela está tão grave assim?

— Não, o quadro está estável, mas isso não significa que ela pode ter uma piora. O hospital é um lugar repleto de bactérias, a minha sogra vive

repetindo isso. E pelo que entendi, ela ainda ficará um bom tempo de repouso absoluto lá. Sabe o que isso significa? Aumentar a probabilidade de contrair uma doença.

— Ei, cara, respira — ele pede e eu puxo o ar com força.

— E sabe o que me assusta mais nisso tudo? Saber que a prioridade é a filha. A saúde da Marília está em risco e ela não vai hesitar em colocar o bebê em primeiro lugar. Não sei o que fazer se acontecer alguma coisa com ela...

— Que louco, né? Esse tipo de amor que faz você colocar o bem-estar do outro acima do seu?

— Bem louco, ainda mais quando você nem conhece o outro em questão.

— Henry, você está aflito e raríssimas vezes o vi nesse estado... Acho que você sabe que tipo de amor é esse.

— Não têm como ficar calmo. Não quando você descobre o que está acontecendo...

— E o que você vai fazer quanto a isso? Ficar aflito não resolve nada.

— Não mesmo — concordo — ainda não sei o que fazer, mas não posso ficar de braços cruzados. Marília é teimosa demais e jamais assumirá que precisa da minha ajuda.

— Talvez você deva trazer a família dela para o seu lado. Sua sogra não foi a ponte entre vocês?

— Você é um gênio!

— Eu sei que sou — sorri confiante.

— Segure as pontas aqui que preciso trazer a minha sogra para o meu lado.

— Se quiser que eu cuide das suas cunhadas... — Liam insinua.

— É por sua conta e risco, imbecil — digo e ele gargalha quando saio da sala.



Um almoço no hospital foi o máximo que consegui com a Maria, mãe da Marília. Ela é enfermeira e agora quando não está de plantão no trabalho, está dando “plantão extra” com a filha.

— Não sei se entendi o que você está me pedindo, Henry. Você quer que eu rejeite a minha filha?

— Não é isso, mas a senhora pode alegar que o apartamento de vocês pode não ter a estrutura necessária para ela ficar confortável e que o melhor é ir para o nosso apartamento.

— Realmente, aquele elevador às vezes para e, além disso, ela só ficaria confortável na minha cama. Que eu cederia prontamente, mas duvido que ela vá aceitar...

— Isso, é exatamente esse o pensamento — exalto.

— Não sei o que levou vocês dois a se separarem, ela não disse. O que você fez?

— Nada, eu juro pelo que a senhora quiser que não fiz nada do que ela acha que eu fiz.

— Espero que não seja uma promessa vazia, Henry.

— Você conhece a sua filha. Ela é impulsiva e teimosa, só vê o que quer e ponto final.

Minha sogra sorri.

— Trouxe verdades, mas isso não quer dizer que ela esteja errada no que enxerga, não é?

— Eu vou encontrar um jeito de fazê-la enxergar a verdade, mas para isso preciso que estejamos o mais próximo possível. Maria, eu amo a sua filha e estou sentindo muito a falta dela.

— Acredito nisso, Henry. Acredito em você.

— Isso é muito importante para mim, obrigado.

— Posso fazer o que me pediu, mas se mesmo assim ela quiser ir comigo, não vou rejeitá-la. Ela é a minha filha e eu faria qualquer coisa por ela.

— Perfeitamente, a palavra final é dela.

O primeiro passo está dado, agora eu só preciso que a Marília retorne para nossa casa e, conseqüentemente, para mim.

# 18



## Marília

Encontrar o Henry no hospital tinha me abalado. Desde o sangramento, passando pelo diagnóstico e o início do rigoroso tratamento, eu me apeguei a ideia de que éramos só a bebê e eu. Nós duas, juntas, lutando por nossas vidas.

Tentei me concentrar nessa dor, incluindo aí a da agulha que perfura minha barriga com frequência, para inibir a dor no coração que a nossa separação estava me causando.

Ele veio até nós.

Na verdade, eu nunca duvidei que ele viesse, por isso não havia contado no primeiro momento. Henry tem um senso de dever descomunal e largaria o que quer que fosse para se certificar que eu estava bem. Acontece que eu queria que ele direcionasse essa atenção para o serzinho lindo que cresce dentro de mim.

Vê-lo ali, tão lindo em sua camisa de botões verde água, com o olhar de preocupação e arrependimento abalou a minha decisão de ficar longe. Meu coração saltou descompassado e senti vontade de me jogar em seus braços e

chorar como se eu fosse o bebê. Eu queria que ele me abraçasse e me consolasse.

Queria esquecer tudo que aconteceu nos últimos meses.

Queria o meu casamento de volta.

Mas as coisas não são tão simples.

A visita de hoje acaba de passar pela porta do quarto que tem sido meu lar. Ele traja uma camisa branca, com os últimos botões abertos, e calça jeans. Está com um buquê de girassóis imenso nos braços que combinam muito bem com o seu sorriso.

— Como está a mamãe do ano?

— Liam! Você não deveria estar trabalhando? — sorrio, quando ele faz careta para a minha frase.

— Essa é a minha sócia! Está tudo sob controle, general, escravo Henry está a postos! — ele pisca e se aproxima para depositar as flores na prateleira — mas, sério, está tudo bem?

— Estou um pouco entediada nesse lugar, mas é por um bom motivo.

— Já sabe quando terá alta?

— Acho que tenho mais um tempinho de SPA, por quê? Não dá conta das campanhas sem mim? — nós rimos.

— Você está fazendo seu trabalho da cama de um hospital, não sou louco de me meter nele! Hum... — ele hesita, mas segue em frente — e você e o Henry?

— O que é que tem eu e o Henry?

— Ele está péssimo, Marília. E não só por causa do seu estado de saúde, desde que você saiu de casa ele anda insuportável.

— Seu amigo não é o mais bem-humorado dos homens — digo, por fim.

— Sim, nós dois sabemos disso, mas sabemos também que ele te ama, se preocupa e está sofrendo com a separação...

— Ele mentiu para mim, Liam. Não é algo que se possa esquecer com facilidade. Nós, mulheres, não temos a memória seletiva dos homens!

— Ele me disse que não mentiu e eu acredito nele.

— Ah, claro, o melhor amigo homem que acobertaria o meu cadáver se ele me matasse — bufo, irritada.

— Hey, hey, hey! Também não é assim. Estou falando sério, o Henry está mais magro, mais chato e mil vezes mais preocupado. Espero que essa sua

estadia aqui no SPA faça vocês dois conversarem e se acertarem. Vocês se amam e todo mundo sabe.

— Obrigada por tentar ajudar.

— Amigos são para essas coisas... Agora vamos falar de filmes? Trouxe umas indicações para você ver nesse telão de cinema 4D — fui obrigada a rir alto com a referência a TV mediana no quarto.

O Liam me fez companhia durante algumas horas, depois dele vieram as minhas irmãs e, no fim do dia, o Henry passou para saber se eu precisava de alguma coisa e eu disse que não.



O ritual se repetiu por uma semana. Todos os dias o Henry saía da empresa e passava no hospital para saber se estava tudo bem e eu estava precisando de alguma coisa, eu continuei negando porque o que eu precisava ainda não podia ter: nosso casamento.

E ele, por incrível que pareça, não insistia nem me pressionava e voltava no dia seguinte.

A traição pesava muito na balança todas as vezes que eu tentava analisar a situação como um todo. Imaginar o que ele e aquela vaca siliconada podiam ter feito ou deixado de fazer na nossa casa era a minha tortura diária e eu não podia viver assim.

— Bom dia! — a voz feminina me faz olhar para porta prevendo que mais uma injeção vai ser aplicada, mas não é a enfermeira que entra no quarto.

— Amiga, você está meio pálida, mas nada que um bom blush não resolva!

Paula e Cintia se aproximam de mim e dissipam meus pensamentos.

— Ah, por favor, deem um jeito na minha cara de múmia! — imploro e elas sorriem.

Eu deixo que as duas brinquem de boneca comigo, uma penteando meus cabelos e a outra ajeitando as unhas da minha mão, enquanto conversamos sobre os mais variados assuntos.

Até que chegamos ao item: atualização de fofocas!

— Vocês não sabem da última, a Tati pegou o marido no flagra — Paula diz, com o tom de notícia mais bombástica do universo.

— Jura, Paulinha? Com aquela cara de santo? Onde foi isso? — Cintia se interessa.

— Pois é, quem vê cara não vê coração. O pior é que estou me sentindo meio culpada por isso tudo.

— Como assim, o que você tem com isso? — Pergunto, para não demonstrar quanto o assunto “marido infiel” me abala.

— Eles compraram uma casa de praia, enorme de linda e pediram indicação de profissional e tal, eu indiquei a Carla, a arquiteta, e foi em uma dessas visitas à obra que ela pegou a safada medindo o pau dele!

Eu paralisei com a informação.

— Como assim... a... a arquiteta?

— Sim, a mesma que te indiquei. Você viu quanto aquela mulher é linda, né? Enfim, ela pegou os dois pelados e aí o tempo fechou.

— Puta que pariu, eu daria tanto na cara da vadia, mais tanto! — Cintia sentenciou.

— Eu daria na cara dos dois, dele principalmente, que filho da puta! Mas parece que a Tati não foi a única que a Carla furou o olho... — Paula continua.

Não é possível, não é possível que a história com o meu marido tenha se espalhado. Eu não comentei com ninguém...

— A Tati fez um post na página do Facebook, avaliando mal a arquiteta e expondo toda situação e aí a coisa toda viralizou e muitos outros casos parecidos estão surgindo. A bicha tem PHD em pegar macho dos outros!

— Sorte sua que o Henry é fiel, hein Marília? — Cintia me cutucou.

— Pois é, sorte minha.

O tópico foi desenvolvido por alguns minutos mais entre quem era certo e quem era errado nessa traição, mas eu me desliguei completamente. Estou abismada com o tamanho da coincidência dessa história. Um tempo depois, o assunto mudou, mas eu ainda não conseguia tirar da cabeça a história da amante do meu marido.





Depois que as meninas se foram, tive tempo o suficiente para pensar no assunto. Então a Carla era uma “amante profissional”? Piada ruim, eu sei. Mas quem gostaria de contratar uma profissional de arquitetura e receber, de brinde, alguém para foder com seu marido? Fiz uma varredura nas redes sociais e encontrei dezenas de comentários a respeito disso, muitas mulheres reclamando que haviam sido traídas pelos companheiros com a dita cuja.

Isso não isentava o Henry, claro. Era só mais uma prova de que realmente as coisas poderiam ter acontecido. Mas e se ele não tivesse mentido?

Eu não suportaria viver com a dúvida entre o que um brinco representa *versus* o que o marido afirma, uma vez que eu não havia presenciado nada.

Quando ele viesse me visitar hoje, eu tiraria a prova.

# Henry

— Eu acredito em você — As quatro palavras que eu tanto esperei ouvir fazem todos os músculos do meu corpo relaxarem por completo.

— Conte-me mais sobre isso — digo sorrindo.

— O *modus operandi* da arquiteta é sair medindo o pau dos seus clientes — explica — aconteceu o mesmo com a amiga da Paula e mais uma dezena de mulheres... Os seus companheiros foram alvos da piranha em forma de arquiteta.

— Como assim?

— A Tati expôs a arquiteta nas redes sociais e uma enxurrada de comentários confirmaram que a mulher tem como alvo homens casados. Para dirimir todas as minhas dúvidas, quando pedi para você ir comprar um café para a Maíra, peguei o seu celular e mandei uma mensagem para ela, me passando por você. A resposta confirmou que você falava a verdade — ela estende o celular para que eu possa ler a mensagem.

**Fico feliz que tenha mudado de ideia, poderíamos ter aproveitado tanto aquele dia... Mas não guardo mágoas, você vale a pena. Vou fazê-lo esquecer tudo em poucos segundos. Beijo gostoso na boca.**

— Aqui está a prova de que ela é uma vadia.

— E burra — completo — se eu soubesse que bastaria uma simples mensagem para comprovar a minha inocência teria feito isso antes.

— Desculpa não ter acreditado em você antes, mas em minha defesa aquela vaca era deslumbrante e eu tinha sido rejeitada por você.

— Você não foi rejeitada, amor — argumento — eu fui um completo imbecil ao ter dado margem para você acreditar que não é atraente para mim. Você tem sido a musa das minhas punhetas no banho! — O sorriso que surge no rosto dela é gigantesco.

— Eu surtei, eu sei — reconhece — mas nenhum homem permanece sem

sexo por tanto tempo e eu acabei criando um cenário infernal no qual você e a arquiteta estavam trepando no nosso apartamento. E o brinco foi o botão de ação!

— Não sei os outros homens, mas nenhum deles é o seu marido. Eu tenho inúmeros defeitos e você os conhece, mas infidelidade não é um deles. Dez anos juntos e o seu corpo continua sendo o meu preferido. O Liam provavelmente teria uma síncope se ouvisse essas palavras, mas é a mais pura verdade.

— Eu vou manter seu segredo escondido.

— Então isso é um sim para nós dois? Vamos continuar de onde paramos?

— Não — ela pontua — para continuar de onde paramos precisamos voltar algumas casas. Eu lamento profundamente por não ter sido sincera com você desde o início — as lágrimas rolam pelo seu rosto — a gente sempre foi sincero um com o outro e eu não podia ter abandonado o anticoncepcional sem consultá-lo. A minha escolha egoísta acabou nos afastando e não há um único dia que eu não me culpe por ter mentido para você. Mas isso não significa que eu esteja arrependida do bebê. Gerar uma criança é uma experiência avassaladora e assustadora, todo o meu corpo sendo modificado, as alterações de humor repentinas, as inseguranças diárias... Eu vou entender perfeitamente se você não estiver pronto para embarcar nesse caos emocional que é a maternidade.

É a primeira vez que temos uma conversa franca onde temos a oportunidade de reconhecer os nossos erros. Ela estava abrindo o seu coração e revelando seus medos e eu deveria ser franco para que voltássemos a mesma sintonia.

— A nossa meta de vida não incluía um bebê, o nosso objetivo era consolidar a agência de publicidade no mercado paulista, comprar um bom apartamento, trocar de carro e conhecer ao menos um país de cada continente. Você lembra das noites que passamos acordados conversando sobre a viagem dos sonhos? — ela balança a cabeça em afirmação — trabalhamos duro e chegamos em um ponto que podemos nos dar ao luxo de curtir as férias na Maldivas ou em qualquer lugar que desejemos. A notícia de que eu seria pai caiu feito uma bomba no meu colo — confesso — mas o que mais me magoou nisso tudo é que a sua gravidez não foi uma daquelas probabilidade mínimas de falha que o anticoncepcional apresenta na bula. Você simplesmente decidiu para de tomar o remédio sem me comunicar. Eu me senti traído e renegado a um mero

reprodutor. A sua escolha me colocou no papel de vilão, eu era o filho da puta mau que não estava soltando fogos de artifício pela notícia.

Marília me escuta atentamente enquanto as lágrimas molham o seu rosto.

— A ideia de ser responsável por outra pessoa que dependeria exclusivamente de mim chegava a me causar calafrios, eu sou egoísta reconheço, as minhas vontades estão em primeiro plano sempre. Até você surgir com a suas e eu buscar uma maneira de conciliá-las — pauso um minuto para controlar as emoções oriundas de algum lugar remoto do meu ser — eu te amo e amo toda a bagunça que você trouxe na minha vida com o seu jeito impulsivo de viver. Amar você me ensinou que desvios de rota são normais quando vivemos, a vida não segue um roteiro fechado. Você ofereceu um novo capítulo para a minha história e eu quero me juntar a você e ao bebê nessa nova fase da nossa vida. Vamos escrever juntos?

— É tudo que eu mais quero — ela confessa.

— Eu não sei se serei um bom pai e se atenderei as suas expectativas — seu dedo indicador me silencia.

— Você é o melhor pai que ela poderia ter. É um homem íntegro, um companheiro leal, um bom amigo, e dono de um coração de ouro, se ela for obstinada como a mãe...

— Que Deus não permita isso — rebato sorrindo e ela me acerta com um soco fraco no ombro.

— Idiota — ela sorri — como eu ia dizendo: se ela for obstinada feito a mamãe tenho certeza que ela irá conseguir um espaço no seu coração e quando você menos esperar estará completamente apaixonado. Mas enquanto esse dia não chega tem uma coisa que você pode fazer por nós duas.

— Tudo que você quiser.

— Me beija e torna esse momento ainda mais mágico.

— Isso eu posso fazer — o meu sorriso se amplia e me inclino para beijá-la — eu te amo senhora impulsiva.

— Eu te amo senhor racional.

# 19



## Henry

Depois de ficar preso por cerca de uma hora no engarrafamento a minha vontade é beijar o chão do meu apartamento quando piso os pés nele. O afastamento de Marília das suas atividades na agência modificou a minha rotina. Agora sou o responsável pela sua agenda e isso acrescentou mais um tópico na minha lista de afazeres diários, o que têm me deixado exausto ao fim do dia.

Por isso, a minha felicidade em retornar para casa e relaxar. Meus planos para essa noite incluem assistir o noticiário esportivo enquanto janto e adormecer logo em seguida para enfrentar mais um novo dia.

A simples menção de dormir faz as minhas costas doerem, desde que Marília retornou para casa, tenho dormido quase sem me mexer, com medo de incomodar o seu sono que já não é dos melhores. Sua gestação não está fácil e acompanhar isso de perto tem me feito admirar ainda mais a sua força.

— Marília — chamo, mas não obtenho resposta.

A casa está no mais profundo silêncio e a ausência de som acende o meu

alerta. Eu deveria ter chegado em casa mais cedo e se ela passou mal e acabou desmaiando no banheiro? E se ela gritou e ninguém ouviu os seus chamados?

Atravesso a sala feito uma flecha e quando a encontro sentada na cama rodeada de papéis e livros, respiro profundamente para normalizar a minha respiração. Ela está concentrada no notebook, usa fones de ouvido e sorri feito boba para o quer que seja o que esteja roubando a sua atenção.

Permaneço alguns segundos ali parado até que ela note a minha presença. Tenho saudades de ser o centro da sua atenção, de poder compartilhar as minhas reclamações diárias e escutá-la dar sua opinião. Ainda é novo para mim não ocupar o lugar central, mas eu preciso aprender a lidar com isso. Mais cedo ou mais tarde.

— Marília — digo num tom neutro para não assustar — Marília? — chamo mais uma vez sem sucesso. Aproximo-me mais e retiro o fone da orelha direita.

— Oi, o que aconteceu para meu fone ser arrancado? Um incêndio no prédio? — Ela questiona.

— Você andou chorando? — Respondo com uma nova pergunta — Está se sentindo bem?

— Copiosamente — ela confirma, sorrindo — acredita que eu chorei assistindo o novo comercial de sabão em pó?

— Ah, isso. Ufa, entendo perfeitamente — sorrio aliviado — seu humor mudou mais nos últimos meses do que em dez anos de TPM.

— Como foi a reunião com o cliente? Andei estudando os produtos dele e analisando as suas redes sociais e tracei previamente o perfil deles.

— Acho que ficou um tanto decepcionado em encontrar dois homens no lugar da loira.

— Como ele sabia que eu sou loira? — franze a testa — não nos conhecemos

— Pelo visto você não é a única a analisar as redes sociais... — O meu tom de homem que está tentando não demonstrar ciúmes falha, pois, um sorriso de canto de lábios surge no seu rosto — o que foi?

— Nada — ela sorri — mas tirando a decepção do nosso novo amigo em não me conhecer, você e o Liam conduziram bem a reunião?

— Novo amigo? — ergo a sobrancelha esquerda — o babaca titubeou em deixar nas mãos de homens a sua linha de cosméticos. Mas você conhece o Liam. Bastou ele se vangloriar de ser um profundo conhecedor das mulheres e

todas as suas baboseiras sobre entender a alma feminina que atraiu a atenção do cliente. Aproveitei o gancho e falei todos os prêmios que nossa agência ganhou assinando comerciais femininos. Resultado: encerramos a reunião com o contrato firmado.

— Eu sabia que levar o Liam a tiracolo seria um grande trunfo — ela sorri radiante — vocês são uma boa dupla em ação. Quero que encaminhe o material que temos para análise. O que você acha de marcamos uma reunião por videoconferência para discutirmos sobre o planejamento da campanha?

— Podemos falar de trabalho amanhã? Estou cansado.

— Claro, eu tenho passado tanto tempo aqui nesse quarto que perco a noção do horário. Ah, já ia esquecendo a sua mãe ligou para lembrar do aniversário da sua tia na próxima semana — suspiro desanimado, por mais uma confraternização em família — eu meio que usei a desculpa da minha doença para justificar a sua possível ausência.

— Obrigado por tanta generosidade — sorrio aliviado.

— Não me agradeça ainda — ela traz um sorriso de quem aprontou no rosto — minha querida sogra questionou o nome da neta, alegando que não aguenta mais chamá-la de “bebê”. Disse que quer mandar bordar as toalhinhas e precisa, urgentemente, do nome para dar continuidade aos presentes. Fiquei acuada com a cobrança e acabei mentindo... Disse que você escolheria o nome do bebê, por isso a demora. Desculpa!

— É uma boa troca — sorrio — você me livra do encontro em família e eu levo a culpa por algo que não fiz. Do que mais quer me culpar para me manter afastado das interações sociais?

— Bobo! — sorri — Mas sua mãe tem razão, preciso de um nome ou terei que registrar “neném” na certidão de nascimento.

— Como na dupla Pepê e Neném? — arregalo os olhos e ela ri — você tem algum nome em vista?

— Mais ou menos, estou com uma lista de vinte nomes e uma indecisão sem fim... Depois que a sua mãe encerrou a ligação comecei a pesquisar na internet. Assisti uns vídeos no Youtube sobre significados e acabei ficando ainda mais confusa e emotiva para essa escolha. Um nome é uma marca que a pessoa leva para o resto da vida. Veja o que aconteceu com as “Jenifer”, coitadas! Elas estão vivendo um período de horror com esse hit chiclete na cabeça e sua associação com aplicativo de paquera!

— Você tem razão — concordo — as suas homônimas de Ana Júlia,

Carolina, Bete e tantas outras mulheres que viraram músicas devem lamentar ser xarás delas.

— Você me entende? Nunca imaginei que fosse tão difícil nomear o bebê...

— Eu posso avaliar a lista com você, que tal?

— Sério? — pergunta surpresa e aceno em afirmação. Ela afasta os papéis e me sento no espaço vazio, na ponta da cama — o que acha de Mia?

— Mia é nome de gato.

— Mariana?

— Estamos em busca de um nome ou de mais um integrante da família das “M”? — questiono, sorrindo — Maiara, Maíra e Marília? É cafona.

— Ei, não é cafona — rebate sorrindo — achei fofo os meus pais seguirem a inicial do nome da minha mãe.

— Até não pode ser cafona, mas é brega, admita.

— Verdade — concorda, sorrindo — As pessoas até hoje zoam minhas irmãs dizendo que elas são a nova dupla sertaneja.

— Não queremos que isso acontece com o bebê.

— Não mesmo — assente, sorrindo — da minha lista os que mais me agradam são Vitória e Valentina. O primeiro já traz todo um significado no nome, significa a batalha da gestação, as abnegações, o período de tentações... O segundo é um nome doce e com uma boa definição. Significa a que é forte, robusta, corajosa. O que você acha?

— Você sabe que vamos entrar para estatística do século ao registrar Valentina, né? É o nome da moda.

— Isso é um sim para Valentina? — arqueia a sobrancelha — o que você acha de Valentina, amor? — conversa com a barriga — ela me chutou deve ser um sim.

— Que seja Valentina, então — sorrio e toco a sua barriga.

— Eba! — ela bate palmas animada — vamos ligar para a vovó e informar o seu nome, meu amor.

— Valentina, Valentina, Valentina... — ela repete como se estivesse testando o nome na sua boca.

*É Valentina temos um longo caminho a percorrer.*



20



Henry

— Henry você está a caminho?

— A duas quadras. Não me diz que Marília teve um novo desejo e preciso retornar para o supermercado...

— Não — Shirley sorri.

— Conseguiu localizá-lo? — Escuto a voz de Marília ao longe, seguida de uma exclamação de dor.

— O que está acontecendo? — Pergunto assustado.

— Calma — ela pede, mas vocês já perceberam que quando alguém pede calma você fica ainda mais nervoso? — Marília começou a entrar em trabalho de parto.

— Como assim? — Piso o pé no acelerador e ignoro o limite de velocidade da via — a cesárea está agendada para a semana que vem.

— Pelo visto a Valentina está ansiosa para nascer — ela diz com uma tamanha naturalidade que me faz por alguns segundos esquecer o que aquela frase significa.

— Amor? — A voz de Marília está ofegante.

— Já estou chegando — Buzino para o carro retardatário a minha frente.

— Não precisa correr, está tudo bem — a sua mentira é seguida de um murmuro que indica desconforto.

— Está doendo?

— Pra caralho! — ela sorri e o sorriso me tranquiliza momentaneamente — sinto como se o Lúcifer em pessoa estivesse espetando com o seu tridente a minha região lombar e irradiando um grande desconforto pela virilha e pernas.

— Tem certeza que não é um alarme falso? Pergunto, por que na última consulta a médica informou que nessa reta final algumas mulheres apresentam contrações de ... Merda, esqueci o nome.

— Braxton Hicks — ela completa.

— Isso — prossigo — ela disse que são contrações leves e com tempo de duração de um minuto ou dois. São uma espécie de preparação para o trabalho de parte...

— Eu também achei que fosse o caso, mas depois do almoço elas aumentaram consideravelmente. Liguei para a doutora Aureliane e ela pediu que eu registrasse as contrações e o intervalo de tempo entre elas. E o intervalo inicial de vinte minutos caiu para quinze, a doutora Aureliane já está nos esperando para trazer a nossa filha ao mundo.

— E você me diz isso apenas agora?

— Não havia necessidade de deixar você apreensivo antes da hora.

— Cheguei! — Aviso.

— Viva! — ela comemora — vou desligar, pois a minha mãe está na chamada em espera.

Reduzo a velocidade para entrar no estacionamento e paro o carro de qualquer jeito na vaga. O elevador demora mais tempo que o habitual para chegar, olho para o relógio e para o maldito painel que indica que o elevador permanece parado no décimo andar.

Provavelmente alguma criança travessa está segurando o elevador numa traquinagem infantil. Eu era esse tipo de criança a que apertava a campainha do vizinho e saía correndo, a que ficava brincando de subir e descer de elevador. Coisas de crianças.

Por falar em crianças... Valentina está a caminho e todas as frases que ouvi nos últimos meses rondam a minha cabeça nesse momento e não me

ajudam a me manter sereno.

“A ficha só irá cair quando ela estiver nos seus braços”.

“Prepare-se para perder o lugar na cama para o bebê”.

“Você vai viver a experiência mais louca do mundo”.

“Diga adeus as suas noites de sono”.

*Merda, Henry!*

Você é um homem que mantém o controle das emoções e definitivamente esse não é o momento para deixar a emoção florescer.

É a espera mais longa da minha vida, um minuto se passa e finalmente o elevador chega ao meu andar. O tempo realmente é relativo, o percurso que faço diariamente do estacionamento até o meu apartamento parece inevitavelmente mais longo hoje.

— Como você está? — Encontro Marília sentada no sofá.

— Um mix de sentimentos contraditórios, estou ansiosa para ver o rosto da nossa filha e com receio do parto.

— Relaxa amor, vai ficar tudo bem — beijo seu rosto.

— Com você ao meu lado eu sei que vai.

— Vamos? — ela assente com a cabeça.

— Reze por nós, santa Shirley — Marília abraça a amiga.

— Vocês já estão em minhas orações — Shirley a fita com carinho e se agacha para falar com a barriga — Valentina, a titia está ansiosa para ver seu rostinho e cantarolar para você dormir.

— Eu vou adorar ficar no seu colo titia Shirley — diz a mãe, numa voz infantil.

— Papai respire fundo e vai! — se volta para mim sorrindo — me mantenha informada.

— Pode deixar.

Seguimos a passos lentos até o nosso carro, Shirley nos acompanhando logo atrás trazendo as malas de maternidade. Sim, malas no plural Marília ficou em dúvida do que levar para a maternidade e acabou exagerando na quantidade de roupas necessárias.

— Que Deus acompanhe vocês! — Shirley deseja quando ligo o carro.

— Amém — respondemos ao mesmo tempo.

O trajeto até a maternidade é preenchido pelas ligações e mensagens,

primeiro foi a irmã mais nova de Marília que ligou informando que estava aguardando a mãe pegá-la na faculdade para seguirem para o hospital. Logo em seguida, a minha mãe que estava buscando um lugar para estacionar.

Marília havia avisando para os nossos familiares que estava a caminho do hospital e o seu telefone não parava um minuto de indicar novas mensagens.

— Estão todos a caminho do hospital? — ela assente em confirmação — eles vão nos enlouquecer com falatórios.

— Com toda certeza — ela sorri — prepara-se para ouvir o que fazer, o que deixar de fazer e o que nunca fazer.

— Eu não pretendo sair um único segundo do seu lado, todos sabem que o repouso da mãe e do bebê é sagrado. Isso vai ajudar a mantê-los longe.

— Sabia escolha!

— Chegamos! — anuncio e ela solta o ar com força — vou pegar uma cadeira de rodas...

— Calma, eu preciso te dizer algo antes de a gente entrar e ser bombardeado por todos — ela toca a minha mão sobre o volante — eu quero que saiba que eu te amo e hoje certamente é o dia mais feliz da minha vida.

— Eu também te amo, mas a gente precisa entrar agora.

— Se as coisas fugirem do controle...

— Nada vai fugir do controle. Estamos na melhor maternidade do estado, você será acompanhada por um excelente profissional.

— Mas isso não impede que imprevistos aconteçam... Você sabe os riscos. Promete que cuidará das minhas irmãs e amará Valentina com todo o amor que dedicou a mim?

— Marília isso não é hora para ter esse tipo de pensamento, não foi você que disse que pensamento positivo atrai coisas boas? Mentalize você segurando a Valentina, buscando reconhecer quaisquer indícios nossos na sua carinha de joelho — ela sorri em meio a lágrimas — agora enxuga essas lágrimas e sorria. Você não vai querer aparecer na filmagem do nascimento da nossa filha com o rosto inchado.

— Você tem razão — ela pega um espelho na bolsa e confere a sua aparência — vamos que estou ansiosa para ver a nossa filha.

— Assim que se fala — sorrio e vou em busca da cadeira de rodas.



Caminho de um lado para o outro na sala de espera, aguardando para entrar e acompanhar Marília no parto. Devido a trombofilia a médica sugeriu que fosse feita a cesárea humanizada. O parto humanizado defende que a mulher esteja acompanhada do pai ou familiar no centro cirúrgico. Além disso, todos os passos seguidos são explicados a mulher, de modo que ela esteja por dentro de tudo que está acontecendo ao seu redor.

O telefone vibra no meu bolso e vejo o rosto de Liam surgir na tela.

— Não acredito que a baby Figueiredo deixou para nascer quando o tio está em Cuba! — Liam fala através da vídeo-chamada — caralho, brother você está pálido.

— Você também estaria se estivesse a alguns minutos de acompanhar um parto.

— O lado bom é que não é normal, imagina a boceta...

— Senhor Henry? — a enfermeira surge no pior momento — Queira me acompanhar...

— É agora!

— Vou comprar um legítimo charuto cubano para comemorarmos o nascimento da sua herdeira. Tente não desmaiar — ele perturba e mostro o dedo do meio — ah, já ia esquecendo manda foto da bebê que eu apostei no bolão que ela será linda como a mãe.

— Imbecil! — encerro a chamada.



— Estou aqui, amor — sussurro para Marília que sorri ao notar a minha presença — você está bem? — Ela balança com a cabeça.

— Vamos realizar a incisão para darmos início ao parto — a obstetra informa.

— Segura a minha mão? — Ela estende a mão e eu a envolvo com a

minha.

— Vai ficar tudo bem — repito o que parece ser o nosso mantra nos últimos dias.

Os únicos sons do ambiente que perduraram infindáveis minutos vinham dos equipamentos que estavam monitorando a Marília e das frases curtas trocadas entre a equipe cirúrgica. Confesso que fechei os olhos em certo momento e rezei um Pai Nosso para que tudo desse certo.

Se você já esteve em uma sala de parto, como mãe, parabéns por sua força em segurar a barra. E se esteve como um pai, como eu nesse momento, parabéns por ter se controlado e resistido. Por não ter desmaiado e nem xingado todo mundo pela tensão.

Não é fácil.

É desesperador.

Aterrorizante.

Imaginar que sua esposa será cortada ou que sentirá dor é tão difícil quanto sentir a própria dor.

Algum tempo se passou e, como se quisesse que eu calasse meus pensamentos e prestasse mais atenção ao redor, um som agudo preencheu todo o ambiente.

O grito alto e firme fez meu coração bater mais rápido.

O choro me fez arregalar os olhos e abrir a boca. Pelo meu olhar arregalado escorreram lágrimas que há muito tempo não me visitavam.

— Papais, eu cheguei — a obstetra traz o bebê e coloca ao lado de Marília. O choro agudo diminui para um leve ruído quando Marília acaricia o seu rosto.

— Você é tão linda, meu amor. A coisa mais maravilhosa que a mamãe já viu — suas palavras são acompanhadas de duas lágrimas que escorrem pelos seus olhos lentamente — eu não sou linda, papai? — ela ergue os olhos para mim, que permaneço em silêncio tentando organizar as coisas aqui dentro. — Acho que seu pai não sabe mais falar...

— Eu... Ela... Isso tudo... — as palavras não saem com coerência e as lágrimas que antes eram esporádicas praticamente se transformam em cachoeira.

Marília estende a mão e eu a toco e me aproximo, quando meu rosto se junta aos rostos das duas, parece que o planeta muda o eixo e tudo, tudo que disseram antes passa a fazer sentido.

O que não senti quando recebi a notícia de que seria pai.

O que não senti quando ouvi os batimentos cardíacos do feto.

Tudo que não experimentei antes irrompeu de uma só vez e eu me afoguei em um sentimento novo. Estranho e arrebatador.

Desconcertante.

Olho para o pequeno rosto rosado de bochechas grandes e encaro um nariz tão pequeno que não parece real.

Eu tenho uma filha.

E ela é linda.

# 21



## Marília

A hora do parto é assustadora.

Sim, não há como negar que eu fiquei morrendo de medo durante o tempo de preparação. Algumas horas se passaram desde a minha chegada, pois precisavam se certificar se eu estava em jejum, que horas havia bebido água etc. Se tivesse sido o meu parto agendado, tinha sido mais rápido. No fim das contas, não demorou tanto porque eu não tinha conseguido comer nada, era como se meu estômago já soubesse o que meu útero pretendia aprontar.

Estar sozinha durante a preparação e já na sala de cirurgia me deixou apavorada, eu precisava de alguém que me amasse por perto. E, finalmente, quando os meus olhos encontraram os do Henry meu coração acalentou um pouco mais o compasso.

Mesmo vestido naquela roupa de acompanhante, usando touca e máscara, ele era um gato e eu me apeguei a esse pensamento para me distrair dos procedimentos da equipe.

Não senti dor, a anestesia na lombar fez tudo ficar dormente da minha



barriga para baixo. Ainda assim, posso garantir que senti um desconforto quando os profissionais fizeram a higienização da cavidade abdominal.

O medo cessou quando ouvi seu choro irromper e preencher toda a sala de cirurgia. O som alto e firme funcionou como despertador, que me tirou da nuvem de dúvidas e receio e me avisou de que tudo tinha dado certo.



Estou à base de analgésicos e enoxaparina, o princípio ativo que freia a coagulação. Mesmo depois do parto, precisarei tomar o anticoagulante por alguns dias. Mesmo com tudo isso, nada se compara a sensação de ter a minha filha nos meus braços.

Se eu já sentia um amor profundo, muito maior do que a dor das mais de 200 picadas de amor que tomei, agora é como se ele se materializasse e ganhasse forma. O amor é real e tão avassalador que chega a assustar.

É difícil encontrar palavras para descrever esse momento. Nada, absolutamente nada, se compara a pegar a sua filha no colo e amamentá-la pela primeira vez.

O gesto é muito mais que a alimentação do bebê. É o primeiro contato efetivo da mãe e do bebê no mundo externo, é o laço materno sendo traçado e costurado por meio da conexão mútua que a amamentação proporciona.

Nesse momento você se esquece da dor, do cansaço e se concentra apenas no ato. Pelo menos comigo foi assim, desliguei-me do mundo ao meu redor e foquei na minha pequena em meus braços. Sua boquinha sugando o meu bico feito um filhotinho faminto e as minhas mãos acariciando o seu rosto, é algo tão mágico que chega a doer no peito. Quando nossos olhares se encontraram eu me derreti por completo e deixei as lágrimas rolares pelo meu rosto.

Um filme passou pela minha cabeça e recordei do longo caminho que percorremos até chegarmos ao dia de hoje. Todas as picadinhas de amor, as medicações complementares, o repouso absoluto, a falta de sexo e todo o caminho tortuoso que me trouxe até a minha filha. E ainda que não tenha sido fácil, eu passaria por tudo novamente para vivenciar a emoção que é tê-la nos meus braços.

Valentina nasceu saudável. Medindo cinquenta centímetros e pesando

três quilos, oitocentas e noventa e duas gramas. A minha bolinha de amor tem os meus olhos claros e o formato da boca e o seu narizinho arrebitado do papai. Ela é uma cópia perfeita do Henry quando criança, mas ele rebateu a minha afirmação sorrindo e disse que todo bebê tem cara de joelho. Entretanto, eu o flagrei admirando a carinha de joelho dormindo e sorrindo feito bobo para ela.

Apesar da maternidade oferecer o serviço de berçário noturno, no qual os bebês dormem e são levados para a mãe apenas para amamentar, eu o dispensei sem titubear. Apesar de estar sonolenta e cansada, eu não queria me afastar da minha menina. Não depois de tudo. Ainda que eu não admita, há uma cortina de receio sobre a minha cabeça. Eu estive tão perto de perdê-la que mesmo agora, quando ela está bem, continuo com uma sensação que é algo temporário.

Eu lutei o máximo que consegui para não adormecer, não queria desgrudar os olhos dela, ainda que Henry tivesse prometido que não a perderia de vista nem por um segundo. Meu corpo cedeu ao cansaço e adormeci observando-a dormir profundamente no berço acoplado a cama.



Abro os olhos em determinado momento e não encontro a Valentina no berço.

*Talvez seja só um sonho, Marília.*

Esse é o meu primeiro pensamento, mas mesmo sonolenta forço as minhas pálpebras a se abrirem. O berço está realmente vazio e a sensação de pânico me atinge com um baque. Ignorando as recomendações médicas, sento-me na cama rapidamente e o movimento brusco me causa dor.

Mas desvio a atenção do forte incômodo quando os meus olhos fitam a cena que faz o meu coração errar a batida para voltar a bater descompassadamente. Henry está adormecido na poltrona com Valentina aninhada ao seu corpo. Ela dorme feito um anjo pousada sobre o peito do pai. A bochecha descansando sobre o corpo dele e a bundinha para cima. As mãos dele estão abraçando a filha como se tivesse medo que alguém a levasse embora.

— Meus amores... — Digo baixinho, mas é o suficiente para que Henry desperte.

— Marília? — Ele ergue a cabeça para me olhar. — Está sentindo dor?

— Vocês dois juntos é mais do que o meu coração pede aguentar — as lágrimas rolam livres por meu rosto.

— Ela acordou e chorou, mas você estava dormindo profundamente. Por isso tentei seguir uma das dicas da minha mãe e coloquei ela sobre meu peito. Deu certo e ela adormeceu novamente — Henry se levanta vagarosamente e pausa, com todo cuidado, a filha no berço.

— Está com dor?

— Um pouco...

— Marília! — repreende-me baixinho.

— Ok, sinto como se o diabo tivesse voltado para terminar o serviço na minha barriga — ele sorri.

— E ainda assim você está acordada? Você precisa descansar, as instruções da médica foram enfáticas: ficar quieta e não se sentando na cama sem auxílio — ele ajeita os travesseiros e me ajuda a voltar a deitar.

— Amo você — digo porque preciso expressar um pouco dos meus sentimentos para não explodir.

— Também amo você — diz e deposita um beijo estalado nos meus lábios — agora feche os olhos e descanse pois, Valentina precisa da mamãe disposta amanhã.

Faço o que ele sugere, mas não consigo adormecer. Ainda de olhos fechados a cena de pai e filha juntos não sai da minha cabeça. Na verdade, acho que jamais esquecerei, os dois amores da minha vida em completa sintonia. Esse momento é mais um daqueles que ultrapassa a memória e se registra no coração.

— Amor, ainda está acordado? — pergunto, um tempo depois.

— Sim, a dor intensificou? — Ele se levanta prontamente. — Quer que eu chame a enfermeira?

— Não, está tudo bem — Henry deixa escapar um suspiro de alívio — desculpa te assustar, mas eu queria dizer que amo infinitamente você e a família que estamos construindo.

— Eu também, mas você precisa descansar — insiste — amanhã você pode tecer dezenas de elogios ao meu respeito e eu os aceitarei sem interromper.

— Eu prometo que amanhã os repetirei, mas eu preciso dizer tudo isso hoje ou não conseguirei dormir. Você é o melhor companheiro que eu poderia ter, é o meu amigo de todas as horas e momentos. Mas isso todo mundo que nos

conhece sabe, está estampado no meu rosto a felicidade de compartilhar a vida ao seu lado. Mas como pai — faço uma pausa para lidar com as lágrimas que ressurgem — como pai, tenho certeza que você será infinitamente melhor. Acabou de demonstrar isso estando atendo às necessidades da Valentina. E o jeito que você olha para ela é de um amor tão puro que faz eu me derramar em lágrimas mais uma vez. Se existisse um título de pai do ano, eu o daria a você.

— A gente pode providenciar isso — ele sorri.

— Tenho certeza que a Valentina fará questão de ajudar.

— Já deu para notar que ela é obstinada como você e já conquistou uma parte do meu coração — confessa sorrindo — é tudo ainda muito confuso, estou num turbilhão de sentimentos, mas ainda assim é tudo estranhamente perfeito. Você entende?

— Entendo sim.

— Ter um filho era algo que eu jamais havia sonhado, mas a Valentina chegou e me envolveu de tal forma que é como se sempre estivesse aqui. É louco que em tão poucas horas eu não consiga mais imaginar os meus dias sem ela.

— Eu sou uma mulher de muita sorte por ter você ao meu lado.

— A sorte é toda minha — seus olhos estão marejados — você me deu o melhor dos presentes, acertando em cheio, mesmo quando eu achava que ele seria pesado demais para eu carregar.

— Nós carregaremos juntos, dividindo o peso.

— Sim, revezaremos os braços para que o fardo seja um tantinho mais leve para cada um. Eu sei que não vai ser fácil, esse era o meu maior medo, tinha uma lista de “contras”, mas prometo não sair do seu lado. Seguiremos de mãos dadas.

— Eu amo você um pouquinho mais agora — digo, soluçando.

— E eu vou te amar um pouquinho mais quando ouvir o seu ronco — sorrio — durma, antes que ela acorde faminta.

A maternidade real é composta de amores e dissabores. Inseguranças e medos. Erros e acertos. Mas o que mais importa nessa jornada é quem está ao seu lado e eu, definitivamente, não poderia estar mais bem acompanhada.

22



Henry

Sou um publicitário, ou seja, eu deveria evitar ou pelo menos reinventar os clichês, mas nada seria tão bom quanto: a vida é uma caixinha de surpresas. Nada se encaixaria melhor no contexto! Eu, que não curtia alterar os planos e seguia fielmente a rota traçada, nunca pensei que fosse estar tão feliz com a guinada que a minha vida deu.

Retornar para casa depois de um dia cansativo no trabalho e ter que dar continuidade a jornada porque tinha que ser pai da Valentina, apesar de cansativo, é muito prazeroso. O sorriso banguela passou a ser o meu favorito e faz valer a pena todas as fraldas sujas e os xixis que ela faz sobre mim.

Valentina é uma criança serena, logo seu choro indica fome ou dor. Por isso a angústia me abate assim que entro no apartamento. O choro dela me recepciona ainda que não esteja na sala de estar. A passos rápidos, atravesso o espaço e encontro minha filha chorando a pleno pulmões no colo da mãe que tenta consolá-la.

— O que houve? — Indago preocupado.

— Cólica — Marília me olha aflita enquanto balança a filha para acalenta-la — já dei o remédio de gases e estou aguardando fazer efeito.

— Ela está chorando muito, não é melhor levar ao hospital?

— Pensei nisso, mas a pediatra me tranquilizou e pediu que eu medicasse e realizasse os movimentos circulares em torno da barriga. Já fiz tudo isso e estou aguardando o remédio. Além do mais ela afirmou que está um surto de virose e levá-la ao hospital apenas facilitaria o contágio.

— E o que a gente faz agora?

— Espera — ela lamenta e volta a cantarolar a canção de ninar.

O choro de Valentina é cada vez mais alto e eu sofro por não poder fazer nada para aliviar a sua dor. Minutos depois, o toque insistente do telefone residencial se junta ao choro da bebê. Estranho a ligação no meio da noite, pois quase ninguém tem esse número.

— Deve ser a sua mãe — Marília avisa — eu mandei uma mensagem aflita e o meu celular descarregou.

Assinto e sigo para a sala para atender a ligação.

— Alô? — assim que atendo minha mãe me bombardeia com soluções para aliviar a cólica.

Escuto com atenção as suas instruções. Uma das orientações é que façamos uma compressa com uma fralda de pano aquecida no calor do ferro de passar.

— Certo, vamos fazer aqui e te avisamos. Obrigado.

— Tem mais! — prossegue — depois dessa compressa ela dormirá melhor se estiver em contato com a sua pele. Dizem que a pele do homem é mais quente que a da mulher, portanto tire a sua camisa e a da bebê e encoste-a no peito: o contato com a sua pele ajudará a acalmar a minha neta.

— Mais alguma dica baseada na credence popular? — perturbo.

— Eu criei dois filhos e estou no terceiro neto, acredite em mim quando digo que funciona.

— Eu acredito — sorrio.

— Qualquer coisa me ligue, você sabe que eu durmo tarde.

— Pode deixar mãe, beijo.

— Beijo — ela se despede e eu encerro a ligação.

— O que ela disse? — Marília pergunta quando retorno para o quarto.

— Que devemos fazer uma compressa morna por uns dez minutinhos. Preciso apenas do ferro de passar e da fralda de pano.

— Fralda na terceira gaveta da cômoda e o ferro no suporte da área de serviço — informa.

Pego a fralda e sigo apressado para a área de serviço, demoro alguns minutos na tarefa até voltar com a fralda quente. Marília deita a Valentina no berço, que a essa altura está rouca de tanto chorar. Ela retira o *body* e a deixa apenas de fralda descartável. Coloco a fralda sobre a sua barriga e alguns segundos se passam até que, como num passe de mágica, o choro vai silenciando aos poucos.

— Graças a Deus! — Marília exclama aliviada — Já estava pensando em levá-la a emergência mesmo.

Eu a abraço.

— Está tudo bem — ela se aninha ao meu peito — por que você não aproveita que ela se acalmou e dorme um pouco? Você parece cansada.

— Eu realmente estou exausta — confessa — você veste a roupinha dela depois e a coloca para dormir?

— Não se preocupe.

— Filha, mamãe vai dormir um pouquinho, mas papai estará aqui ao seu lado.

A menina pisca como se concordasse com os termos da mãe.

Marília segue para o nosso quarto deixando apenas eu e a Valentina no quartinho cor de rosa.

Parece que a fralda mágica fez a minha filha ter vontade de sujar a fralda. Antes dos dez minutos a garota fez cocô.

— Acho que o leite da sua mãe está estragado — digo, ao abrir a fralda para trocar.

Limpo-a, passo pomada e coloco uma fralda limpa. Visto uma camiseta branca com a frase “não aperte, cópia única do papai” bordada em cor de rosa e uma calça com pezinho fechado. Ela começa a se irritar por estar deitada e com tanta roupa e eu a pego, antes que comece a chorar novamente.

Nos meus braços, o pacotinho boceja algumas vezes e a balanço para dormir. Quando seus olhos se fecham, coloco-a no berço, mas a garota abre os olhinhos e o incômodo parece voltar, pois ela começa a reclamar.

— Não custa nada tentar — retiro sua camiseta e a minha e pego

novamente.

Caminho com ela nos braços até o quarto onde Marília dorme profundamente. Lembro das palavras da minha mãe e decido testá-las para não precisar acordar a exausta mamãe.

Deito-me e a coloco sobre mim, o toque das nossas peles a faz relaxar e, alguns minutos depois, enquanto cantarolo uma canção de ninar, ela adormece.

— Parece que a vovó sabe mesmo das coisas — digo e fecho os meus próprios olhos, me rendendo ao cansaço.



Quando ela chora novamente, acordo rapidamente para evitar que a Marília desperte, mas é tarde demais.

— A quanto tempo você está acordada? — ela está nos encarando com um sorriso no rosto.

— A tempo o suficiente para admirar essa cena e registrá-la no meu celular — diz, sorrindo — me dê, acho que agora ela está com fome.

Levanto com cuidado e coloco a pequena nos braços da mãe.

— Seu seio ainda está ferido? — pergunto, preocupado.

Amamentar é um gesto lindo, mas não deixa de ser doloroso. Vi o quanto a Marília sofreu em mais essa etapa.

— Não, faz um tempinho que melhorou. Você chegou e veio direto para nós, o papai do ano também precisa se alimentar. Tem comida da Santa Shirley no micro-ondas.

— Tinha esquecido completamente da fome quando a ouvi chorar, mas agora que me lembrou, parece que tem um buraco no meu estômago.

— Vá comer, é o tempo da Valentina acabar de mamar e aí podemos dormir.

— Sim, senhora — obedeço, saindo para matar minha fome.





Marília cobre seu corpo com a manta e beija o rosto da filha quando entro no quarto da Valentina.

— Vamos voltar para cama? — Estendo a mão e ela aceita.

— Você está se saindo melhor que a encomenda... Já disse isso e não canso de repetir. Eu te amo!

— Eu posso escutar para sempre — sorrio convencido.

— Eu posso fazer muito mais do que dizer — fica na ponta do pé e morde o lóbulo da minha orelha, minhas mãos instantaneamente enlaçam a sua cintura — hum alguém está ficando animadinho — se esfrega contra meu pau.

— Vamos sair daqui antes que a gente traga luxúria para esse ambiente cândido.

— Só se for agora!

Damos alguns passos para fora do quarto, mas o choro da nossa filha nos paralisa.

— Pelo visto Valentina tem outros planos para nós — sorrio.

— Com toda certeza — ela estende a mão e seguimos juntos de volta ao quarto.



Levou cerca de cinquenta e cinco dias para que a gente transasse depois do parto. A médica havia recomendado um resguardo de quarenta dias, mas esperamos um pouco mais. Ainda assim, o sexo passou a ser quase cronometrado entre uma soneca e outra da Valentina quando eu chegava do trabalho.

Ainda assim, ouvir a minha esposa dizer ofegante, depois de gozar pela primeira vez depois de tantos meses me deixou extremamente feliz:

— Meu Deus, Henry, eu tinha esquecido como é bom...

— Pois eu não consegui esquecer, cada vez que eu tomava banho ou via você de lingerie, eu lembrava do seu gosto na minha boca.

— Estou me sentindo quase virgem de novo! Querendo agarrar você em qualquer minuto disponível — confessou.

— Vamos resolver isso, quando acabarmos você vai desejar mais uns dias de resguardo! — Essa foi a minha promessa, mas é claro que a Valentina não permitiu que eu a cumprisse naquele dia.

Alguns dias depois de nossa filha completar seis meses, decidi que era hora de termos um momento só nosso. Liguei para minha sogra e perguntei se ela poderia ficar com a Valentina por algumas horas. Ela, claro, aprovou a ideia e nós combinamos o dia e o horário em que eu a deixaria em seu apartamento.

Liguei para um restaurante japonês que a Marília adorava jantar e fiz reserva e depois mandei mensagem para a própria, avisando sobre o seu compromisso.

**Temos um jantar nessa sexta, às 20h. Valentina tem três babás para essa noite e eu não aceito recusa. Quero você só para mim.**

Cerca de meia hora depois ela me mandou a resposta:

**Tudo bem, papai. Serei toda sua!**

Agora é só contar os segundos até a sexta.

23



Marília

Ser mãe não é tão simples quanto mostram as fotografias. Todo mundo tem uma dica, um palpite e uma receita mágica para melhorar a vida do bebê e você, enquanto mãe, tem que desviar algumas vezes e fazer suas próprias escolhas.

Sabe o que eu percebi ao longo desse tempo em que tenho a Valentina? Que todos falam sobre o bebê e quase ninguém sobre você. Ninguém publica foto despenteada, com o seio ferido e sem tomar banho, mas é assim que está na maior parte do tempo.

Por sorte a minha mãe fez esse papel, por ser enfermeira e por ter tido três filhas ela sabia como eu ia me sentir e me disse que estava tudo bem em me sentir exausta e chorar, às vezes. Disse que eu saberia que caminho seguir e que, dia após dia, eu aprenderia com a minha filha o que era ser mãe.

É louco, sabe? Mas é exatamente assim. Eu me descuidei nos primeiros meses e não me senti culpada por isso. Cabelo em pé, camisola ou sutiã de vestimenta e unhas sem esmalte. E foi inacreditável o apoio que recebi do meu

marido.

Eu juro que se soubesse o quanto um filho transformaria o que era bom em melhor ainda, teria feito lavagem cerebral no Henry para que ele aceitasse ser pai. Sei que não fui honesta na concepção da Valentina, mas havíamos superado isso e o homem ao meu lado tem se mostrado leal, companheiro e assumido suas tarefas dia após dia.

E agora, seis meses depois, vamos sair sozinhos pela primeira vez. Sinto um misto de expectativa e receio. Fui ao shopping mais cedo com Valentina e a minha irmã mais nova para comprar alguma coisa para usar e acabei optando por um macacão longo cor de vinho.

E agora, enquanto o visto, sei que fiz a escolha certa. As alças tem a grossura de quatro dedos e seu decote em V mostram o meu colo avantajado. Além disso, ele é transpassado na cintura, o que gera um efeito alongado e que disfarça a barriga. Graças ao seu tecido *viscolycra*, o macacão estica nos lugares certos e é muito confortável.

Prendo os meus cabelos em um coque folgado e coloco brincos grandes, coisa que não uso há um tempinho para evitar que a minha filha os puxe. Nos pés, arrisco uma sandália de salto quadrado: elegante e sem dor nas pernas. Maquiagem básica com batom nude e lápis de olho e estou pronta para sair.

Já havia preparado a bolsa dela com roupas, fraldas, lenços umedecidos e remédios, além de ter tirado o meu leite para o caso dela preferir tomá-lo ao invés do mingau. Meias, mantas, babadores, brinquedos... Tá faltando alguma coisa?

— Marília?

— Já estou indo, amor! — grito, pela terceira vez.

— Se não sairmos agora vamos perder a reserva.

Saio do quarto carregando o talco e o perfume da Valentina.

— Acho que estou esquecendo alguma coisa...

— Já conferi e tem o dobro de coisas que ela vai precisar usar em algumas horas.

— Mas...

— Cadê a sua bolsa?

— Vou levar só essa carteira.

— Tão prática consigo e exagerada com ela — ele ri — vai ficar tudo bem, vamos voltar para casa antes que ela vire uma abóbora — faço careta com

a comparação com a carruagem da Cinderela.

— Vamos para a cadeirinha, delícia? — falo com voz infantil e a pego do colo do pai, prendendo-a no bebê-conforto.

Henry pega as duas sacolas enormes que eu arrumei para a Valentina e a chave do apartamento. Saio de casa e chamo o elevador enquanto ele tranca a porta.

— Vamos para a casa da vovó! — anuncio ainda dividida sobre ser correto deixá-la sem os pais tão nova.



Depois de deixar a Valentina na casa da minha mãe, com duas mil recomendações para me ligar se precisasse, seguimos para o restaurante. Quando noto que se trata de um japonês, aperto a mão que segura a do Henry.

Ele sabe que eu amo comer aqui e tem mais de um ano que não vou a esse lugar. Entramos e nos sentamos na mesa reservada, ele me olha atentamente.

— Você é linda, mas hoje está espetacular. Amei a roupa!

— Ah, esse trapo? Achei jogado no meu guarda-roupas — ele ri, porque obviamente é uma piada — será que ela vai ficar bem?

— Sua mãe é enfermeira, sua irmã é nutricionista e a outra vai paparicá-la até dizer chega. O perigo é a nossa filha não querer voltar para casa... — rimos juntos.

— Tem razão, vamos pedir?

Henry faz um sinal para o garçom e nós fazemos os nossos pedidos. Ele, como de costume não escolhe nada cru e acaba optando por Tempura de camarão, que nada mais é do que camarões empanados e Robatas que é o nome em japonês para os espetinhos de legumes, peixes e carnes feitos na grelha. Já eu, peço uma pequena barca com Sushis, Hossomakis, Sashimi, Uramaki e tudo o mais de que tenho saudades de comer. Infelizmente, não posso tomar Saquê porque é bebida alcoólica e ainda estou amamentando, por isso acabo tendo que me contentar com o Matcha, isso mesmo chá verde.

— Pode beber, Henry, eu dirijo na volta — lamento um pouquinho em voz alta.

— Vou dispensar o Saquê, mas não quero esse chá horrível, vou beber cerveja mesmo — ele diz e o garçom sorri, anotando os pedidos antes de se retirar — vai ser só uma, quero estar bem sóbrio quando sairmos daqui.

— Hum... Será que não podemos pular logo para essa parte?

— Quer dizer que não quer mais os peixes crus?

— Quero dizer que prefiro o seu peixe-espada — digo e ele gargalha alto, fazendo as pessoas olharem para nós.

— Você se superou na analogia!

— Obrigada.

Quando a comida chega, nós comemos e relembramos a primeira vez em que o Henry comeu japonês comigo e detestou. Falamos sobre viagens, fizemos planos para pensar em nos mudar do apartamento para uma casa e sorrimos. Como rimos de tudo, como sempre foi e como eu espero que sempre seja.

— Vai querer a sobremesa? — pergunta quando pouso o Hashi sobre o prato.

— Você não fazer eu dizer que quero a sua banana *split*, vai?

— Você já disse — ele gargalha — e eu não vejo a hora de dá-la inteirinha para você.

— Peça a conta logo pelo amor de Deus — imploro, ele ri e obedece, fazendo um sinal para que o garçom traga a conta.



— Sério, acho que podemos transar no carro para relembrar aquela vez no estacionamento do shopping, você lembra? — digo enquanto dirijo pelo caminho que ele indica.

— Como é que posso esquecer, você parecia uma contorcionista, mas não vamos transar no carro, qual seria a diferença entre isso e uma rapidinha na sala?

— Como está romântico esse meu marido... — perturbo.

— Apreciando os momentos como se deve. Dê a seta para entrar a esquerda e... Chegamos! — ele avisa e eu olho para frente e me deparo com um belíssimo motel.

Estaciono na vaga do quarto que o recepcionista do motel indicou e puxo o freio de mão. Henry sai rapidamente do carro e, antes que eu possa fazer o mesmo, abre a porta do motorista para que eu saia.

Ele estende a mão, tal qual um príncipe faria para recepcionar uma princesa e eu deposito a minha ali. Henry a leva até os lábios e beija o dorso. Levanto do carro e estou quase fazendo uma revência, como piada ao seu cavalheirismo, quando sua língua vem à tona. Ele lambe, de leve, a minha mão e o toque injeta uma dose de excitação em meu corpo.

Meu marido me puxa e meu corpo vai de encontro ao dele. Passo os braços por seu pescoço e ergo a cabeça em busca da sua boca. Nosso beijo sempre foi bom, mas ao longo do tempo nós acabamos nos acostumamos a ele: lento e carinhoso. Foi assim que ele começou agora, mas quando seus dedos se enfiaram nos meus cabelos, soube que o ritmo ia mudar.

Nós passamos a nos devorar, como se só provar não fosse o bastante. Minha língua duela com a dele em prol de mais desejo. Mudo o ângulo da cabeça para aprofundar o beijo e me perco naquela delícia. Perco também o fôlego, algum tempo depois, quando as mãos dele seguem pelas minhas costas até apertar a minha bunda. Inclino-me para a frente, me esfregando de um lado para o outro com firmeza, até ouvi-lo respirar fundo.

Henry faz pressão nas minhas nádegas e, em seguida, me retira do chão. Envolver minhas pernas em sua cintura e jogo minha cabeça para trás quando ele deixa a minha boca para beijar o meu pescoço.

Meu corpo está em chamas, como há muito tempo não ficava. Sinto como se o meu sangue borbulhasse em minhas veias e que tal efervescência respondesse no meio das minhas pernas. Minha boceta se contrai, tão louca de desejo quanto a sua dona.

Continuo agarrada a ele que anda até o quarto e para, antes de chegar até a enorme cama, me colocando no chão.

— Eu quero ver você... — ele diz procurando o zíper do macacão.

— Apague a luz, deixe só as luminárias — peço, lembrando que ainda não voltei ao meu peso ideal. Sem mencionar as estrias que apareceram em alguns pontos do meu corpo.

— Não, eu quero admirar cada parte sua. Você sempre foi muito bonita e isso não mudou.

Ele encontra o zíper nas costas da peça e o abre lentamente. Suas mãos seguem para os meus ombros e fazem com que a minha roupa escorregue até

parar nos meus pés.

Estou usando um conjunto de calcinha e sutiã pretos. Rendados, um pouco maiores do que eu costumava usar, mas ainda assim sensuais.

— Maravilhosa — ele segura a minha mão e me ajuda a sair de perto da peça — você está maravilhosa!

— São seus olhos...

— Não, é você — ele me faz chegar mais perto e abre o fecho frontal do meu sutiã, se desfazendo da peça rapidamente — essas duas maravilhas aqui não são ilusão de ótica!

Ele aperta os meus seios e tenho vontade de lembrá-lo sobre o leite, mas é como se ele soubesse que eu ia fazê-lo e abocanha o bico direito, sugando com firmeza.

— Eu não me importo — exclama quando passa a língua por todo o seio antes de ir para o esquerdo — eu amo tudo que vem de você!

Ele segue sugando os meus peitos e, devo confessar, é a coisa mais maravilhosa dos últimos tempos. Depois de tanta dor naquela região, sentir prazer vindo dali é catártico.

Minha boceta molhada continua se contraindo e sou capaz de gozar apenas com o meu marido mamando. Mas ele tem outros planos.

— Deite, sinto saudade de chupar você como se deve.

— Quem sou eu para discordar, não é? — perturbo e recebo um tapa na bunda como resposta.

Seus elogios fazem com que eu me sinta mais confiante, por isso eu mesma tiro a minha calcinha, devagar, antes de me deitar na cama. Fico próximo a beirada, flexiono os joelhos e abro bem as pernas.

Henry se ajoelha no chão e segura as minhas coxas, apoiando as mãos ali para que elas se abaixem. Quando elas ficam na posição em que ele deseja, ele as solta.

Aguardo que sua boca recaia sobre a minha boceta com lentidão, mas não é o que recebo, Henry me lambe rapidamente antes de impor sua língua ao meu clitóris. Eu a sinto de um lado para o outro incessantemente e os meus quadris se levantam da cama em reflexo.

Em resposta, dois dedos me invadem sem que eu espere e eu grito alto, me liberando da necessidade de ser silenciosa. Somos apenas nós dois, podemos fazer o que quiséssemos.



— Me deixe beber seu gozo, amor...

Puta que pariu!

Henry intensifica as investidas dos dois dedos dentro de mim, entrando e saindo cada vez mais rápido. Sua boca passa a beijar meu clitóris de diversas maneiras, mas é quando um dedo invade meu ânus, ativando outra zona erógena, que eu explodo em um orgasmo avassalador.

24



Henry

Eu a sinto estremecer completamente em um gozo lindo e me dedico a continuar o meu serviço, bebendo o seu orgasmo.

O gosto dela em minha boca ainda é o meu sabor preferido. Mas preciso de mais.

— Ainda não estou satisfeito — lembro-a da minha ereção — que tal colocar essa bunda deliciosa para cima?

Minha esposa se vira na cama, ficando de barriga para baixo, e flexiona apenas os joelhos. Seu rosto continua no colchão.

Eu fico de pé e me posiciono entre suas pernas, baixando um pouco o seu quadril para poder me enfiar em sua boceta molhada.

Quando a penetro, ela geme.

Quando saio, ela lamenta.

E nós seguimos nesse ritmo, porque eu faço questão de sair quase completamente para entrar de uma só vez.

Nossa, como senti falta de fodê-la assim, sem reservas.

Acelero os movimentos, fazendo com que nossos corpos se choquem com uma frequência de tempo cada vez menor.

Minha respiração está entrecortada, meus batimentos cardíacos acelerados e eu respiro cada vez mais fundo a cada estocada.

A sinfonia de gemidos se intensifica e eu pequenos arquejos indicam de que estou chegando ao meu limite.

— Goza comigo, gostosa — digo, antes de umedecer um dedo e fazê-lo se enfiar no cu dela.

Não preciso mexê-lo, apenas deixar que o meu pau faça o restante: entrando e saindo. Entrando e saindo.

Sinto suas paredes internas me apertarem e juntos nos perdemos no caminho do prazer.

— Ahhhhhh! — Gozo gritando alto.

Caio ao seu lado na cama com a respiração desregulada. Ela, que também deixa o corpo se jogar relaxado, vira o rosto e me encara.

— Uau e sem precisarmos dos produtos da Quickie Sex — perturba — Chupa Liam!

— Essa não é uma boa frase para dizer quando se está pelada, querida esposa.

— Oh, quanta maldade nesse coraçãozinho!

— No meu coração só há amor, agora no restante do meu corpo, assim, olhando para o seu...

— Se recuperando rápido, Henry?

— Querida, sabe-se lá quando teremos outra chance dessa? — levanto a sobrancelha.

— Tem toda razão, será que tem banheira aqui?

— Se não tiver, a gente dá um jeito — sentencio, levantando-me para conferir.

Tinha banheira e nós a usamos em um banho relaxante de casal que foi seguido por uma rodada de sexo na água. Depois, encaramos o relógio e decidimos que nossa noite estava encerrada. Apesar de maravilhosa e quente, precisávamos pegar a nossa filha e retomar a sua rotina.

Ao fim da noite, quando chegamos na casa da minha sogra já nos

moendo (novamente) com um pouquinho de culpa, descobrimos que a Valentina não estava nem aí para nós e dormia como um anjinho.

Isso até chegarmos em casa. Lá, ela aproveitou para se manter bem acordada em seu fim de turno noturno.



Eu terminava de responder um e-mail de um cliente quando uma batida na porta do escritório roubou a minha atenção.

— Atrapalhamos papai? — Marília adentra na sala com Valentina no colo.

— Vocês nunca atrapalham... — Respondo, sorrindo.

— *Papa* — Valentina estica os bracinhos em minha direção para que eu a pegue no colo.

A primeira palavra que ela falou foi papai, nem preciso comentar o quanto isso me deixou abobalhado, não é? A mãe ficou dividida entre orgulho e mágoa, alegando que passou nove meses carregando a criaturinha para ela chamar o pai em sua primeira expressão.

— Papai estava contando os minutos para acabar o trabalho, chegar em casa e encher você de beijos — eu a pego e coloco esse plano prática em prática. Ela sorri a cada beijo recebido na barriga.

— E eu não ganho um beijo? — Marília faz biquinho.

— Será que a mamãe merece um beijo, amor? — a garota bate palminhas em confirmação.

Inclino-me e beijo Marília. O beijo é apenas um roçar de lábios, rápido e estalado, como geralmente é quando se tem uma criança entre você e sua esposa.

— O que as mulheres da minha vida fazem aqui? Achei que essa fosse sua tarde de folga.

— Não me diga que você esqueceu? — Marília arqueia a sobrancelha e nesse momento minha mente cataloga todas as datas importantes e o pânico se instaura aos poucos.

— Hoje não é seu *mesversário*, é filha? — Olho para Valentina, mas ela está mais preocupada em arrancar a tiara do cabelo do que em qualquer coisa ao

seu redor.

Sim, a cada mês celebramos a vida da Valentina na companhia das vovós, titias, titios e quem mais quiser aparecer. Marília brinca que é a minha dose homeopática de socialização para a festa real, quando nossa filha completar um ano. Isso foi algo com o que fui obrigado a conviver e a me acostumar. Com o nascimento da Valentina, o universo infantil circunda a minha vida de tal maneira que já sei todas as canções infantis, conheço as crianças por nome do *playground* do nosso condomínio e os aniversários precisaram se tornar uma celebração divertida.

Muito diferente do que foi a festinha do meu afilhado, algum tempo atrás. Aliás, precisei me desculpar com meu irmão e minha cunhada e, a cada *mesversário*, meu irmão faz questão de me encher o saco até dizer chega. Vingativo, ele.

— Não papai, vou refrescar a sua memória — Marília responde pela filha e coloca a tiara de volta a cabeça da menina — hoje é o vale *night* da minha mamãe e ela está ansiosa para encontrar as minhas titias e suspirar pelo Tom Cruise em mais uma das suas missões impossíveis — olho feio para ela que me mostra a língua.

Para equilibrar com o meu futebol quinzenal decidimos, em comum acordo, que uma noite por mês Valentina ficaria sob os cuidados do papai, para que a mamãe tivesse uma noite só sua. E hoje era uma dessas noites e eu havia esquecido completamente.

E tinha combinado de assistir UFC com o Liam.

— Então hoje é o nosso dia, pequena. Sabe para onde vamos? Para a casa do padrinho.

— Do Liam? — Marília indaga surpresa.

— Ela tem outro padrinho?

— Ele sabe que você está indo para lá? — Assinto em confirmação.

Na verdade, havíamos combinado de assistir o UFC, então tecnicamente ele me aguarda no seu apartamento. A única diferença é que teremos companhia nessa noite.

O toque do seu celular é o gongo da salvação, não precisarei revelar que Liam não sabe que a sua afilhada está prestes a integrar o clube do Bolinha.

— É a Maíra — ela aponta para a chamada em espera — você tem certeza que é uma boa ideia levá-la até a casa do Liam? Ele é um homem solteiro de hábitos noturnos e posso apostar que no seu apartamento há muitos indícios

que mulheres estiveram ali.

— Isso é jeito de falar do padrinho da sua filha? — Perturbo, sorrindo.

— Eu amo o Liam, mas...

— Eu sei que você está preocupada em expor a sua filha ao universo do Liam, mas eu estarei lá e garantirei que ela não tocará em nada que não tenha sido imbuído em álcool em gel.

— Isso é reconfortante — ela sorri e a chamada reinicia.

— Amor, pode ir tranquila.

— Ok — ela atende à ligação — oi, passei na agência para deixar a Valentina e já estou a caminho — a irmã diz algo do outro lado e ela gargalha alto — beijo — encerra a ligação e as risadas.

— Qual era a piada?

— Você não vai gostar de ouvir.

— Tente.

— Ela estava brincando que a Missão Impossível é não suspirar por Tom Cruise durante duas horas e dez minutos.

— Ele não é jovem como em Top Gun, não entendo todo esse motivo para suspirar...

— Amor, ele é como vinho, só melhora com o passar dos anos — rebate empolgada.

— Você tinha razão, não gostei da piada.

— Não precisa sentir ciúmes dele, você é o meu Ethan da vida real — faz menção ao agente secreto interpretado pelo Tom Cruise — e ao seu lado eu vivencio as melhores missões da minha vida — se declara sorrindo.

— Prepare-se para me retribuir essa piadinha com a boca depois — digo, tampando os ouvidos da minha filha, que move a cabeça indicando que não gosta daquilo.

Marília pisca e sai da minha sala sorrindo.



Quando o Liam abre a porta, solta a primeira pergunta que vem a sua

cabeça:

— O que ela faz aqui?

A cara dele é de terror e se eu não conhecesse tão bem esse canalha, interpretaria sua reação como um sinal de rejeição, mas não é. Ele é apenas uma daquelas pessoas que não sabem como agir com uma criança, tem medo de pegar no colo e machucar, não sabe como iniciar uma conversa e foge como o diabo foge da cruz de bicos e mamadeiras.

E por que, ainda assim, optamos por ele para ser o padrinho da nossa filha? Porque ele é nosso amigo e nós sabemos que esse distanciamento infantil é mais uma das suas camadas manter a sua fachada de CEO solteiro e desprendido de sentimentos.

— Oi para você também, padrinho — sorrio.

— Olá, Valentina — ele acena para a menina que estica os braços em sua direção.

— Esqueci completamente de que Marília iria ao cinema com as irmãs hoje... — respondo a sua pergunta.

— A gente podia ter remarcado....

— E esperar meia década para a nova luta dos ícones dos pesos médios?

— Você tem razão — coça a cabeça — é que uma criança nunca esteve aqui.

— Vou tentar não mijar no seu sofá de couro, *dindo* — perturbo — segura ela — ele não se mexe e deposito o bebê em seu colo — vou pegar o resto das bolsas no carro.

— Henry, eu não sei segurar... — escuto ao longe o seu protesto.

Quando retorno para o apartamento ele está parado no meio da sala, encarando a Valentina intensamente.

— Seu filho da puta, não em deixe mais sozinho com ela — repreendo-me irritado — e se ela chorasse?

— Ela não chorou e não foi uma experiência traumática, né filha? — Pego-a no colo.

— Para mim foi — deixa escapar um suspiro longo — foram os três minutos mais angustiantes da minha vida.

— Exagerado — sorrio.

— Não vou nem perguntar se você quer cerveja — olha para Valentina que brinca com o seu celular de brinquedo — vou pegar os petiscos.

Valentina solta alguns puns e a sua testa franze indicando que ela está prestes a fazer o número dois.

— Seu padrinho vai adorar filha — sussurro e ela sorri de modo sapeca como se soubesse que estava batizando o ambiente intocável do Liam — onde posso trocá-la? — Indago quando ele retorna com os petiscos em mãos.

— *Argh!* tem certeza que uma troca resolve? — pousa a bandeja na mesa de centro e tampa o nariz — como uma coisa desse tamanho pode produzir algo tão fedido?

— Não é tão ruim assim — rebato e sigo seus passos que me levam até a sua suíte — esse lençol foi trocado hoje?

— Foi, idiota. E como assim não é tão ruim? — questiona perplexo — se o meu cocô tivesse esse cheiro eu procuraria um médico com urgência. Não é normal.

Liam continua a discorrer sobre o odor do cocô da afilhada e eu o ignoro por completo. Abro sobre a cama o trocador de tecido que carregamos para todo o lugar e deito a Valentina sobre ele.

Lenço umedecido + pomada para assadura + fralda limpa= bebê feliz.

— Estou pronta para a próxima — pego-a no colo e entrego a fralda suja para Liam — joga no lixo, por favor.

— Eca! — Ele faz cara de nojo e se livra rapidamente da fralda — me diz que isso é o máximo que esse rostinho de boneca faz.

— Espere só ela tomar a mamadeira e eu colocá-la para arrotar — sorrio.

— Como você pode achar tudo isso lindo? Ok, esses olhos azuis vivos, fios loiros e a expressão de saúde fazem dela uma princesa maravilhosa, mas é nojento tudo que ela produz. Eu queria saber qual é o feitiço que um bebê trás, veja você, um homem racional, achando fofo o cocô do bebê.

— Deixa apenas você ter seu filho que a gente retoma essa conversa. E aí, você mesmo me explicará sobre o feitiço — pisco em sua direção.

— Está repreendido! — Ele corre até a porta e bate três vezes na madeira — eu não me tornarei um novo Henry. Um papai babão que consegue romantizar essas coisas nojentas. Vamos assistir a luta que preciso de uma dose extra de testosterona para afugentar esse universo infantil.

Valentina e eu trocamos um sorriso cúmplice de quem sabe como essa história termina.



# EPÍLOGO



*Cinco anos depois...*

## Henry

Os desafios pelos quais imaginei que passaria antes de ser pai não são nada parecidos com os que de fato passei quando a minha filha nasceu. Confesso que as coisas são bem difíceis. Mas fica mais fácil encará-las quando você sabe que, ao chegar em casa, vai ter a coisa mais linda do mundo sorrindo para você e te chamando de “papai”.

Nesses cinco anos, a Valentina me ensinou mais do que eu a ela. Sobre renúncia, doação, amor e força. Sim, eu aprendi que sou mais forte mesmo tendo um ponto fraco tão visível. Os primeiros passos dela foram dados na sua festinha de um ano. E ali, entre tantas testemunhas, ela se exibiu toda dando três passadas para pegar o urso cor de rosa que a mãe segurava.

Dizem que ela tem o meu gênio e, cara, fico muito feliz com isso. Significa que, num futuro bem distante, os meninos vão ter trabalho com ela. Se o gênio é meu, a beleza é toda da mãe. Os cabelos claros estão na altura do ombro e ela ama quando a mãe faz penteados sofisticados, quando eu me arrisco ela acaba com um rabo de cavalo torto. Há tarefas que realmente não consegui

aprender.

Quando ela foi para a escola, Marília chorou mais que a filha. Valentina, como o nome bem diz, é valente e ama novos desafios, por isso gosta bastante do ambiente escolar. Minha pequena gênica já reconhece algumas sílabas e eu não duvido nada que comece a ler antes dos seis anos.

Hoje é domingo e nós prometemos que seria o dia da piscina, por isso ela tratou de madrugar e correu para colocar um biquini cor-de-rosa. Nesse momento, enquanto a mãe está lá dentro preparando uns sanduíches, ela está esparramada em sua enorme boia de unicórnio e eu estou monitorando o bicho flutuante.

— Papai, *tá* na hora de ter um *rimão*...

— Suco de limão? — disfarço, fingindo que não entendi.

— Não, seu bobo. RI-MÃO!

— Ah, irmão! E para que você quer um irmão? — pergunto, por fim, mergulhando rapidamente para molhar meu rosto, antes de emergir para continuar empurrando a boia.

— *Pra* brincar, né? Na escola todo mundo tem *rimãozinhos*.

— Hum, que tal pedir para o Papai Noel? — Indico.

— O natal *tá* longe... — lamenta — é a coruja que traz os *neném*.

Eu rio, mas tento não gargalhar.

— Acho que são as cegonhas, meu amor.

— ÉÉÉÉÉ! Vivi disse que a *celgonha* trouxe um *neném pra* barriga da mamãe dela.

Graças a Deus, Marília escolhe esse momento para se juntar a nós.

— Hei, vocês dois, venham comer! — Ela grita.

— Mamãe! Venha nadar!

— É mamãe, é sua vez de responder sobre as corujas.

— Corujas? — ela pergunta sentando-se à beira da piscina, com os pés na água.

— É *celgonha*, papai! — Valentina me corrige.

— Hum... Cegonhas. Assunto delicado — Marília ri.

— É só ligar que a ela traz um *neném na* sua barriga, mamãe.

Olho para a Marília, que me encara de volta e prende os cabelos em um coque bem no alto da cabeça antes de entrar na água.

— Você está se sentindo sozinha, meu amor? — ela passa a mão molhada no rosto da menina, que assente em resposta à pergunta. — Que tal um cachorro?

— Eu quero um *rimão*!

— É um pouquinho mais complicado do que só querer, a produção da cegonha é bem demorada e dá muuuuuuuuuuito trabalho. Tem muitos pedidos na frente do seu.

— Eu deixo o neném ficar no meu quarto junto comigo. Juro juradinho que eu ajudo a cuidar dele, papai...

— Nós vamos pensar, vamos ver como está a lista da cegonha e tentar negociar — digo, por fim.

Marília se vira e me encara, levantando as sobrancelhas.

— Com você nesse biquíni é bem fácil convencer a *celgonha* — sussurro baixinho em seu ouvido.

Ela joga água no meu rosto e Valentina ri alto, levantando os braços e batendo as pernas.

— Quero ir para água! — ela pede e eu a pego no colo, deixando que entre aos poucos na piscina. As boias nos seus braços impedem que afunde.

Mesmo assim, Marília vai até a borda e pega a boia de cintura e coloca na garota.

— Quando vai ligar, papai? — ela insiste.

— Para vovó, a gente pode ligar assim que sair da piscina — Marília desconversa — os sanduíches estão uma delícia, vamos comer logo.

Valentina revira os olhos e me chama, através do gesto das suas mãos. Quando me aproximo, ela levanta os braços e eu a pego. Ela põe a mão em concha no meu ouvido.

— Ela não sabe de nada — cochicha — você disse que ia falar com a *celgonha*. Vai ser hoje, né?

— Vou tentar — sussurro de volta no ouvido dela.

— Uhu, melhor papai do mundo!

— Acho que isso me coloca na posição de mãe mediana? — Marília bufa — ah, se ela soubesse... Mais tarde vamos ter uma conversinha, Henry.

— Viu só no que você me meteu? — ela dá de ombros — vamos comer antes que as coisas piorem para o lado do papai.



— Você prometeu um irmão, Henry? Ela não vai esquecer isso.

Marília me repreende, a noite, depois que a nossa filha dorme.

— Como vamos lidar com a frustração dela quando o bebê não chegar?

Ando até ela que está de pé próximo a porta do closet, no nosso quarto.

— E se a gente tentasse falar com a cegonha? — digo, abraçando-a por trás.

— Você não está falando sério...

— Por que não? Nós temos uma casa grande, com quartos sobrando. O que significa que não perderei um escritório para colocar um berço. Além disso, temos piscina! — ela ri — somos mais maduros e já passamos por poucas e boas ao longo desses anos criando a nossa primogênita.

Ela se vira e me olha atentamente.

— Você está me dizendo que gostaria de ter outro filho? — assinto — quando eu estou com trinta e cinco anos de idade?

— Nós podemos adotar.

Os olhos dela se enchem de lágrimas.

— Você está falando sério?

— Estou, meu amor. Se você quiser podemos planejar direitinho. Pelo método tradicional, por inseminação, por adoção... Podemos aumentar nossa família .

— Minha gestação foi bem complicada, não sei se é recomendado que eu gere um filho novamente, teria que ver com a ginecologista. A ideia de adotar? Nossa, nunca me passou pela cabeça, mas no momento que saiu da sua boca eu consegui visualizar. Será, Henry?

— Podemos planejar e executar, amor. No momento, estou querendo que a gente treine um pouco do método tradicional...

— Hum... Soube que quanto maior a lubrificação feminina, maior a chance de engravidar.

— Mesmo tomando anticoncepcional?

— São as estatísticas, cale a boca e obedeça — ela diz, sorrindo.

Eu a pego no colo, como se faz com uma noiva, e a levo em passos lentos até a nossa cama.

— Quinze anos juntos e eu não me canso de tirar a sua roupa — digo, fazendo com que o vestido de alças deixe o seu corpo — você passou por tantas transformações e eu admirei seu corpo em cada uma delas.

— Graças a Deus você conseguiu manter o seu corpo em forma — ela diz, sorrindo.

— Estou tentando ser romântico sem elogiar diretamente sua boceta, dá para colaborar?

— Eu sei. E eu amo você por me apoiar sempre. Desde as vezes em que mudei as cores do meu cabelo, até depois do parto quando fiquei descabelada usando apenas camisola. Você não me julgou e me amou.

— Você sempre foi capaz de me surpreender — beijo seu ombro — mas admiro além das suas mudanças físicas. Sua força é extraordinária. Como você se desdobra em ser mãe, esposa e publicitária é surpreendente.

— Que bom que você notou — sorri — eu também ainda me surpreendo com você. A maneira com a qual você desempenha o papel de pai é linda. Nossa filha é completamente louca por você, Henry.

— Amo você, Marília — declaro, me inclinando sobre ela para que seu corpo se deite na cama.

— Eu amo você, Henry... Fico muito feliz por ter me amarrado a você naquele dia, mais de quinze anos atrás. Melhor pai do mundo — beijo seu colo, abaixando a alça do sutiã — melhor marido — ligo seu seio da peça e sugo o bico com vontade — hum... Melhor amante.

Nós nos amamos por algumas horas e adormecemos abraçados. No dia seguinte, começamos a fazer os planos para aumentar a nossa família.

# Agradecimentos

Você que chegou até aqui, muito obrigada! Esperamos que tenha mergulhado fundo na história e sentido raiva, compreensão e amor. Como a maioria dos nossos personagens, Henry e Marília são humanos. Por isso, são cheios de falhas, mas possuem uma vontade imensa de acertar.

Nossos agradecimentos hoje vão especialmente para Júlia Rol. Obrigada por ter embarcado nessa história de maneira tão profunda, por tecer comentários sinceros e por perdoar as nossas falhas nas respostas rápidas.

À Karen, por ter lido em tempo recorde e nos mandado enfiar a insegurança no bolso e nos jogar no lançamento.

A você, que estava nas nossas redes sociais perguntando “quando sai o livro novo?” muito obrigada! Isso nos motiva a começar do zero todas as vezes.

E a todas as nossas leitoras que já passaram pela experiência da maternidade: vocês são fodas!

# Demais obras das autoras

[Belo Mentiroso](#)

[Prazer em conhecê-los](#)

[Acordo Pré-nupcial](#)

[É para o meu próprio bem](#)

[Segundo Tempo](#)

[Quando a vida real não basta](#)

[No Divã](#)

# Redes sociais

Estamos sempre com ideias novas e adoramos dividir com vocês. Nos acompanhe nas redes sociais para ver os book-trailers, quotes e todas as novidades!

Instagram: [@autoraanepimentel](https://www.instagram.com/autoraanepimentel)

Perfil Facebook: [Ane Pimentel](https://www.facebook.com/AnePimentel)

Grupo (secreto) no Facebook: [Autora Ane Pimentel](https://www.facebook.com/AutoraAnePimentel)

Fanpage: [Autora Ane Pimentel](https://www.facebook.com/AutoraAnePimentel)

Wattpad: [@AnePimentel](https://www.wattpad.com/@AnePimentel)



# Table of Contents

[SINOPSE](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRQADECIMENTOS](#)

[DEMAIS OBRAS DAS AUTORAS](#)

[REDES SOCIAIS](#)